SOZINHA NO MUNDO

MARCOS REY

A MORTE VIAJA DE ÔNIBUS

"E se não encontrarmos tio Leonel?" Perguntava-se Pimpa – a garota com a oncinha amarela de pelúcia – lançando olhares angustiados pela janela do ônibus. Observara: quando o veiculo acelerava nas retas da rodovia suas preocupações se intensificavam. Preferia as curvas, mesmos as mais fechadas e perigosas; forçada a fixar-se na poltrona, esquecia momentaneamente a pergunta aflita que levava para São Paulo.

_A senhora está melhor?

Dona Aurora, a mãe de Pimpa, viajando de olhos cerrados, com uma expressão de sofrimento impressa no rosto, não respondeu. Muito doente, embarcara desobedecendo a conselho médico.

O clima do ônibus, porém, era descontraído. O motorista colocara no toca fitas uma seleção de ritmos jovens e quentes: Som gostoso, que provocava reações de alegria nos passageiros. Alguns gingavam da cintura pra cima, acompanhando os compassos musicais, enquanto outros cantavam. E quem não fazia uma coisa e nem outra, sorria. Apenas a mãe de Pimpa, imóvel, os traços retorcidos, destoava da maioria. Ela e uma mulher atarracada, de óculos de aros de tartaruga, dum todo masculinizado, sentada no fundo, que fazia uma cara feia de quem estivesse detestando tudo.

_Ali está alguém que não gosta de rock. – disse um rapaz de uns prováveis quinze anos, sardentinho, viajando em companhia duma senhora muito gorda e alta, que vendia saúde e simpatia. Mas o que pretendia com essa observação era começar um papo – talvez até uma paquera – com a bonita dona da oncinha. Apenas o corredor do ônibus separava os dois, espaço que usavam para trocar sorrisos.

Pimpa fitou a máquina que ele trazia nas mãos. Parecia um revólver sofisticado.

- O quê é isso? – Perguntou.

- Não sabe? É uma Super 8. Fiz um curso para lidar com ela. Ganhei numa gincana.

A mulher gorda e simpática acrescentou:

_Noel fez um curta metragem lindo sobre a poluição no rio Tietê. Aquelas espumas químicas, os peixes mortos... A gente sente até o mau cheiro das águas. Mandou o filme para um concurso. Aposto que ganha outro prêmio!

_Você ganhou muitos? – quis saber Pimpa.

_Não com os filmes. – Explicou o rapaz. – Com gincanas. Já venci três.

_Ele também é doido por gincanas. – confirmou a mulher, cheia de banha e de orgulho das qualidades de Noel.

O rapaz levantou-se, deu uma olhada para os passageiros e segurando a máquina com a mão esquerda, passou a direita no queixo, numa atitude de quem sente a coceira duma grande idéia.

_Vou fazer um filme!- anunciou – A Noel Produções Cinematográficas apresenta: **UMA FELIZ VIAGEM DE ÔNIBUS.**

Pimpa, que nunca assistira a uma filmagem, entusiasmou-se toda, embora menos que a mãe do cineasta.

_Filme, meu filho!- E voltando-se para Pimpa.- Está convidada para ver a fita em casa, depois de revelada. Noel tem projetor, tela, o equipamento completo. É vidrado por cinema!

Noel entrou imediatamente em ação, tirando uma “geral”, quem em linguagem cinematográfica que dizer visão panorâmica, traduziu.

_A câmera tem de mostrar, logo na primeira imagem, que o ambiente é de um ônibus em movimento – explicou o rapaz em tom professoral, filmando – Em seguida, a gente parte para os detalhes.

Noel aproximou a Super 8, em close, pertinho do felino de pelúcia, afastando-se depois de focá-lo nos braços de Pimpa, que não pôde deixar de sorrir. Mesmo imóvel e de olhos fechados, Dona Aurora também foi filmada. Um escoteiro, que viajava com mochila, embornal e bastão, fez um “Sempre Alerta”, quase encostando os dedos no olho da câmera. Um homem muito bem humorado, ao ver-se na mira da filmadora, ergueu-se da poltrona e balançou-se no ritmo da música. Aplausos. Dessa “tomada” em diante, todos os passageiros interessaram-se pela obra prima. E não como simples figurantes: faziam gestos e caretas inesperados, sempre visando despertar o riso. Alguém escondeu o rosto entre as mãos espalmadas a simular timidez; uma molecota com exagerado laço de fita nos cabelos mostrou a língua para a Super 8; um menino estourou uma boa de chiclete a poucos centímetros da lente. Essa espontaneidade, somada ao desejo de brincar, animou Noel:

_Assim, pessoal! Nada de formalidade! O senhor aí! – disse a um passageiro calvo – Tire o chapéu!

Gargalhando, o rapaz acionou a lente chamada *zoom*, que aproxima a imagem, tirando um *big close* da careca do homem. Um bebezinho, que dormia no colo da mãe, também foi filmado. Um "ator" quis aparecer no filme abocanhando uma laranja; um casal se levantou e ficou dançando no estreito espaço da passagem. Noel explicou a Pimpa que faria um P.A. um Plano Americano, uma enquadração do peito para cima, já que não dava para filmar as pernas dos dançarinos.

_E que tal um beijo? – sugeriu.

O casal não hesitou: que beijo! Todos bateram palmas e até o motorista, rindo, deu uma breve olhada para trás.

"Pena que mamãe esteja dormindo." Lamentou Pimpa "Está tão divertido!"

Aí o cineasta, já consagrado pelo público, acercou-se de sua terrível câmera daquela mulher atarracada de óculos de aro de tartaruga, na esperança de fazê-la rir e participar com os demais. Não teve êxito. Ao notar a Super 8 dirigida para o seu lado, ela fugiu com o rosto virando-se para a direita e para a esquerda repetidas vezes. Como Noel insistisse em filmá-la, a mulher escondeu a cabeça na poltrona dianteira.

_Por que não quer ser filmada? – perguntou o rapaz – Por acaso é alguma espiã?

Pimpa, curiosa para ver a mulher recalcitrante, levantou-se. Assim, também podia espichar as pernas depois de longas horas de estrada. Bastou, porém, sair da poltrona para que o corpo de Dona Aurora, como se fosse um manequim, pendesse para um lado.

O cinegrafista interrompeu a filmagem e foi ajudar Pimpa a recolocar sua mãe na poltrona.

_Dormindo com esse barulhão?

_Desde que saímos de Serra Azul.

A mãe do rapaz, prestativa, levantou-se para ver o que se sucedia.

_Minha mãe foi enfermeira. – disse Noel – E costuma trazer tudo que é remédio na bolsa. Se ela precisar de uma injeção, dessas que reanimam na hora, a velha aplica.

A ex-enfermeira, depois de apalpar Dona Aurora, examinando-a profissionalmente, olhou para o filho e para Pimpa com profunda lástima.

_Não adianta nada, meu filho. Esta senhora está morta.

PIMPA DIANTE DO JUIZ DE MENORES

Noel e a mãe, que se chamava Berenice fizeram de tudo por Pimpa e naquela noite levaram-na para dormir na sua casa. Á garota, agora restavam a mala de viagem, a bolsa de Dona Aurora com o dinheiro e Lila, a oncinha de pelúcia, cujos olhos fosforescentes brilhavam no escuro. Órfã de pai e mãe, só tinha um parente, "tio Leonel" – que nem tio era – e cujo endereço em São Paulo, desconhecia.

O enterro de Dona Aurora foi feito ás custas da Prefeitura numa quadra para indigentes. Compareceram no cemitério, além de Pimpa, Noel e Berenice, um representante da empresa de ônibus e outro do juizado de Menores. Um jovem padre proferiu algumas palavras enquanto Pimpa molhava com lágrimas a oncinha e o vestido de cor sóbria de Dona Berenice. Tudo rápido e triste.

Um carro do juizado levou Pimpa e seus amigos do ônibus. Quando enxugou as lágrimas, ela já estava sentada num escritório de móveis antigos, diante dum juiz. Procurou responder com toda a clareza as perguntas que lhe faziam. Disse chamar-se Maria Paula Ribeiro, nascida havia treze anos em Serra Azul. Evandro, seu pai, alguns anos após seu nascimento, desaparecera de casa. Um parente dele, Leonel, anos depois, aparecera em Serra Azul para uma visita cordial e a partir dali, Dona Aurora passou a receber cheques mensais, sem notícias do marido. Num natal, o pai remeteu para Pimpa, entre outros presentes, aquela oncinha.

_E quanto a este parente do seu pai, o Sr. Leonel? – perguntou o juiz.

Leonel deixara com a mãe de Pimpa um endereço em São Paulo onde morava uma conhecida sua, Regina Castelo, a quem devia escrever, se precisasse dele. Como viajava muito, não tinha residência fixa. E ela realmente precisou, anos depois, quando a remessa de cheques foi interrompida. Dona Aurora escreveu a Leonel uma carta aflita, dizendo que adoecera, o que infelizmente era verdade, e mais do que nunca necessitava de dinheiro. Depois de longa espera, recebeu de Dona Regina uma carta curta, garranchada, noticiando a morte de seu marido. Tornou a escrever: queria que Leonel informasse e logo se o marido lhe deixara algum bem. Nenhuma resposta. Mandou outra. Nada.

_E sua mãe resolveu vir procurar o Sr. Leonel – concluiu o juiz.

Fizera mais do que isso: Dona Aurora tinha vendido a casa, os móveis e utensílios domésticos e resolvera mudar para a capital. Necessitava de cuidados médicos. Em Serra Azul, nem hospital havia. Pegou a filha, despediu-se dos vizinhos e embarcaram.

_Vamos encontrar esse Sr. Leonel – garantiu o juiz – Como é o sobrenome dele?

O sobrenome do “tio” Leonel? Pimpa não sabia ou não lembrava. E sua mãe? Abriu a agenda que a falecida trouxera na bolsa. Nervosamente abriu a página da letra L.

_Aqui não tem o nome dele, doutor.

Noel sugeriu.

_Talvez ela tenha anotado pelo sobrenome. Procure página por página.

Foi o que Pimpa fez. Mas:

_Não vejo nenhum Leonel.

_E o endereço de Dona Regina Castelo? – perguntou o juiz.

_Está aqui.

_Ainda bem, mocinha! – exclamou o juiz aliviado – Deixem a agenda e esperem na sala ao lado. Vou mandar uma assistente social a casa dela. Quem sabe Dona Regina até já saiba do acontecido. A morte de sua mãe no ônibus saiu nos jornais.

Pimpa, Noel e Dona Berenice foram aguardar a volta da assistente social numa pequena sala. Pela janela aberta, que dava para um pátio imenso ladeado por um passadiço ligando diversos pavilhões, a garota e a oncinha viram dezenas de crianças mal-vestidas que transitavam ou se reuniam em grupos. Eram, evidentemente, menores abandonados ou órfãos ou ainda, fugitivos de seus lares. Pimpa não quis mais olhar pela janela.

_Como é que não sabe o nome completo do seu tio? – admirava-se ainda, a mãe de Noel.

_Ele não é meu tio, mas primo do meu pai.

_O sobrenome dos dois não seria o mesmo?

_Não, Dona Berenice, tenho certeza.

_Se forçar um pouco essa cabecinha, não será capaz de lembrar?

_Estou forçando, mas como ouvi poucas vezes, é difícil.

Noel não desejava que esse esquecimento torturasse a mocinha:

_Não se preocupe, Pimpa. Dona Regina certamente saberá o nome.

Um grito foi disparado no pátio. Noel e Pimpa, pela janela, viram um menino que tentara escalar um muro, dominando com esforço dois guardas. No mesmo instante, uma caminhonete fechada despejava mais alguns menores que chegavam. Sobre a pressão das mãos do amigo, Pimpa sentou-se novamente. Melhor não ver.

A espera prolongou-se por mais de uma hora. Afinal, um funcionário pediu que os três retornassem a sala do juiz.

_Aquela senhora, Dona Regina Castelo, não foi encontrada – disse ele.

_Foram a casa dela? – Perguntou Pimpa, ansiosa.

_Está sendo demolida.

_Os vizinhos não sabem para onde ela se mudou? – indagou Dona Berenice, com a mesma tonalidade da garota.

_As casas vizinhas também estão sendo derrubadas para dar lugar a um edifício. Mas a assistente social vai voltar ao bairro até conseguir alguma informação.

Dona Berenice fez uma pergunta já ensaiada:

_Pimpa pode ficar conosco, não?

_Há quanto tempo a senhora a conhece?

_Ficamos nos conhecemos ontem no ônibus.

A resposta não satisfez o juiz, que deu início a um verdadeiro interrogatório. Queria estar totalmente certo de que, pelo menos provisoriamente, aquela mulher podia responsabilizar-se pela segurança da menor.

_Quantos filhos têm?

_Quatro.

_Alguma menina?

_Nenhuma.

_Seu marido, o que faz?

_Faleceu, no ano passado. Deixou uma pequena pensão, graças a Deus.

_A senhora trabalha?

_Vendo produtos de beleza.

_Dá para sustentar mais uma criança?

Noel, temendo que a mãe se perturbasse com a pergunta, meteu-se rápido na conversa:

_Dá sim, Seu juiz! E depois, eu ajudo bastante!

_Noel me ajuda, sim – confirmou Dona Berenice – tudo que fica velho, ele conserta, pinta e vende.

_Nunca passamos fome – garantiu o cineasta – Pode mandar alguém lá em casa para ver!

Dona Berenice riu da reação do filho, o juiz, não. Fez mais perguntas e em seguida, entregou-lhe um papel para assinar.

_A menina fica na sua casa, então. Mas se o parente dela não for localizado, o juizado decidirá o futuro dela.

Noel e a mãe sorriram, agradecidos. Pimpa, antes de se levantar, perguntou:

_Acha que encontrarão meu "tio" Leonel?

_Temos uma assistente social infalível para encontrar pessoas – respondeu a autoridade.

UMA NOTÍCIA DESSAS, A GENTE PRECISA SENTAR PARA NÃO CAIR

A casa de Dona Berenice, situada num bairro operário da periferia, era antiga e rasteira. Noel costumava dizer que aquelas paredes sofriam de sarampo. As três janelas da rua erguiam-se a um metro da calçada. Quando abertas, a meninada da família preferia entrar por elas do que pela porta, evitando tocar a campainha.

Na sala, como nos quartos, os móveis estavam sempre fora do lugar, iguais aos de um navio após uma tempestade.

_Pessoal – Anunciou Noel quando chegaram em casa – Tudo resolvido no juizado!

Ouviu-se logo em seguida a "trilha sonora". Era o que Noel, em sua linguagem cinematográfica, chamava os ruídos que os irmãos faziam em casa. Embora conhecessem Pimpa apenas de véspera, já nutriam por ela uma amizade de arrebentar os tímpanos.

Pauleco (13 anos): Você vai morar conosco?

Tuta (11 anos): Mamãe, a senhora já tem escola pra ela?

Beto (nove anos): Seu tio já sabe que você está aqui?

Mas a pergunta mais repetida foi esta:

_Você não vai volta pro interior, vai?

E quando Pimpa respondeu que não, aí a "trilha sonora" registrou o maior número possível de vivas, obas, aleluias e outras expressões de júbilo. Foi uma festa! Se Noel não tivesse gasto todo o filme no ônibus, faria outro curta-metragem. As manifestações de ruidoso carinho somente cessaram quando a fome deu um basta na algazarra.

Pela primeira vez, dona Berenice teve uma ajudante na cozinha. Pimpa não desejava permanecer ali como simples hóspede e trabalho era o que não faltava. Dinheiro sim, pelo jeito... Por isso não devia dar despesa. E ajudando a mãe de Noel, faria com que ela ganhasse tempo para vender seus produtos de beleza.

Depois do jantar e de alguns programas de TV, foram todos dormir. Como na noite anterior, Pimpa ficou no quarto de Dona Berenice, onde haviam colocado mais uma cama.

A simpática hospedeira mesmo no escuro percebeu que Pimpa estava sem sono.

_Com receio que não encontrem seu tio?

_Estou, Dona Berenice.

_Relaxe, querida. Lembre-se que o juiz disse contar com uma assistente social muito eficiente.

Pimpa se lembrou disso, mas foi o contato com Lila que a tornou mais calma. A oncinha falava mais no escuro quando seus olhos brilhavam. “Durma, Pimpa” dizia-lhe “Aqui você está entre amigos, gente boa. É só parar de pensar e o sono vem. Ainda não dormiu desde que sua mãe morreu”. Talvez Lila tenha dito mais coisas, porém inúteis porque a garota já adormecera...

Como era mês de férias escolares, Noel e os irmãos dormiam até mais tarde. Mas Pimpa saltou da cama logo atrás de Dona Berenice para ajudá-la a preparar o café da manhã. Enquanto as duas cortavam pão e passavam manteiga, a dona da casa falava de seu cansativo trabalho de vendedora de produtos de beleza. Andava quilômetros por dia, gastava muita saliva e levava muita porta na cara pra ganhar algum dinheiro.

_Noel ajuda?

_Mesmo nos períodos de aula. Está sempre inventando maneiras de aumentar o faturamento da família. – Respondeu Dona Berenice. – Sabe o que fez esta semana? Vendeu revistas velhas para um colecionador.

_Mas do que gosta mesmo é de cinema, não?

_O sonho dele é dirigir um filme algum dia. E esteja certa de que chega lá.

Pimpa lembrou.

_Donde vinham quando nos encontramos no ônibus?

_Do norte do Estado, onde minha irmã tem uma chácara. Noel queria filmar um pouco de mato.

Não foi preciso avisar a meninada de que o café estava pronto. Logo se ouviu a “trilha sonora” e os quatro filhos de Dona Berenice invadiram a cozinha, sentaram à mesa e atacaram. Num minuto, não restou migalha de pão.

_Vamos cuidar da vida?

A simpática mamãe ia partir com sua maleta para a venda dos cosméticos. Noel e Tuta levariam o filme rodado para revelação. Pauleco ouviria rádio. E Beto também já sabia como preencher a manhã: faria um grande buraco no quintal.

_Melhor no quintal que na sala. - Brincou Noel.

_Você pode ler ou descansar mais um pouco. – Disse Berenice á Pimpa. – Eu volto ao meio dia pra fazer o almoço.

_Descansar nada! – Retrucou Pimpa. - Vou fazer uma limpeza na cozinha e na sala. O material está na dispensa.

Noel e a mãe trocaram olhares, satisfeitos com a recuperação da jovem hóspede. Ficara órfã e ainda corria o risco de ser internada numa dessas instituições pra menores, mas estava inteira e reagindo.

Dona Berenice deu em Pimpa um beijo de despedida. Noel pensou em fazer o mesmo, mas cadê coragem?

Depois de realizar alguns negócios, a vendedora de produtos de beleza, talvez com saudade da garota, voltou pra casa mais cedo do que prometera.

Pauleco recebeu a mãe, com uma cara que ele nunca fizera antes. Tudo em seu rosto, a partir do queixo, tremia.

_Mãe, senta pra não cair.

_O que aconteceu?

_Pimpa fugiu.

BEBA ÁGUA E CONTE TUDO, MEU FILHO

Pauleco, além de trêmulo e pálido, perdera quase totalmente a voz. Sua mãe correu á cozinha e voltou com um copo d'água. Todo sujo de terra, Beto apareceu na sala, mas não sabia de nada. O fato acontecera há apenas dez minutos.

A porta da rua abriu. Noel e Tuta também voltavam.

_Pimpa fugiu. - disse-lhes a mãe. – Pauleco vai contar. Quer mais água?

_Não, eu já posso falar.

Pimpa estava na cozinha e Pauleco na sala, ouvindo rádio, quando tocaram a campainha. Era uma mulher duns quarenta anos, baixa e forte, que usava óculos de aros de tartaruga. Perguntou por Maria Paula Ribeiro. O irmão de Noel chamou por Pimpa, que não demorou a aparecer.

_Quem era essa mulher?

_Disse que era assistente social e que Pimpa teria de acompanhá-la ao juizado.

Pimpa respondeu que só iria com Dona Berenice, que era responsável legal por ela. Mas a assistente insistiu, falou alto e chegou a apertar-lhe o braço.

Sentindo que a mulher estava decidida a levá-la, mesmo que fosse á força e sem esperar por ninguém, Pimpa pediu tempo pra fazer a mala. A assistente social concedeu de má vontade. Pauleco convidou-a a sentar-se. Ela não quis, impaciente. O tempo foi passando e a garota não reaparecia. A inquietação da mulher aumentou. Parecia temer que algum adulto chegasse para lhe dificultar a tarefa.

_Aí, você foi espiar no quarto. - Adiantou Noel.

_Não. A assistente social, sem dizer nada, foi entrando e começou a abrir as portas dos quartos. Tentei impedir e ela me empurrou.

_Que estúpida! – exclamou dona Berenice. – Isso não se faz na casa dos outros! E Pimpa não é nenhuma trombadinha!

Quando a assistente social viu a janela do quarto da frente aberta, entendeu: a menina fugira. Então correu para a porta da rua, saiu da casa, entrou num fusca preto e deu uma partida rápida, certamente com esperanças de encontrar Pimpa nos arredores.

_Ela deixou algum papel, alguma intimação?

_Não, mãe, nada.

Noel intrigado, também quis fazer uma pergunta.

_Você viu algum letreiro no carro? Qualquer coisa referente ao juizado?

_Não.

_Você não viu ou o carro ou o letreiro?

_Acho que não tinha letreiro, pelo menos na porta do lado direito.

Dona Berenice tentou ver o caso com otimismo.

_Vamos esperar. Ela volta.

Pauleco sacudiu a cabeça.

_Volta nada! Levou a bolsa, a mala e até a oncinha. Eu também não voltaria com uma fera dessas atrás de mim!

Noel encaminhou-se rápido para a porta.

_Não vou ficar esperando. Pimpa pode estar por perto. Darei uma geral pela vizinhança.

Uma hora depois, Noel regressava, indo encontrar a família reunida na cozinha, todos mudos e revoltados,

_Pimpa não voltou?

_Não, filho. Nem ela e nem a tal mulher.

_Andei todo esse tempo sem parar. – disse Noel – Nem sombra de Pimpa.

_Vamos esperar – murmurou Dona Berenice, tentando manter a esperança.

_E se não voltar?

_Iremos ao juizado.

_Isso vai provar que não tivemos competência pra cuidar da garota. O juiz vai lhe puxar a orelha.

_Que puxe o que quiser! Mas se aquela assistente agiu dessa maneira por ordem dela, ah! Mas ele vai ouvir! Afinal, não seqüestramos essa garota! Ela estava morando conosco com o consentimento das autoridades!

Noel ouviu a mãe e depois tirou suas conclusões:

_Pra mim, só podem ter acontecido duas coisas: ou a assistente social encontrou Pimpa e a levou para o juizado ou ela voltou para Serra Azul. Numa cidade grande como essa, sozinha e sem conhecer ninguém, ela não ficaria.

Beto que sumira da cozinha, voltou aspirando o ar.

_Ainda tem o perfume dela.

_Dela quem? – perguntou dona Berenice.

_Da assistente social. – disse Beto. – Vocês não sentem? É um perfume gostoso. Melhor que esses que a senhora vende.

PIMPA DÁ OS PRIMEIROS PASSOS POR CONTA PRÓPRIA

Pimpa abriu a janela da frente com todo o cuidado pra não fazer barulho. Colocou no peitoril a bolsa, a mala, Lila e depois saltou. Ela, que sempre achara feio janelas tão baixas, agora dava graças ao estilo antigo de arquitetura.

Correu para a esquina. Lá parou e olhou para a casa de Dona Berenice. A assistente lhe dissera que a levaria ao juizado de Menores de carro, talvez naquele fusca preto. Enquanto a mulher perfumada esperava por ela, ganharia tempo e distância. A princípio, não sabia para onde ir, apenas fugia.

Depois veio a idéia de dirigir-se á rodoviária e tomar um ônibus para Serra Azul. Alguma família da cidade, gente que sua mãe conhecesse, talvez a recebesse.

Mas pensando bem, Serra Azul, do tamanho de um ovo, onde um burro deitado fica com o rabo de fora, não era lugar seguro como esconderijo. A eficiente assistente social, especializada em encontrar pessoas, como afirmara o juiz em questão de horas poria nela suas mãos de ferro. "Ela não vai nos agarrar!" Prometeu à Lila.

A garota da oncinha havia andado três quarteirões, carregando a pesada mala da mãe, quando num relance, viu um fusca preto. Podia não ser o da assistente social, mas ficou aterrorizada. Em frente havia um enorme terreno baldio, onde meninos jogavam bola. Atravessou a rua e misturou-se ás pessoas que assistiam á partida. Em seguida, protegeu-se atrás do que restava de um muro. Depois cautelosa, voltou à rua. Não viu o fusca preto. "Por enquanto estamos livres dela, Lila."

Pimpa ergueu o braço. Ia fazer o que jamais fizera na vida sozinha: pegar um táxi. Em Serra Azul tudo era tão mais perto!

O táxi parou. Pimpa deu o endereço ao motorista, que jogou a mala dentro. Apesar da sensação desagradável de sentir-se perseguida, olhava com admiração e quase espanto as ruas e avenidas da cidade, a maior do país e uma das maiores do mundo. Quando o táxi passava por um prédio alto, fixava-se do térreo até o último andar. Posicionou Lila na janela, para que também pudesse ver. Teve a impressão de que, pela primeira vez, os olhos da oncinha brilhavam até no claro. "Em cada uma dessas avenidas, cabe toda a população de Serra Azul." observou. Bom que fosse assim. Aquela imensidão dava-lhe quase a certeza de que nunca mais tornaria a encontrar a assistente social.

_É aqui, motorista.

Pimpa desceu com a bolsa, a mala e Lila. Realmente, a casa de Regina Castelo e algumas outras vizinhas, estavam quase que completamente demolidas. Mas será que ninguém sabia para onde se mudara uma antiga moradora do bairro? Impossível. Decidiu perguntar por ela em todos os estabelecimentos comerciais das redondezas e se necessário fosse, bateria até de porta em porta.

“Vi um açougue na esquina.” Lembrou Pimpa. “Vou até lá.” No açougue não conheciam nenhuma Regina. Foi à quitanda do quarteirão. A quitandeira, embora nova no bairro, vendera-lhe muitas verduras e frutas, tanto que perguntou:

_Aonde ela anda? Não a tenho visto mais!

Pimpa seguiu até um armazém no meio da quadra. Dois caixeiros a atenderam.

_Era nossa freguesa. – disse um.

_A cabeça dela estava batendo os pinos. – acrescentou o outro. – Na última vez que veio aqui, já não dizia coisa com coisa.

_Sabem pra onde ela mudou?

_Não. – respondeu prontamente o primeiro. – A velha Regina saiu sem se despedir e até deixou uma conta pendurada.

Desanimada, Pimpa agradeceu e encaminhou-se para a porta do armazém.

_Passou pela tinturaria? – perguntou um dos caixeiros – Dobre a esquina. Regina estava sempre lá, papeando.

Apesar de cansada por causa da mala mais pesada a cada minuto. Pimpa apressou os passos. À distância viu uma porta com tantas cores quanto um arco-íris: a tinturaria.

Uma senhora de olhos puxados, nissei, atendeu-a.

_Que deseja, menina?

_Vim do interior à procura de Dona Regina Castelo, mas a casa dela foi demolida.

_É parente dela?

_Sou. – respondeu Pimpa para facilitar o contato.

_E não sabe o que lhe aconteceu? – admirou-se a tintureira.

_Não.

Com ar e voz de lástima, a nissei contou a Pimpa:

_Foi internada num sanatório para doentes mentais. Ela já andava ruim da cabeça, mas quando recebeu intimação para mudar-se de casa, sofreu um derrame. Apesar de tudo, ainda teve sorte: um amigo dela internou-a num hospitalzinho muito bom.

Seria “tio” Leonel?

_A senhora conhece essa pessoa, o homem que a internou?

_Não. – respondeu a tintureira. – Mas deve ser boa gente.

Uma pausa e uma pergunta cheia de interrogações.

_Onde é o sanatório?

_É ali, no Lar São Leopoldo, minha filha. Já fui visitá-la lá. Lugar bonito. Vou lhe dar o endereço. É só um instantinho.

BOA TARDE, DONA REGINA! EU SOU PIMPA!

Esta viagem de táxi foi bem curta. Dez minutos, lá estava uma placa – **"LAR SÃO LEOPOLDO"**- cobrindo parte do visual de um grande jardim. O sanatório era numa mansão de aspecto agradável, com muito verde, que teria sido, noutros tempos, residência dum milionário.

Pimpa viu um porteiro fardado.

_Vim visitar Dona Regina Castelo.

_O horário de visitas já acabou.

_Viajei muitas horas pra chegar aqui, moço. Preciso vê-la ainda hoje.

_Me acompanhe, então. Só lhe pelo pra não demorar, entendeu?

Acompanhando o porteiro, Pimpa via homens e mulheres idosos passeando por alamedas, sentados em espreguiçadeiras ou jogando dominó numa mesa sob uma árvore frondosa. Entraram depois num pavilhão silencioso. Pelo corredor circulavam enfermeiros e alguns internados. Porta número 22.

_É o quarto dela. – disse o porteiro – Como disse, não se demore.

Pimpa, emocionada por ter descoberto enfim o destino de dona Regina, girou uma maçaneta branca e entrou. O quarto pequeno, de móveis só possuía uma cama, mesa, um minúsculo guarda-roupa e duas cadeiras. A amiga de "tio" Leonel estava deitada; não percebeu a entrada de ninguém.

A garota aproximou-se. Teve a impressão que Lila movera a cabeça curiosamente. Era uma sexagenária magra, quase esquelética, com uma mancha escura e áspera na face. Pimpa nunca vira um rosto com tantas linhas retas e ângulos agudos. Tossiu, pra mostrar que estava ali.

_Boa tarde, dona Regina! Eu sou Pimpa!

A internada sentou-se na cama, sem demonstrar satisfação, contrariedade ou surpresa.

_Pimpa?

_Sim, a filha de dona Aurora, de Serra Azul, que se correspondia com a senhora.

_É horrível não me lembrar de nada – disse a enferma como se fosse uma confidência – Pimpa...

_A parente de "tio" Leonel.

_Às vezes me lembro das pessoas, mas agora não consigo...

_Mas de Leonel, a senhora lembra?

_Leonel?

_Mamãe escrevia a ele, mandando as cartas aos seus cuidados. Por favor!

Na tentativa de reativar a memória, o rosto da amnésica ficava ainda mais anguloso.

_Acho que me lembro do nome. – disse Dona Regina. - Mas só do nome.

Pimpa puxou uma cadeira, sentou-se diante dela e apertou-lhe as mãos, em súplica.

_Ouça com atenção: é importante. Minha mãe morreu no ônibus quando vínhamos de Serra Azul. Fiquei sozinha no mundo, por isso, preciso encontrar seu Leonel, que é parente do meu pai. Mas não sei onde ele mora. E não me lembro do sobrenome dele. Dona Regina me ajude! Se não encontrar "tio" Leonel, vão me mandar para alguma instituição de menores.

Houve uma pausa que Noel gostaria de ter filmado, tão grande foi a expectativa de Pimpa e tão intenso o esforço de dona Regina para responder às perguntas.

_Não me lembro de nada. - disse a internada.

A porta se abriu e entrou uma jovem atendente com um prato de sopa.

_Você vai ter de sair agora.

A garota não queria perder as esperanças.

_Quem sabe você possa me ajudar. Vim do interior à procura dum parente que dona Regina conhece. Mas não está se lembrando dele.

_A memória dela vai e volta. Outro dia, lembrou até da infância.

_Soube que um homem está pagando sua mensalidade aqui. Desconfio que seja justamente a pessoa que procuro.

_O diretor poderá lhe informar. Deixe a mala e a oncinha aí e venha comigo.

A mala, Pimpa deixou, Lila não. Queria estar acompanhada diante do diretor. No fim do corredor havia uma sala carpetada, onde a garota e a atendente entraram. O diretor, um homem quase anão, de ares afáveis, fumando um cigarro, recebeu-a com um sorriso.

_Essa menina veio visitar dona Regina Castelo.

_Ela está bem. – foi falando o diretor. - Seu único problema é a amnésia, mas a saúde é excelente. Aqui nada lhe falta. Em matéria de gerontologia não há superior a essa em todo o país.

A atendente interrompeu-o:

_Ela tem um assunto especial a tratar, Doutor.

_Ah, sim? Então se sente, mocinha. Que bela onça você tem aí! Adoro bichos. Mas qual é o assunto?

_Vim com minha mãe de Serra Azul para encontrar dona Regina. Ela conhece um parente meu, que é a única pessoa que tenho na vida.

_Além de sua mãe, é claro.

_Minha mãe morreu no ônibus. – disse Pimpa. – Teve um colapso. Agora estou sozinha.

_Que desgraça! – exclamou o diretor, abandonando o cigarro no cinzeiro.

_Já disse a ela que dona Regina às vezes recupera a memória.

_É verdade, isso tem acontecido. O que nos resta é esperar que torne a acontecer.

_Sei que há uma pessoa que paga a mensalidade aqui na clínica. "Tio" Leonel era amigo de dona Regina. Pode ser ele.

O diretor do sanatório levantou-se. No canto da sala havia um arquivo de aço.

_Vamos ver a ficha dela. Regina Castelo. Aqui está. Data de internação. Idade. Nacionalidade. Responsáveis.

Pimpa ergueu-se, aproximando-se do diretor.

_O que diz?

_Está em branco. Curioso. Isso é irregular. Sempre pedimos nomes e endereços de parentes ou responsáveis. Outra coisa pouco usual: a pessoa que a internou pagou três meses adiantadamente.

_E não consta o nome dela?

_Um momento. Não se aflija, garota. Ela foi internada quando eu estava de férias. Minha secretária vai explicar. Quer chamá-la pra mim? – pediu à assistente.

Pimpa apertou a oncinha contra o corpo. O coração de Lila também batia muito.

A secretária entrou com a atendente, que já lhe contara o que acontecera. Explicou:

_O senhor que internou dona Regina pagou um trimestre adiantado, porque, por viajar muito, não pode vir aqui mensalmente. Não tem residência fixa. Vive em hotéis.

_Mas não deixou o nome?

_Ele estava tão apressado que nem deu pra perguntar.

Pimpa voltou a sentar-se desesperançada.

_Veremos pela cópia micro filmada do cheque se esse benemérito é a pessoa que você procura. – disse o diretor do sanatório.

Mas os olhos dela nem tiveram tempo de brilhar.

_Lembro que pagou em dinheiro. – informou a secretária.

O quase anão abriu os braços.

_Agora o jeito é esperar dois meses, até ele voltar.

Pimpa levantou-se, deprimida.

_Obrigada por tudo. – murmurou

_Aonde vai agora? – perguntou a atendente.

_Para a rodoviária, mas duvido que haja ônibus para Serra Azul. Já anoiteceu.

O *mignon* diretor, provando que tinha um grande coração, decidiu retendo Pimpa pelo braço.

_Você pode viajar amanhã. Durma no quarto de dona Regina. Mando colocar outra cama, lá.

Pimpa sorriu e arremessou seu sorriso pra Lila. “Já temos onde dormir essa noite, pintada. Nada vai bem, mas nem tudo vai mal.”

Lila miou e Pimpa abriu os olhos. Dona Regina estava vestida e sentada na cama. Seu olhar parecia mais lúcido que na véspera.

A garota reapresentou-se com mais fé.

_Sou Pimpa, a filha de dona Aurora.

_Sei.

_Então, já lembra?

_Lembro quando chegou.

_E de “tio” Leonel? Foi ele que a internou aqui?

Dona Regina foi espiar o jardim do sanatório pela janela. Disse:

_Depois da intimação, esqueci tudo.

_Mas a senhora não veio pra cá, sozinha.

_Eu sei. Vim com um homem. Mas pra mim, é uma pessoa sem rosto e sem nome.

A atendente entrou e disse à Pimpa que o diretor queria despedir-se dela. Conduzida primeiro ao refeitório, onde tomou café com leite, dirigiu-se depois à diretoria.

_Dormiu bem?

_Muito bem.

_Regina lembrou-se de alguma coisa?

_Não senhor.

_Deixe o telefone da casa onde vai ficar em Serra Azul. Ligaremos se houver novidades.

_Eu telefono. Não sei onde vou ficar.

O diretor deu-lhe um cartão do Lar São Leopoldo.

_Pode ligar diretamente pra mim, Doutor Alfredo. Faça boa viagem.

Pimpa voltou para o quarto a fim de apanhar a mala e a oncinha. Dona Regina, sentada, passava os olhos em revista como se estivesse à procura de palavras e imagens que lhe lembrassem o passado. Não viu e nem ouviu a garota sair.

Já na rua, Lila perguntou à Pimpa para onde as duas iriam agora.

"Para Serra Azul, acho," Respondeu a amiga.

O PARQUINHO DA VIÚVA

O porteiro do Lar São Leopoldo ofereceu-se pra chamar um táxi. Pimpa recusou-se; apesar do peso da mala, preferia ficar andando pela calçada, sem destino. Quem procuraria em Serra Azul? Esse era seu problema. Por outro lado, aquela metrópole de quase 20 milhões de habitantes, exercia sobre ela uma estranha e persistente atração.

"O que é aquilo?" perguntou Lila, muito curiosa, apontando a patinha para o outro lado da rua, quando já distantes do sanatório.

Pimpa viu um muro comprido e sobre uma ampla entrada, letreiros de gás neon apagados. Ficava difícil ler de dia, mas leu: "**O PARQUINHO DA VIÚVA".** Que nome simpático! Dona Berenice, também viúva, era uma pérola. Imaginou que a proprietária daquele parque era uma boa pessoa, que permitia às crianças pobres brincarem nos aparelhos sem pagar nada. Teria passado direto, se não fosse à insistência com que a oncinha olhava para o portão.

Pimpa e Lila entraram no terreno, deserto àquela hora da manhã. Em Serra Azul, uma vez por ano, instalavam um parque, sempre com sucesso. Vendo aquilo, sentiu saudade.

Lá estava a roda-gigante parada, sem suas lâmpadas circulantes. Via-se à luz do dia, estar precisando de limpeza e consertos. Pimpa parou um instante perto do *dangler*, uma fábrica de arrepios com suas cadeiras voadoras, seguidas de dois pares de correntes. Contornou o carrossel, com aspecto triste quando imóvel. Os cavalinhos pareciam mortos, eles que tinham tanto fôlego nos fins de semana e feriados. Lançou um olhar cheio de respeito ao tira-prosa, uma cabine giratória que desafia os medrosos e as pessoas que enjoam com facilidade. Jamais entrara num. Só adultos e garotos valentes enfrentavam o desafio. Ah, que gostosura! O trem fantasma com seu percurso cheio de sustos e gritinhos (havia sempre um esqueleto que se levantava do túmulo), de agrado dos namorados. Caminhou, depois, até o extremo do parque. Viu uma casa de madeira, a gerência e dois pavilhões: o palácio dos espelhos e outro de mágicas – **"Não percam Hugo Cassini, o maior ilusionista do mundo!"**

_Você veio pelo anúncio?

Era um homem muito alto e muito magro, que tinha no rosto, o maior e mais engraçado nariz de tucano.

_Anúncio? Estava só passando.

_Logo vi, o anúncio não deu resultado. Não veio ninguém.

_Há alguma vaga de emprego aqui?

_Há sim, mas pra maior de idade. Agora vejo que é uma garota ainda. Pode continuar visitando o parque, se quiser.

Pimpa não sabia que Lila era ventríloqua. O certo era que a pintada perguntou, imitando a voz da dona:

_Que emprego é esse?

_Precisamos de alguém pra trocar os discos e fitas – disse o homem, apontando, no centro do parque, para uma casinha que devia ser a cabine de som – O rapaz que fazia esse serviço esse trabalho foi embora.

_Estão aceitando moças?

_Dona Carolina vai experimentar moças, os rapazes nunca permanecem. Detestam ficar encerrados naquele caixa.

_Um serviço que eu gostaria de fazer.

_Mas nós fechamos à meia-noite. Menor não pode trabalhar até essa hora.

Pimpa tentou prolongar a conversa.

_O senhor trabalha aqui?

O nariz de tucano apontou um dos pavilhões.

_Seu Hugo Cassini, o ilusionista.

Lila, outra vez, bancou a ventríloqua.

_Gostaria de trabalhar aqui. Me contento com suficiente para a comida e um cantinho pra morar.

O ilusionista fixou os olhos na mala.

_Fugindo de casa?

_Minha mãe morreu no ônibus quando mudávamos de Serra Azul pra cá. Tenho um tio, que vai cuidar de mim, só preciso de um tempo pra localizá-lo.

_Você não sabe onde ele está?

_Não, ainda.

_Bem, comigo não adianta falar, quem manda no parque é dona Carolina. Está pra chegar.

Uma última pergunta.

_Acha que ela me dá o emprego?

_Sinceramente? Não. Quem quer complicação?

Dona Carolina, a viúva, dava logo a idéia duma mulher durona. Dirigindo seu parque sozinha, há muitos anos, ali, em outros bairros e em outras cidades, adquirira senso prático e personalidade. Magra e alta, os cabelos amarrados em coque, olhos feitos pra ver e decidir, não era dessas mulheres que passam na rua e ninguém nota. Ela era uma **CHEFE** e isso se via.

_Que idade tem?

_Quinze anos – respondeu aumentando dois.

_Nada feito.

Pimpa, que estava em pé, em lugar de ir embora, sentou-se.

_Estou sozinha no mundo - disse - Minha mãe morreu no ônibus quando nos mudávamos de Serra Azul. Tenho um tio, mas não sei onde se encontra. Por favor, dona Carolina, só quero casa e comida. Pra isso, não é necessário registro.

_Quer que a fiscalização me multe? Hoje ninguém trabalha sem registro, menina!

_Não tenho pra onde ir e o juizado está atrás de mim.

_Como disse, nada feito. Precisa de algum dinheiro?

_Não obrigada – Respondeu Pimpa, já se levantando apanhando a mala. Olhou para a pintada. Por que Lila não mostrava decepção?

_Qual é seu nome? – perguntou a proprietária do parque, pra tornar menos fria a despedida.

_Maria Paula. O apelido é Pimpa.

Se Noel estivesse lá pra tirar um *close* do rosto de dona Carolina, a câmera imediatamente focalizaria a transformação diante daquele nome. Paula parecia vibrar nas expressões fisionômicas da viúva. A dureza de sua personalidade, os ares de "chefa", foram amolecendo, amolecendo... Relaxou-se na cadeira; seus olhos voltaram-se para o passado.

_Tive uma filha chamada Paula. Se não tivesse morrido hoje teria sua idade: quinze anos. E ela também adorava bichos de pelúcia. Dormia com eles na cama. O preferido era um ursinho. Chamava-se Romualdo. Não sei onde ela achou esse nome. Ela nunca conheceu nenhum Romualdo!

Pimpa mostrou a oncinha.

_Ela se chama Lila.

_Tenho um retrato da minha menina.

_Posso ver?

Dona Carolina abriu uma gaveta e retirou dela um retrato colorido. Paula, menina duns oito anos com o Romualdo nas mãos, montada num cavalinho do carrossel.

_Era uma garota feliz, pois tinha o parque inteiro pra brincar. Mas acho que não trocaria por um único bicho de pelúcia. Morreu em três dias, de uma febre desconhecida.

Pimpa devolveu a foto.

_Uma menina bonita – observou. E sem saber o que mais acrescentar, disse: - A senhora sem sua filha e eu sem minha mãe. Adeus, dona Carolina. Diga adeus também, Lila. Mostre que é educada.

_Não vá ainda! – pediu a proprietária do parque. - Já está na hora do almoço. Vamos à minha casa, aí na rua paralela. É uma pensão para o pessoal do parque. Todos comem lá e a maioria mora também. Fiz grão de bico. Gosta?

A câmera de Noel, por estar ausente, perdeu a oportunidade de registrar o melhor sorriso de Pimpa, desde que haviam começado suas desventuras. Nem se lembrava se gostava de grão de bico, mas qualquer prato, naquelas circunstancias, teria o saber dum banquete.

RAIMUNDO DEDICA ESTE NÚMERO PRA GRACINDA COM TODO O AMOR

A pensão de dona Carolina, uma casa de esquina, com janelas abertas para duas ruas em ângulo, era muito alegre e movimentada. Na sala de refeições havia uma mesa enorme com cadeiras para uns vinte pensionistas, todos empregados do parquinho. Bilheteiros, gente que movimentava os aparelhos, eletricistas e mecânicos. Às cabeceiras da mesa sentavam dona Carolina e o astro da empresa, o ilusionista Hugo Cassini.

Antes do almoço, Carolina levou Pimpa para um quarto no fundo da casa e disse:

_Você fica dormindo aqui até encontrar seu tio.

_Tenho algum dinheiro, que mamãe trazia. Posso pagar a pensão.

_Você paga, sim, mas com o ordenado do parque.

_A senhora vai me deixar trabalhar?

_Sim, Paula. Você não se sentiria bem, sem fazer nada. Se por acaso chegar a fiscalização, diremos que é minha sobrinha. Depois, Hugo lhe ensinará o trabalho da cabine.

O trabalho em companhia daquela gente brincalhona, que cuidava do parque, um serviço descontraído, ao ar livre, fez muito bem à Pimpa. A timidez inicial desapareceu e logo ela passou a rir das piadas que todos faziam. Era um pessoal bacana, comunicativo, que só odiava uma coisa: o mau tempo, que estragava os negócios. Ninguém lá trocava o emprego no parque por outro.

_Nós começamos a trabalhar a partir das 18 horas. – Contou à Pimpa, o bilheteiro do carrossel. - Só pegamos no pesado, do meio dia à meia noite aos sábados, domingos e feriados. É um horário que dá pra fazer nossos biscates. Eu, por exemplo, durante o dia coloco antenas de televisão. Aquele ali, que cuida do tira-prosa, conserta brinquedos. O careca da roda gigante vende sacos plásticos de lixo. E sabe como arranjamos freguesia? Graças à propaganda que dona Carolina nos dá pelos alto-falantes do parque.

_Por isso que ele está lhe bajulando – disse Cassini – Agora, você é que vai ler os reclames pelo microfone.

_Vou ler com todo o capricho! – prometeu Pimpa, lembrando-se dos textos de publicidade do parque de Serra Azul.

Terminado o almoço, Hugo Cassini levou Pimpa para a cabine do parque, tão pequena que mal cabiam os dois. Lá havia um toca-discos, um toca-fitas, uma mesa com microfone e uma cadeira. Ora, até Lila sabia como se coloca um disco num prato, como se liga uma fita gravada. Nenhum segredo.

_A cada três músicas, leia um bloco de anúncios. Estão aqui, neste papel. São de firmas comerciais de bairro.

_Os anúncios são pagos?

_São, menos os dos funcionários. Esses são lidos por camaradagem.

Pimpa viu uma estante com discos e fitas e colada à parede uma relação de músicas. Passou os dedos, lendo. Nenhuma música que constasse das paradas de sucesso. Era um repertório que sua mãe adoraria, mas não a turminha jovem.

_Como escolho as músicas?

_Vá selecionando as que você quiser, mas sempre há pedidos. Muita gente põe a cara nessa janela e pede para tocar uma música dedicada à fulana de tal. Se a música estiver na relação, muito bem. Se não estiver, paciência.

Naquele mesmo dia, à tardinha, Pimpa estreou em seu primeiro emprego. Fez Lila sentar-se diante da janela e começou a trabalhar com os discos e fitas. Na hora de ler os anúncios, tremeu um pouco, mas foi em frente. Ao ouvirem a novidade de uma voz feminina pelos alto-falantes, muitos freqüentadores do parque aproximaram-se da cabine para conhecer a nova funcionária. Aí começaram os pedidos musicais.

_Tem "beijinho doce"?

Pimpa consultou a relação.

_Tem.

_Então toque e diga "Raimundo dedica esse número para Gracinda com todo o amor"

Esse foi o primeiro pedido musical duma série que se prolongou até o último giro do carrossel.

Pimpa não ficava o tempo todo presa na cabine. Às vezes, pegava Lila e ia dar umas voltinhas pelo parque, enquanto comia uma maçã do amor, cocadinhas ou tremoço. Como gente da casa, podia entrar em qualquer aparelho sem pagar nada. Experimentou todos, menos o tira-prosa, que dava aflição só de olhar. Visitou o palácio dos espelhos, um baratão, mas o quente mesmo era Hugo Cassini, o maior ilusionista do mundo. Num pavilhão do cantinho do parque, para um público nunca superior a vinte pessoas, vestido à oriental, ele fazia aparecer e desaparecer de tudo: pássaros, cartolas, lenços, bandeiras, flores, argolas e por fim, ele próprio, numa nuvem de fumaça.

_Venha me ver sempre – pedia Hugo

_Seu espetáculo demora quinze minutos e eu tenho que colocar os discos.

_Bobagem! Quando quiser me ver, coloque o disco das gargalhadas com repetição e venha!

_Está bem, Hugo.

E Pimpa ia mesmo ao pavilhão aplaudir o amigo e tentar descobrir como fazia para fazer desaparecer tudo. Uma noite, fez sumir até Lila, dando-lhe um imenso susto. A oncinha só lhe foi devolvida quando Pimpa voltou à cabine para substituir o maçante disco das gargalhadas.

Apesar de sentir-se bem no parque e na pensão da viúva, Pimpa não se esquecia dos problemas. Telefonou pro doutor Alfredo.

_Aqui é Maria Paula, amiga de dona Regina.

_Ah, sei, minha filha. Ela continua daquele jeito. Ontem, parecia um pouco melhorzinha. Até se lembrou de alguns nomes. Você ainda não tem um telefone pra gente ligar? A memória dela não volta em data certa.

_Agora tenho sim. É da pensão onde estou morando. Tome nota, doutor.

Às vezes, à tarde, bebendo cerveja e comendo salgadinhos, o pessoal reunia-se na sala de refeições para discutir os assuntos do parque. Dona Carolina e Hugo Cassini, principalmente, andavam preocupados. Achavam que a freqüência estava diminuindo. O faturamento caía de dia a dia. Alguém saberia explicar por quê?

_Ainda se estivesse chovendo, mas o tempo está ótimo.

_Pode ser que o público já tenha enjoado das minhas mágicas – disse Hugo querendo brincar, porém falando a sério no íntimo.

_E se a gente pintasse tudo de novo?

_E se fizéssemos letreiros maiores e mais vistosos?

_E se vendêssemos dois ingressos pelo preço de um em todos os aparelhos?

Como todos estavam dando palpite, Pimpa também deu um, relativo a seu trabalho:

_E se comprássemos discos e fitas novos, todos de música jovem, muito rock, *country*, coisas pra balançar mesmo? Serestas e valsinhas só agradam aos mais velhos.

_Eh, esperem aí! – Disse Hugo Cassini – A menina tem razão! Nossos discos chiam demais e quase não temos músicas alegres. São todas sentimentais e lentas. Precisamos dar espaço a uns ritmos mais vibrantes. Parabéns, Pimpa! Está faltando som no nosso parque! SOM!

Dona Carolina não precisou de mais argumentos.

_Paula, conhece umas músicas novas?

_Ouvia muito rádio em Serra Azul.

_Cassini, vá a uma casa de discos e compre tudo que ela selecionar. Não faça economia. Depois, joguem fora todos os discos que chiam. Estou com muita fé no palpite de Paula.

O ilusionista puxou Pimpa pela mão até uma bem abastecida casa de discos. Cassini só participou tirando dinheiro do bolso. O serviço todo coube à discotecária do parque, que ouviu mais de mil discos e fitas pra escolher 20.

_Aqui tem som pra muitas horas. Música pra ferver. Todas das paradas.

À noite, os funcionários do parque acharam que havia mais alegria no ar, porém a freqüência não aumentou. Nem nos dias seguintes. Mas uma semana depois o som novo do Parquinho da Viúva foi ouvido por todo o bairro e adjacências, chegou a todas as ruas, praças e avenidas e uma verdade multidão de rapazes e moças acorreu pra lá com uma sede de ritmos quentes que surpreendeu até a própria Pimpa. Logo em seguida, grato, Hugo Cassini materializando-se diante da cabine, levou-lhe uma maçã do amor. E um beijo.

Pimpa chegou a pensar que apenas o ilusionista mostrava-se agradecido pela idéia. Engano. Quando se apagaram as luzes do parque, todos foram a um restaurante das proximidades comemorar com pizza e vinho o grande êxito musical.

_Nunca imaginei que carvão novo na fornalha esquentasse tanto o ambiente! – confessou dona Carolina. – O faturamento de hoje foi o maior do ano e tenho a impressão que vai continuar assim! E a quem devemos isso? A um anjo caído do céu que se chama???

Todos:

_PIIIIMPA!!!!!!!!!!!!

Entre o vozerio geral a feliz discotecária distinguiu uma vozinha que mais parecia um miado.

Hugo Cassini, já ciente da história de Pimpa, inclusive da perseguição da assistente social, fez um discurso movido à emoção e vinho, garantindo que ninguém a internaria em lugar nenhum enquanto eles vivessem. Os que lá não sabiam dos sofrimentos da garota, ficaram sabendo e deram vivas ao ilusionista quando terminou seu discurso. Foi uma comilança, uma discurseira e um festival de abraços. Até Lila ganhou afagos e beijos.

No sábado, Hugo estava na entrada do parque vendo o público chegar quando uma mulher que conhecia por descrição desceu de um fusca preto. Baixa, encorpada e de óculos de aros de tartaruga. A fisionomia dizia ser ela de meia-idade, mas seus passos, elásticos, eram de uma mulher ainda jovem. Olhou para os letreiros do

parque que se acendiam. Demonstrava mais cautela que pressa. O ilusionista não tirava os olhos de cima dela. Quando percebeu que a mulher ia entrar, dirigiu-se rápido, mas sem correr à cabine de som.

HAHAHA! O DISCO DAS GARGALHADAS. MAS PIMPA NÃO ACHA GRAÇA.

Pimpa apertava um botão onde estava escrito *play* para tocar uma fita, quando Hugo apareceu à janela da cabine, alvoroçado.

_Pimpa, não saia e abaixe-se pra ninguém vê-la pela janela.

_Por quê?

_Entrou uma mulher parecida com a que você descreveu.

_A assistente social?

_Está indo para a gerência. Vou até lá. Se eu demorar, ponha o disco das gargalhadas com repetição e saia.

Antes que Hugo se afastasse, Pimpa já tinha certeza: Era ela, sim, a assistente social. Cometera um erro ao deixar o telefone da pensão com o doutor Alfredo. Certamente, a mulher passara no Lar São Leopoldo e o conseguira. Com Lila nas mãos, ajoelhou-se na cabine.

A mulher que chegara no fusca preto empurrou a porta da gerência e entrou. Dona Carolina aprontava maços de troco para distribuir aos bilheteiros. Ergueu a cabeça.

_Dona Carolina?

_Sim.

_Estive em sua casa e me informaram que a encontraria aqui.

_O que deseja? – perguntou Carolina, seca, não simpatizando nada com a visitante.

_Sou do juizado de Menores. Vim buscar a menina.

_Que menina?

_A que a senhora acolheu. Foi um ato generoso, mas o lugar dela não é aqui. Vou levá-la, pro seu bem.

_Hugo apareceu à porta sem entrar na gerência. Fez um sinal com a cabeça, querendo dizer à Carolina que ia esconder a menina.

A viúva, entendendo a mímica do ilusionista, fingiu pensar um pouco pra ganhar tempo e concordou:

_Está certo.

_Onde ela está?

_Passeando pelo parque.

A assistente social sem mais palavras, saiu da gerência.

Hugo Cassini, veloz como se tivesse mesmo a virtude de sumir daqui aqui para aparecer ali, surgiu diante da cabine de som.

_Vamos, Pimpa, saia! A mulher!

A garota colocou no prato o disco das gargalhadas com repetição, como sempre fazia quando se demorava fora da cabine, pegou Lila foi acompanhando Hugo. A mulher de óculos de aros de tartaruga parara diante do vendedor de maçãs do amor, tentando obter uma visão total do parquinho.

Hugo levou Pimpa ao palácio dos espelhos.

_Deixe ela entrar – disse ao bilheteiro. E a Pimpa – Mesmo quando todos saírem, não saia. Virei buscá-la, entendeu?

A garota passou pela catraca de ingresso ao pavilhão. Algumas pessoas circulavam pelo palácio, rindo ante a surpresa causada pelos espelhos. Pimpa viu uma menina magrela, comprida, com uma onça imensa nos braços. Noutras circunstâncias, riria também. Não parou aí, acompanhando os sorridentes visitantes. Aquilo era um labirinto de espelhos. Lila, que entrava no pavilhão pela primeira vez, deve ter levado um choque ao ver sua dona transformada numa anã gorda e desengonçada. Um tanto aturdida pela excessiva luz do ambiente e pela sonoridade do disco de gargalhadas. Pimpa decidiu parar num ponto do palácio à espera de Hugo, enquanto os freqüentadores da sessão, depois de se refletirem em todos os espelhos, retiravam-se.

As sessões se renovavam com intervalos de cinco minutos, quando novos ingressos eram vendidos. Pimpa continuava onde parara, embora o pavilhão já estivesse vazio. Sair, sem o sinal verde de Hugo, seria arriscado. Quem estava respirando tão forte? Lila ou ela? Subitamente, ouviu ruídos metálicos de quem forçasse a catraca pra entrar, seguidos de protestos do bilheteiro. Alguém, impaciente demais, penetrava no pavilhão, ainda no intervalo.

_A senhora não pode esperar, não??? – berrou o bilheteiro.

Retornando à primeira sala do labirinto, Pimpa viu uma mulher magra e altíssima. Com óculos de aros de tartaruga, refletida num espelho. Desconfiada, mas sem certeza, esperou que a invasora passasse pelo segundo

espelho quando se transformou numa anã gorducha. Não teve mais dúvidas: era a assistente social. Usava ainda o mesmo *tailleur* azul escuro da manhã em que aparecera na casa de dona Berenice.

Começou sua fuga, ignorando se fora vista ou não. Mas foi um pouco desastrada, dando um impulso maior que seu equilíbrio: caiu de joelhos. Levantou-se depressa. Quando percebeu que Lila não estava em suas mãos, teve de abaixar-se pra apanhá-la, já ouvindo os passos de sua perseguidora.

_Pare aí, menina, pare! – ordenou a mulher.

Pimpa nem olhou pra trás, mas não pôde correr devido aos espaços curtos do palácio dos espelhos, sempre quebrados por esquinas e bifurcações arquitetadas para confundir os freqüentadores. Ao passar por um compartimento um pouco maior, viu no espelho a assistente social com um corpo que ondulava como uma massa gelatinosa. As gargalhadas debochadas do disco pareceram-lhe um requinte de maldade duma força que pretendia prejudicá-la.

Ante uma passagem dupla, hesitou um instante, perigosamente. A imagem multifacetada da mulher vista de um espelho imprevisível, avançou em sua direção. Ficaram tão próximas que a garota sentiu e reconheceu o perfume que ela usava da outra vez. Uma passagem levou-a a um salão cheio de espelhos côncavos e convexos, que inventavam as mais doidas e engraçadas deformações. Novamente acuada de perto, Pimpa errou por uma passagem, retornando ao estreito corredor inicial do labirinto. Por momentos não viu e nem ouviu sua perseguidora. Imaginou que descansava ou estudava uma melhor forma de cercar sua presa naquela floresta de espelhos. Logo, porém, no auge irritante do disco das gargalhadas, uma imagem com cabeça gigantesca e corpo minúsculo, como um habitante de outro planeta, surgiu em plena ação. Pimpa, desta vez gritando, tornou a correr, percorrendo os compartimentos, numa desorientação que dificultava encontrar a porta da saída.

Pimpa já estava vencida pelo cansaço, quando numerosas pessoas entraram no palácio. Começava nova sessão. Ela e a mulher de *tailleur* azul-escuro já estavam a sós. Mas o que era aquilo agora? Uma invasão?

Ouviu-se alguém dizer:

_Por que será que não estão cobrando entradas?

Pimpa entendeu o artifício de Hugo – deixar todos entrarem no pavilhão – pra dificultar a caçada. Andando em sentido contrário ao povo que entrava, a garota e a oncinha chegaram à catraca de ingressos.

_Hugo está procurando você. – disse o bilheteiro. – Não fique parada aí.

Ainda tonta por tudo que acontecera, Pimpa procurou misturar-se aos freqüentadores do parquinho, já centenas. Não sabia que rumo tomar e ficou dando voltas. Os alto-falantes, as mil lâmpadas coloridas, o vozerio geral, os empurrões dos populares, tudo a entorpecia. Subitamente o pior: cinco dedos firmes lhe seguraram o braço.

_Viu quanta gente entrou no pavilhão? Foi o jeito que achei pra confundir a bruxa.

_Oh, Hugo, que susto!

_Vamos sair. Deixarei você na pensão.

Ao aproximarem-se, ligeiros da entrada do parque, os dedos de Hugo detiveram Pimpa. Que droga!

_Está vendo ela na entrada?

_Estou!

_Calma, Pimpa!

_Não consigo ficar calma!

_Ela está entrando outra vez. Venha!

_Onde?

_Venha!

Cassini conduziu Pimpa até o tira-prosa, que acabava de desembarcar passageiros e disse qualquer coisa ao homem do guichê. Fez sinal, com a cabeça, pra ela entrar no aparelho.

A garota hesitou. Ficar de cabeça pra baixo pra baixo lá em cima? Sabia, em Serra Azul, de um rapaz que desmaiara. Havia até um aviso: pessoas com problemas cardíacos ou nervosas, que não se arriscassem.

Mas não havia tempo pra prudências. Hugo empurrou-a para dentro do tira-prosa com uma única advertência:

_Afivele bem o cinto. Não vamos parar enquanto a bruxa não for embora.

Assim que Pimpa apertou o cinto, o aparelho começou a pendular. O movimento, a princípio macio, não foi desagradável, mas, à medida que ganhava embalam, as coisas pioravam lá dentro. O primeiro giro completo, quando a passageira solitária e sua oncinha se viram desafiando a lei da gravidade foi terrível. Aquilo era brincadeira pra astronautas. "Acho que vou perder os sentidos..." previu. Mas o que acontecia com Lila? Até parecia estar gostando! "E se eu fingir que adoro o tira-prosa?" pensou a garota. "Será que dá pra enganar os nervos?" Se gritasse talvez a bruxa perfumada ouvisse lá embaixo. Em lugar de abrir a boca, decidiu fechar os olhos. Deu resultado! Na escuridão total, as sensações se perdiam. Ouvir, ouvia a horrível disco das gargalhadas, mas cegas, não sabia se sua cabeça estava pra cima ou pra baixo.

No parque, Hugo seguiu todos os passos da mulher. Ela deu uma volta completa e parou justamente ante o tira-prosa. Observou durante algum tempo os giros do aparelho. Foram momentos de angústia para Cassini. Teria visto a menina entrar? Pimpa já estava "viajando" há quase dez minutos. Ninguém suportava isso.

Dona Carolina saía da gerência quando a assistente social retornou.

_Não encontrei a garota. Estaria na pensão?

A viúva já sabia, pelo próprio Hugo, que Paula estava no tira-prosa.

_Vamos lá.

Assim que as duas deixaram o parque, Hugo fez sinal para o mecânico parar o tira-prosa. Dava pena o estado com que Pimpa saiu do aparelho. Deu uns passos e caiu, como que embriagada, nos braços do ilusionista.

_Desculpe-me, querida. – disse ele – Só sei fazer desaparecer pessoas no palco. Fora dele é tudo mais difícil.

_Ela foi embora?

_Vamos à gerência. Vai ficar lá com a porta fechada e a luz apagada. Carolina levou a bruxa à pensão. Depois você volta pra casa. Viveu muitas emoções pra um dia só.

Sozinha, na gerência, Pimpa, ouvindo os ruídos do parque, sentiu que se aproximava a hora da despedida. Teria de dizer adeus à viúva, a Hugo Cassini, aos companheiros e àquelas luzes coloridas. A bruxa perfumada voltaria. "Vamos fazer as malas outra vez." Disse à Lila. "O que você perguntou? Se voltaremos pra Serra Azul?"

NA CASA DO PROFESSOR

Pimpa não queria que fosse triste assim. Levantou-se cedo e quando foi tomar café na sala de refeições. Todos empregados do parquinho lá. Já sabiam que ia embora com a sua oncinha.

O mais comovido de todos era Hugo Cassini. Tão bom fora pra Pimpa que parecia até bonito, apesar do nariz de tucano.

_Nunca esqueceremos você! - disse-lhe.

_Não gosto da palavra nunca! – retrucou Pimpa. - Vocês não me esquecerão porque ainda nos veremos.

O bilheteiro do tira-prosa fez uma piada:

_Você vai embora sem pagar os ingressos do meu aparelho?

Todos riram e a viúva aproveitou a ocasião para demonstrar a gratidão geral.

_Queremos que aceite este dinheiro, Paula. - Ela sempre chamava Pimpa de Paula, o nome de sua filha morta. – E não recuse. Você merece muito mais. Sua idéia, de renovar as músicas, aumentou os lucros do parquinho. Nunca tivemos tanta gente como nesta semana.

Os pensionistas acompanharam Pimpa até a rua e pararam um táxi pra ela.

_Quer que a leve à rodoviária? – Perguntou Hugo.

_Não, obrigada.

Quando o táxi pariu, todos acenaram. Pimpa notou uma lágrima nos olhos de Lila. Ambas tiveram uma forte vontade de olhar pra trás, espichando a despedida, porém resistiram.

À frente estava o futuro. E por falar em futuro, pra onde Pimpa se dirigia? À rodoviária? À casa de Noel? Ou ao Lar São Leopoldo?

_Vamos ao Lar São Leopoldo! – Disse ao motorista.

Pimpa não encontrou o doutor Alfredo no sanatório gerontológico. A secretária a recebeu e contou-lhe que uma mulher passara por lá, perguntando por ela e o diretor dera-lhe o telefone da pensão.

_Disse que é assistente social e que você está fugindo do juizado.

_Estou à procura de um parente. – retrucou a garota – Não vejo motivo pra ser internada numa instituição!

_Ela parecia muito brava.

_Não entendo por que essa mulher me persegue tanto! O juiz permitiu que ficasse com dona Berenice até encontrar meu “tio”.

_Há funcionários mais fanáticos que os chefes. – disse a secretária.

_E como está dona Regina?

_Está no jardim.

_Melhorou?

_Ontem me perguntou seu próprio nome, imagine!

Regina Castelo estava sentada num banco de jardim olhando pro vazio. A menina da oncinha parou diante dela.

_Lembra-se de mim?

A internada olhou pra Pimpa como se olhasse pra uma estranha.

_É a filha de sua amiga, a mocinha do interior. – disse a secretária.

Dona Regina ouviu sem reação.

_Só espero que ela não morra antes de lembrar-se do sobrenome do meu "tio" ou onde posso encontrá-lo. – receou Pimpa.

_Tire isso da cabeça. Ela é uma fortaleza. Vai viver mais que nós.

_Assim que puder, telefono. – despediu-se Pimpa, afastando-se.

A pergunta já feita persistiu. Aonde ir? "Sem Noel e o pessoal do parquinho estou mesmo sozinha." Pensou "Voltou então pra Serra Azul?" Tinha a impressão de que na rodoviária a bruxa perfumada estaria à sua espera. E era mais fácil apanhá-la lá do que no palácio dos espelhos.

Pimpa foi se distanciando do sanatório lentamente, carregando a mala. Não pensava muito. Só olhava para as casas e as pessoas, fascinada ainda pela imensa cidade onde tantas coisas haviam acontecido em tão poucos dias. Lila também parecia presa pelo mesmo fascínio. Mas felizmente, ninguém queria interná-la no zoológico. Depois de andar tudo o que suas pernas conseguiam, chegou a uma praça e parou ao lado de uma banca de jornal pra ler as manchetes.

Lia notícias de assaltos e seqüestros quando ouviu uma voz jovem.

_Procurando emprego?

Era uma garota de sua idade, que seria bonita se fossem dois dentinhos encavalados. Usava uma saia bem curta e botas de cano alto. Uma bolsa a tiracolo complementava seu esforço pra tornar-se elegante.

_Ouvi dizer que não está fácil. – respondeu Pimpa.

_Pra gente experta ainda é. Quer trabalhar?

_Quero sim.

_Então venha comigo. Está vendo aquela rua?

Pimpa aprendera que não se deve seguir qualquer pessoa. Não era nenhum Pinóquio.

_É em alguma loja? Nunca soube fazer embrulhos.

A garota das botas sorriu como se fosse indigno trabalhar no balcão.

_Não, coisa muito melhor. Antes é preciso receber aulas, tipo um cursinho, sabe? Não perca a oportunidade. Desta vez o professor só quer moças.

_Que professor?

_Você não conhece. Boa praça tá lá! E como sabe ensinar!

_E o que ele ensina?

_Matérias que não se aprendem na escola. Venha. Com você, a classe fica completa.

_Ainda não sei – disse Pimpa. – Estou com problemas.

_Fugiu de casa?

_Lá tenho cara disso?

_Perguntei por causa da mala.

_Vim do interior – explicou Pimpa – Estou procurando um parente.

_Tem onde dormir?

_Não.

_Então vamos, boba! Todas nós moramos na casa do professor. É divertido!

_Quanto custa o curso e a hospedagem?

_É aí que está, garota! Não custa nada!

_Nada?

_Depois a gente paga com porcentagem. Ele é muito legal. Você vai gostar. É um pai pra gente.

Hugo Cassini também fora um pai pra Pimpa. Haveria outros pela cidade? Resolveu seguir a garota das botas. Que gentil, segurou sua mala!

_Como é seu nome?

_Claudete.

_O meu é Pimpa. Bem, meu nome verdadeiro não é esse.

_Nem o meu.

A casa e a escola do professor eram num sobradinho em uma rua de calçamento precário. Havia um pequeno portão e um jardim na frente. Claudete e Pimpa subiram uma dúzia de degraus e alguém abriu a porta à primeira batida. Outra moça, que não chegava aos dezoito anos, olhou para a novata com interesse e senso crítico.

_Trouxe mais uma aluna – anunciou Claudete.

_Ótimo, estava faltando uma. Aquela tal de Joana não servia mesmo. O professor não quer ninguém com unhas sujas.

_Ele vai gostar da Pimpa. É educadinha.

_Meu nome é Shirley. – apresentou-se a outra – O que Claudete lhe contou?

_Quase nada. – respondeu Pimpa – Só sei que tem um professor que dá um cursinho e que se pode dormir aqui.

_Isso é tudo. – retrucou Shirley, rindo.

_Queria saber que curso é esse.

_É melhor você ir entendendo aos poucos. Mas nada de grilos. Veja – disse, apontando para um quadro negro – Se isso não fosse uma escola, não teria o quadro. Duvido que haja um professor melhor que o nosso. Seu Bandeira sabe tanta coisa que eu nem sei como cabe tudo na cabeça dele.

_Você já fez o curso também?

_Na classe só vamos ter duas calouras. Você e Viviam que está lá em cima. Vai ser sua companheira de quarto.

Claudete, com a mala de Pimpa, foi subindo uma escada. Na parte superior da casa, havia três quartos e um banheiro. A garota das botas abriu a primeira porta. Vivian, uma menina assustada e mal vestida, estava sentada na cama.

_Ela vai morar com você. - disse a Vivian. – Chama-se Pimpa. Olha, Pimpa, ninguém aqui vai arrumar sua cama pra você. Aqui, cada uma cuida do seu pedaço. E nada de avançar na pasta de dente da outra. Depois do almoço, o professor Bandeira dá a primeira aula.

Claudete saiu e Pimpa ficou com Vivian, que parecia assustada.

_Você está chegando agora? – perguntou.

_Nesse momento. E você?

_Estou aqui há uma hora. A tal de Shirley me trouxe.

_Que curso é esse, Vivian?

_Meu nome não é Vivian. Shirley é quem me pôs esse nome. Meu nome é Antonieta.

_Não entendo por que trocar os nomes das alunas. O que lhe contaram sobre o curso?

_Bem, me disseram que professor ensina um pouco de tudo e que depois de algumas, já começamos a trabalhar.

_Em que espécie de trabalho?

_Não sei, mas desconfio que se trate da venda de enciclopédias. Minha irmã, lá no interior, fez um curso pra vender enciclopédias. Acho que é isso.

_Claudete e Shirley são muito desembaraçadas. Podem ser vendedoras. O mais estranho é o segredo.

_Confesso que fique encucada mesmo, porque não gostei muito da cara da Shirley. Ela tem um jeito esquisito.

As duas já estavam com muita fome quando foram chamadas pro almoço na cozinha. Ali, ficaram conhecendo mais duas alunas-inquilinas: Janete e Mariângela, que era a mais velha de todas e que fazia as compras da casa e a comida. Mas sua vocação certamente não era a culinária. Aquele prato de arroz, feijão e carne foi o pior que Pimpa já comera na vida. Mal dava pra matar a fome. Ainda se tivesse sobremesa...

Terminado o almoço, Shirley avisou que o professor desejava conhecer as calouras, uma de cada vez, começando com Vivian. Pimpa permaneceu na cozinha, ansiosa. Lila pediu pra ir junto: os felinos conhecem bem as pessoas.

_Pode ir, Pimpa.

O professor estava na sala diante do quadro-negro. Era um homem alto, ossudo e de cabelos bancos. Vestia uma jaqueta de couro, talvez com a intenção de aparentar menos idade, êxito que não conseguia. Seu todo causava impacto, não só pela altura, mas pelo olhar, desses que funcionam como raios-x.

_Ah, uma menina com uma oncinha! Nada mais insuspeito! – Falou. E estendendo a mão como se ela fosse um presente que ofertasse: - Sou o professor Bandeira.

_Meu nome é Maria Paula, o apelido é Pimpa.

_Pimpa é melhor, é um nome feito pro seu tamanho. Tem pais?

_Minha mãe morreu no ônibus, quando vínhamos do interior. Meu pai também já morreu.

_Lamentável... – comentou o professor, fazendo pingar uma a uma as reticências. – Mas você ganhou um novo pai. Essas meninas foram selecionadas a dedo e qualquer problema que tiver, fale comigo e na minha ausência, com Mariângela. Gostou da comida?

_Gostei. – Mentiu Pimpa, educadamente.

_Aqui não se passa fome, minha filha. Mas eu exijo limpeza, pontualidade e ambição. Principalmente ambição. Diga, o que seria do mundo sem os ambiciosos? – Perguntou à queima roupa – Viveríamos na Idade da Pedra. Saltando de galho em galho como macacos. Perdidos na floresta.

Aquilo parecia ser coisa muito profunda, mas Pimpa preferiu ser prática.

_O que ensina o seu curso?

O professor Bandeira respondia com mais urgência perguntas que ele próprio se fazia. Como se não tivesse ouvido, indagou:

_Você tem bons reflexos?

_Na escola, era bom nos esportes.

_Corre bastante?

_Correr era minha especialidade em Serra Azul.

_Isso é bom. Às vezes é preciso. Bem, está aprovada.

_Estou?

_Tenho grande esperanças em você, garota!

Quem não gosta de elogios?

_Obrigada, professor.

_Ah, tem mais uma qualidade que eu exijo das minhas alunas: honestidade. Vivo da comissão do serviço que vocês prestam, não? Portanto a honestidade é a alma do nosso negócio. Já fui espoliado algumas vezes, miseravelmente ludibriado, o que não posso permitir mais. De acordo?

_Sim, claro. – respondeu Pimpa, embora nem ela e nem Lila tivessem entendido o sentidos das palavras do professor Bandeira.

_Muito bem, minha jovem. Vá descansar um pouco, antes da primeira aula.

Pimpa subiu pro quarto, ansiosa pra saber o que Vivian, caloura como ela, achara do professor.

_Parece boa pessoa e muito competente.

_Você já descobriu qual vai ser o trabalho? – perguntou Pimpa.

_Ainda não. Durante o curso ficaremos sabemos.

Pimpa tranqüilizou-se; tudo ia bem. Lila, no entanto, mostrava-se preocupada, com os olhos fitos na janela do quarto sobre o jardim, como se pretendesse fugir. A gente nunca sabe o que os bichos estão pensando.

Menos de meia hora depois, as duas ouviram a voz de Mariângela:

_Desçam, meninas! Vai começar a aula!

O ESTRANHO CURSO DO PROFESSOR BANDEIRA

As seis moças reuniram-se na sala do quadro-negro, sentando disciplinadamente. O mestre entrou em seguida, com um livro nas mãos, que começou a ler com voz pausada, silabando as palavras mais significativas. Tratava-se dum manual de etiqueta e boas maneiras. Como as pessoas devem andar, sentar-se à mesa, comportar-se em lugares públicos. Até Lila relaxou, ao tomar conhecimento da educativa matéria.

Abandonando o livro, o professor resumiu:

_As pessoas jovens geralmente andam de um jeito descuidado e é no andar que principalmente as mulheres mostram sua elegância e educação. Vamos à aula prática. Claudete, vá pro fundo do corredor, volte e contorne as cadeiras.

Claudete obedeceu, um tanto nervosa, embora já conhecesse o curso. Fez o trajeto e tornou a sentar-se em seu lugar.

_Numa escala de 1 a 10, eu lhe daria nota sete. – disse o professor.

_O que eu fiz de errado? – admirou-se a aluna.

_Alguma de vocês pode dizer no que Claudete falhou?

Mariângela sabia:

_Ela olhou o tempo todo pros lados como se não soubesse pra onde ir.

_Muito bem! – aplaudiu o mestre – Você deu uma impressão de insegurança, como se fosse uma caipira que estivesse chegando à Capital. Agora vá você, Shirley.

“Que trabalho será esse que exige perfeita postura no andar?” perguntava-se Pimpa.

O professor deu nota para Shirley:

_Contente-se com um cinco, menina. Você riu o tempo todo feito boba. Isto aqui é uma rua e não a entrada de um circo. Agora, vamos ver uma das novatas. Vivian, você!

A companheira de quarto de Pimpa fez o seu teste num abrir e fechar de olhos e largou na cadeira. Evidentemente, não se saíra bem. Mariângela comentou no lugar do professor:

_Ao contrário de Shirley, ela fechou a cara. Parecia zangada. E por que essa pressa?

O professor concordou com ela e num aceno de cabeça deu ordem à Pimpa pra fazer seu percurso.

_Sua nota é seis! – disse o professor. - Você abana demais os braços e não sabe o que fazer com as mãos!

_É que estou acostumada a andar com minha oncinha!

_Mas não se esqueça que às vezes você terá de usar as duas mãos.

"Em que ocasiões?" ia perguntar Pimpa. Não teve chance. Mariângela a monitora, já se levantava pra mostrar às demais o que aprendera no tocante àquela aula. Levantou-se, foi até o fim do corredor e voltou sem cometer nenhum dos erros das outras alunas. Até no ato de sentar conduziu com segurança seus movimentos.

O professor bateu palmas.

_É assim que se deve andar! Nem muito devagar, como se estivessem desocupadas, nem muito depressa, como se estivessem fugindo de alguém. Podem descansar. A próxima aula será durante o jantar, quando aprenderão a usar os talheres.

Nessa aula, à mesa, Pimpa obteve nota máxima. Dona Aurora ensinara-lhe muito bem a manejar a colher, a faca e o garfo. E a não encher a boca de comida. Isso até foi fácil, na verdade, porque os pratos que serviam na pensão-escola não eram exatamente de encher a boca.

Nos dias seguintes, as alunas tiveram aulas nos períodos da manhã e da tarde. O professor sempre começava com a leitura do manual. Às vezes pedia às próprias discípulas que o lessem em voz alta. As frases que continham maior conteúdo educativo, ele escrevia no quadro negro com uma letra bem caprichada. As lições ensinavam bom comportamento à mesa, na rua e convívio com outras pessoas.

O professor Bandeira também não admitia que se pronunciassem erradamente certas palavras. Vivian teve de aprender e bem depressa que não se falava nem "pobrema" e nem "mindigo". Condenava também gírias e quaisquer outras expressões mais vulgares. A linguagem oral tinha, para ele, a mesma importância de qualquer capitulo do manual.

Pareceu à Pimpa que haviam chegado ao final do curso. Mas não. Começava a fase que exigia da aluna maior empenho e talento: Dramaturgia. "Será que ele vai montar uma companhia de teatro?" perguntou à Lila. A oncinha, porém ainda desconfiada, não soube responder.

_Claudete, sorria!

A garota das botas sorriu, contudo, não como professor almejava.

_Quero um sorriso franco, espontâneo e, sobretudo, juvenil. O próprio sorriso da inocência. Shirley, faça uma cara triste.

Apanhada assim de surpresa, a aluna não teve êxito.

_Assim não! Essa é a tristeza de quem assiste novela. Quero um sofrimento verdadeiro, profundo, contagiante, como se o mundo todo estivesse sendo injusto com você.

_Assim, professor?

_Melhorou bastante. Mas não precisa chorar. As lágrimas, vamos deixar pra outra aluna. Você, Pimpa, chore!

_O quê?

_Faça o que eu disse: Chore.

Pimpa, pra chorar, imaginou que tinha perdido sua oncinha. Toda a classe estava de olho nela. Gastou alguns momentos procurando Lila. Não adiantou: tinha perdido-a mesmo. Foi só fazer cara de choro para virem as lágrimas. O professor aplaudiu-a.

"Que tipo de trabalho vai me obrigar a chorar?" Perguntava-se Pimpa, retomando Lila que deixara momentaneamente no chão.

_Sua vez, Vivian. – disse o professor. – Faça de conta que eu sou um policial. De repente, eu a seguro pelo braço e a acuso de roubar um objeto numa loja. O que você diria? Vamos, represente!

Desajeitada, Vivian, que nunca ter brincado de teatro na vida, não reagiu de forma convincente.

_Não roubei nada, seu guarda! Pode me revistar!

O mestre, pra dar mais força à negativa, contracenou com a aluna, apertando-lhe fortemente o braço.

_Vou levá-la presa! Vi quando enfiou qualquer coisa na bolsa!

_O senhor está enganado! Não fui eu! – rebateu a caloura, mais veementemente.

_Não sou cego, não, garota! O que foi que desapertou, hã? Uma pulseira? Vamos, abra a bolsa! Quero ver!

_Eu tenho uma pulseira! – prosseguiu Vivian – Mas eu não a roubei! Juro pela alma da minha mãe!

O professor soltou o braço da garota,

_Ótimo! Gostei do juramento.

_Mas eu não devia ter jurado. Minha mãe ainda está viva. E eu jurei pela alma dela.

_O que quer que eu faça? Que espere ela morrer? – retrucou o professor. E voltando-se à classe: - Nova aula de dramaturgia depois do almoço.

Aquela noite, Pimpa parecia convencida. Disse à Vivian no quarto:

_Acho que o professor quer que sejamos atrizes. Ele deve ter alguma companhia teatral.

_Sei não, Pimpa... Soube que Claudete e Shirley fugiram de um reformatório. Não te disse antes pra não te assustar, mas isso não está me cheirando bem!

_Já era tempo de sabermos o que fazemos aqui.

_Talvez eu nem espere por isso. Fugi de casa porque minha mãe me batia, mas acho que vou voltar.

Duas batidas na porta e Mariângela, a monitora, entrou no quarto.

_Amanhã cedo, vamos fazer o primeiro trabalho. – avisou ela. – Durmam cedo pra descansarem bastante.

_Que trabalho? – perguntou Vivian.

_Vocês vão saber na hora. Mas como são calouras, não terão grande participação. O importante será vocês manterem a calma. Boa noite, anjinhos!

Vivian não tirou a roupa. Colou o ouvido à porta e assim ficou até que reinasse na casa o mais completo silêncio. Depois apanhando suas roupas, disse à Pimpa:

_Vou embora daqui. Tchau!

Pimpa continuou vestida. Segurava Lila com dedos inquietos. Após algum tempo, a porta do quarto abriu-se outra vez. Era Vivian voltando.

_Você não foi?

_A porta está fechada à chave.

QUE BONITO É O *SHOPPING CENTER*!

Na manhã seguinte, depois do café, as alunas reuniram-se na sala do quadro-negro. Havia nele um desenho feito a giz que pareceu à Pimpa ser a planta baixa de um edifício. Observou também seis bonequinhas de pernas de palito. Sob cada uma o nome de uma das garotas, nessa ordem: Mariângela, Janete, Shirley, Claudete, Vivian e Pimpa.

O professor apareceu muito expansivo.

_Deus ajuda quem cedo madruga! – exclamou. E examinou com atenção o aspecto das alunas. – Claudete, penteie melhor os cabelos. Shirley, troque o vestido. Vista algo mais sofisticado. – Em seguida, distribuiu seis sacolas plásticas com um logotipo e o emblema de um conhecido shopping center.

Vivian fez uma pergunta relativa ao uso desse material, mas ele não respondeu.

_Vocês vão saber de tudo no tempo certo. Vamos! São Paulo não pode parar!

Na porta, estacionada, estava uma velha perua. O professor Bandeira sentou-se na direção, enquanto a monitora abria a porta para todas entrarem. Pimpa, ao lado de Vivian, não conseguia calcular qual das duas estaria mais nervosa. O carro partiu em seguida.

_Cantem! – ordenou o mestre. – Cantar ajuda a relaxar.

Cantar era a ultima coisa que ocorreria a Pimpa naquelas circunstâncias, mas a monitora imediatamente começou a cantar "Trem Azul". Formou-se um coro, embora contra a vontade e desafinado. Pimpa e Vivian participaram. Os passageiros de alguns carros emparelharam-se ou ultrapassando a perua, ouviam a canção e sorriam. O professor também cantava com uma voz forte e entusiástica. Apenas Lila conservava-se muda, aninhada nos joelhos de sua dona.

Quando a perua se aproximou do shopping, o professor parou e encostou o carro.

_Estão todas com as sacolas?

_Todas. – respondeu Mariângela.

Pimpa colocara dentro da sua, a sua bolsa.

_Agora, vamos às instruções – anunciou o professor. – Mariângela vai fazer o serviço. Imediatamente trocará de sacola com Janete, que estará perto. Janete trocará com Shirley e depois Shirley com Claudete, Claudete com Vivian e Vivian com Pimpa. Eu recolherei o produto com Pimpa, junto a uma das saídas laterais. Certo?

_Eu não sabia que o curso era pra isso! – disse Pimpa.

_Minha filha – retrucou o professor – os tempos estão bicudos. Não tem emprego sobrando por aí, não. E que pagam pra menores de idade é uma verdadeira exploração. Felizmente, vocês têm um professor Bandeira pra orientá-las. Agindo como boas alunas, nada acontecerá pra ninguém. Agora, olho vivo e muita dissimulação. Vocês, agora, são simpáticas mocinhas que vieram ao shopping fazer compras.

O grupo entrou no shopping e fiel ao desenho que fizera no quadro-negro, o professor foi deixando cada um no seu posto. Mariângela, já ladra tarimbada e profissional, entrou numa loja de jóias. Pouco além da porta ficaria Janete. Shirley estaria tomando um sorvete na primeira esquina. Claudete trocaria de sacola com Shirley e subiria pela escada-rolante. Junto à escada de retorno, Vivian, depois da troca da sacola, entraria numa loja de discos onde daria um forte esbarrão em outra garota levando também uma sacola plástica do shopping, igual a milhares que circulavam por lá. A garota seria Pimpa, a dez passos da porta lateral, onde um respeitável senhor de cabelos brancos receberia o "produto", tomando depois e sem atropelo, o caminho da perua. As meninas, já dentro do carro, cantariam o "Trem Azul", sinal de tudo bem.

_Só isso, minhas filhas!

Assim que o professor Bandeira se afastou, Pimpa começou a tremer. À distância, viu Shirley passar, chupando sorvete. Perto da escada-rolante estava Claudete. Procurou Vivian. Julgou que já tivesse desaparecido, mas não. Estava à porta de uma lanchonete, comendo um sanduíche, que devia fazer parte de seu papel naquele "teatro" matutino. O professor, no fundo do corredor, aproximava-se da loja. Pimpa lembrou-se que no quadro negro havia um risco que saía de um pequeno quadrado assinalado e que se prolongaria por fora da planta. Entendeu que Bandeira estaria com Mariângela no momento do roubo, pra lhes dar cobertura e que depois sairia do shopping, rumo a uma das portas laterais, onde era seu posto.

A espera foi aflitiva; Pimpa teve de segurar Lila com força pra que não fugisse. De repente, no ponto extremo do corredor, notou um corre-corre. Empregados apareceram às portas das lojas espiando. Ouviu-se uma voz de fundo de túnel que dizia "Juro pela alma da minha mãe!" enquanto muitas pessoas, levando sacolas e pacotes, corriam na mesma direção. Vivian, pálida, correu ao encontro de Pimpa.

_Pegaram uma delas!

_O quê que a gente faz?

_Vamos fugir!

_Mas a minha mala está na casa do professor!

_Minhas roupas também, mas o importante é salvar a pele. Até qualquer dia, Pimpa!

A caloura desapareceu pela porta lateral. Lá, na ponta do corredot, Pimpa teve a impressão de que Mariângela ou Janete ou as duas, eram cercadas por um crescente agrupamento de fregueses do shopping. Shirley descia a escada-rolante com seu sorvete, mas já abandonara a sacola. No mesmo instante, Claudete entrava numa loja de flores.

Pimpa saiu pela porta, onde se encontraria com o professor, imitando Claudete: sem pressa e nem olhares assustados. Atravessou a rua e ficou à porta duma confeitaria. À entrada do shopping, o professor Bandeira apareceu mancando excessivamente: arranjara uma paralisia ou defeito na perna para se insuspeito. Seus passos trôpegos e sofridos o conduziam à perua. O problema agora era conseguir novas alunas para substituir as foram apanhadas e as fugitivas.

Um ônibus parou e Pimpa entrou com Lila, bastante aliviada. Ignorava que linha de ônibus era, mas não importava. Por acaso, sabia para onde queria ir?

A POBRE MENINA RICA

No ônibus, Pimpa pensou com lástima nas roupas perdidas. Gostava muito de alguns daqueles vestidos. Seria pior, contudo, se tivesse sido presa como integrante de uma quadrilha de meninas ladronas. Não tinha destino, mas estava livre. O que faria? Voltaria pro interior ou permaneceria na Capital até que dona Regina recuperasse a memória? Olhando pela janela do ônibus, deixou novamente que o fascínio da grande cidade a envolvesse. Ficou a ler os nomes das casas comerciais. Leu milhões. Uma placa verde lhe chamou a atenção. Desceu precipitadamente do veículo. Retornando meio quarteirão, parou diante de um majestoso sobrado. A placa dizia: **PENSIONATO PRA MOÇAS.**

Pimpa sabia que estabelecimentos dessa natureza não recebiam menores, mas resolveu tentar. Transpôs um portão antigo, subiu uma escadaria de mármore e penetrou numa saleta onde uma mulher alta e morena, de meia idade, despedia-se de duas jovens que se retiravam com suas malas.

_Voltem depois das férias! – ela dizia – Aqui é a casa de vocês!

_Bom dia! – disse Pimpa – A senhora teria um quarto ou uma vaga pra mim?

A mulher olhou Pimpa dos pés à cabeça.

_Que idade você tem?

_....quinze.

_Só alugamos quartos pra moças menores quando acompanhadas pelos parentes.

Pimpa lembrou-se do professor Bandeira. O que ia contar da morte da mãe, no ônibus, não era mentira, mas exigia certa dramaticidade. Terminou com o pedido, já feito, agora em forma de súplica.

_Não seria por muito tempo. Estou à procura de um parente, "tio" Leonel. Assim que encontrá-lo, vou morar com ele.

A proprietária do pensionato quase se decidiu favoravelmente. Porém, um detalhe a preocupou.

_Onde está sua mala?

_Na confusão da morta de minha mãe, perdi, mas minha bolsa está comigo. – respondeu, abrindo a sacola - Posso pagar adiantamento.

Como estavam nas férias, havia vagas demais no estabelecimento. Quartos vazios significavam falta de dinheiro.

_Não posso me arriscar recebendo uma menina da sua idade. Por outro lado, tenho bom coração. Vamos fazer um trato. Você fica uma semana, está bem assim?

_Combinado. – concordou Pimpa – Quanto tenho que pagar?

A dona do pensionato que se chamava Noêmia levou Pimpa a um pequeno quadro. Moveis velhos, mas tudo muito limpo. O pagamento incluía café da manhã e duas refeições. Outra coisa: a porta da rua fechava às onze. Não aceitava em sua casa pensionistas que chegassem tarde. Esse procedimento garantia o bom nome do pensionato.

_A senhora tem muitas pensionistas?

_Nunca há vagas durante o ano letivo, mas no momento só temos a Marina. Pobrezinha, passa as férias conosco. Seus pais são divorciados.

Quando dona Noêmia saiu do quarto, Pimpa fechou a bolsa e atirou-se à cama sem tirar a roupa. A aventura no shopping doía-lhe nos músculos. Pela primeira vez se esqueceu de Lila, que continuou na sacola.

Ao meio dia e meia, bateram na porta. Era uma empregada do pensionato; a comida estava na mesa.

Marina, a pensionista que não saíra nas férias, esperava sua chegada na sala de refeições. Para Pimpa, foi vê-la e gostar. Era uma gorduchinha loira de olhos azuis, muito simpática, que devia ser como dona Berenice, a mãe de Noel, fora na juventude.

_Você é a Marina, não? Meu nome é Maria Paula, mas pode me chamar de Pimpa. É como todos me chamam.

_Dona Noêmia me falou de você. Disse que sua mãe morreu no ônibus quando vocês vinham pra cá. Que coisa triste... Mas sente-se. Eu te sirvo. A cozinheira da pensão é excelente. Você tem um tio, não?

_Eu o chamo de "tio" Leonel, mas ele é só um parente do meu pai. Tenho de encontrá-lo.

_Tem idéia de onde ele está?

_Não, Mariana e o pior de tudo é que não lembro seu nome. Nem tenho retrato dele. Eu o vi apenas uma vez, quando era garotinha.

Marina, demonstrando com o garfo porque era tão gordinha, interessou-se pelo problema da nova amiga.

_Por que você não põe um anúncio no jornal?

_Anúncio no jornal?

_Ele sabe seu nome, não?

_Deve saber.

_É o que basta.

_Mas como eu faria esse anúncio?

_A gente podia estudar uma redação – disse Marina – Qualquer coisa tipo **“SOBRINHA PROCURA TIO”** ou **“TIO LEONEL, POR FAVOR, ME TELEFONE”**. O titulo é o mais importante.

_Não havia pensado nisso.

_Dona Noêmia disse também que você perdeu suas roupas.

_É verdade. Estou só com a roupa do corpo.

_Pena que sou muito mais gorda que você. Vestidos tenho de sobra. Mas aqui perto tem uma loja em liquidação. Se quiser, levo você.

_Obrigada, Marina.

Depois do almoço, a gorducha convidou Pimpa a conhecer seu quarto. Era o maior do pensionato e havia de tudo ali: aparelho de som, com rádio e gravador, televisão, além de uma estante lotada de livros.

_Puxa! Não lhe falta nada! – exclamou Pimpa.

_Meus pais me dão tudo o que eu quero. Assim ficam com a consciência tranqüila.

_Eles não moram em São Paulo?

_Minha mãe foi pra um lado, meu pai, pra outro. Veja de onde vêm os cartões: Paris, Roma, Londres, Viena, Atenas...

_Eles visitam você?

_Raramente. – respondeu Marina – E nunca me levam pra casa. Moro aqui no pensionato. Isso aqui nas férias é vazio, vazio. Por isso, fiquei contente de saber que tinha chegado mais uma pensionista.

A amizade entre Pimpa e Marina consolidou-se logo no primeiro dia. À tarde, foram visitar a loja em liquidação e compraram roupas. Depois, fizeram um longo passeio pelo bairro, que a gorducha interrompeu logo que viu uma lanchonete. Apesar do pratão do almoço, ainda tinha fome.

À noite, no confortável quarto de Marina, ouviram rádio e assistiram televisão. Em seguida, voltaram a falar do anúncio. Como seria o texto?

_Devemos colocar o telefone do pensionato. Mas o que não pode faltar é seu nome completo. – ponderou Marina.

_Aí há um problema. – disse Pimpa – Devo pôr apenas meu apelido. Não contei toda a minha história. Uma assistente social está me perseguindo. Quer de toda a lei me levar pro juizado de Menores.

_Isso você não disse à dona Noêmia.

_Não, mas direi a você. Quer saber tudo que me aconteceu desde a morte da minha mãe, no ônibus?

_Pode confiar em mim. E seja o que for, farei o possível pra ajudá-la.

Pimpa precisava contar tudo a alguém. E aquela gorducha, agora devorando uma caixa de bombons, em poucas horas já era como uma amiga antiga. Quando concluiu a parte do frustrado roubo no shopping, Pimpa já estava cansada de reviver emoções.

_E agora estou aqui ainda sem saber o que vai me acontecer.

Marina abraçou a amiga.

_Puxa, como você sofreu!

_Mas encontrei gente boa, também. Vamos fazer o anúncio?

_Sabe do que está precisando, menina?

_Não.

_De se distrair. E amanhã é domingo. Gosta de gincanas?

_Nunca fui a nenhuma.

_Amanhã vai ter uma grande gincana no Ibirapuera. Vamos lá! Você precisa refrescar a cabeça. Depois pensamos no anúncio.

_Marina, acho você formidável! – Exclamou Pimpa.

_Formidável, eu? Não... Não passo de uma pobre menina rica.

ADIVINHEM QUEM GANHOU A GINCANA?

Quando Pimpa e Marina chegaram ao parque, uma das suas ruas já estava cheia de rapazes e moças. Uma famosa marca de calças patrocinava o evento. Diversas câmeras de televisão foram levadas para pontos estratégicos. Vinte casais de jovens entre quatorze e dezesseis anos disputariam a prova final. Os participantes usavam uma braçadeira com o número de sua inscrição. Sobre uma mesa, acumulavam-se os prêmios para os vencedores.

Pimpa e Marina chegavam até a corda que separava os espectadores da pista. Estavam perto da faixa de partida onde os gincanistas se agrupavam.

_Pimpa! Pimpa!

Ouvindo chamarem seu nome, num local em que nunca estivera, Pimpa teve a maior das surpresas.

_Quem está me chamando, Marina?

_Aquele rapaz ali! – apontou a gordinha.

_Mas, meu Deus do céu! Olha quem eu fui encontrar!

Noel, vestido esportivamente com uma braçadeira numerada, saiu da pista e acercou-se da corda. Difícil calcular quem estava mais surpreso, ele ou Pimpa.

_O que você faz aqui, Pimpa?

_Vim com uma amiga. Marina, quero lhe apresentar o Noel, de quem lhe falei. Noel, essa é a Marina.

_Muito prazer, Noel. Você vai concorrer?

_Não – respondeu Noel – Ninguém me avisou que seria uma gincana de duplas mistas. Isso está muito desorganizado. Mas me diga, Pimpa, já encontrou seu "tio"?

_Ainda não. Tenho tanta coisa pra contar a você!

_Eu também. Sabe que o filme do ônibus já ficou pronto? Ficou muito bacana!

_Gostaria tanto de ver!

_Então vá lá em casa, amanhã.

_Aquela mulher, a assistente social, não voltou?

_Em casa não, mas deu pra seguir a gente num fusca preto. Fez isso ainda ontem. Não consegui foi ver a cara dela.

_Então não vou.

_Ela tem aparecido à tarde. Vá pela manhã.

_Irei com você. – disse Marina – Pimpa disse que você faz filmes curta metragem. Sou apaixonada por cinema.

_Combinado. Amanhã cedo. Agora vou devolver a braçadeira.

Marina lançou um olhar rápido pra Pimpa.

_Por que você não entra nessa com ele?

_Eu?!

_Boa idéia! – exclamou Noel – Vamos! É só lhe arranjar uma braçadeira com o meu número e está resolvido.

Pimpa resistia, pois nem sabia direito o que era uma gincana.

_Não daria certo. Quem sabe de outra vez.

_Ora! – protestou Noel – É só farra! Assim a gente comemora o nosso reencontro. Passe por baixo da corda!

Pimpa precisou, ainda, do estímulo de Marina.

_Vá sim, a gente não se desencontra! Aqui é o ponto de partida e chegada. Me dê sua bolsa e a oncinha!

Pimpa abaixou-se, passou por debaixo da corda e entrou na pista. Logo em seguida, o diretor da prova, um senhor de meia idade de bonezinho vermelho, colocava-lhe a braçadeira com o número 13 no braço direito.

"Quanta coisa acontece nessa cidade!" pensou Pimpa. "Ontem, eu participei de um assalto num shopping Center e hoje de uma gincana. A coitada da Lila deve estar desnorteada com os acontecimentos!"

Um revólver brilhou na mão erguida do diretor da prova, quando esperava o alinhamento dos vinte casais concorrentes. Uma deliciosa expectativa, feita de silêncio, tomou conta dos expectadores que se apertava, de encontro às cordas, em toda a extensão do percurso. Flâmulas, dísticos e bandeirolas de cores vivas, enfatizando nomes de marcas industriais, agitavam-se no ar. O ruído da matraca do motor de um helicóptero foi ouvido por todo o parque, puxando pro alto a atenção geral. A espera ficou mais quente, porém o homem do bonezinho vermelho aguardou que o imenso inseto mecânico se distanciasse para que todos ouvissem o tiro de largada.

Largaram! A saída da dupla 13 foi péssima, não porque estivesse descuidada. A se verem com um ovo numa colher, na primeira etapa da prova, Pimpa e Noel não contiveram o riso.

_Vamos! – ordenou Noel – Se nós dois deixarmos cair o ovo, estaremos desclassificados. Ande depressa, mas sem correr.

Justamente a dupla que vencia a corrida, a número 8, tropeçou, não se viu em quê, e os dois ovos – bumba! – foram direto pro chão. Um dos juízes arrancou as braçadeiras do casal. Logo, outra dupla também era desclassificada; na pressa de chegar, acabaram quebrando os ovos quando assumiam a liderança.

Pimpa e Noel, distinguindo na vibrante gritaria a torcida de Marina e pisando em ovos caídos, não conseguiram boa colocação na arrancada inicial. Ia começar a corrida de sacos, divertida pra quem assiste, mas terrível pra quem participa. Pimpa já correra assim em Serra Azul, com as duas pernas metidas em um saco. Valendo-se dessa experiência, nem precisou do apoio de Noel pra sair-se bem.

_Você é craque nisso! – animava-a Noel – Mas cuidado! É preferível ficar pra trás do que cair. Sou tarimbado nesse assunto. Os apressadinhos que passem.

A corrida de sacos causou a eliminação de mais casais e a posição da dupla 13 melhorou na gincana.

_O que vem agora?

_Um percurso sobre patins.

_Desisto, Noel. Não sei andar de patins!

_Não se incomode! Eu ando e puxo você. Trate apenas de manter o equilíbrio. Essa prova é fogo mesmo, mas a gente chega lá!

Pimpa calçou os patins já imaginando os tombos que levaria. Achava impossível ir muito longe. Segurou firme a mão de Noel e fechou os olhos. Sentiu em seguida que estava deslizando, puxada pelo amigo. Arriscou abrir um olho: viu duas duplas se chocarem, enquanto adiavam o tombo coletivo que veio dez metros além. Cuidadosamente, Noel fez com que Pimpa desviasse daquela confusão de braços e pernas.

_Continue, Pimpa. Não perca o equilíbrio. Flexione um pouco os joelhos. E abra os olhos!

_Se abrir, caio!

_Então, feche! Faltam só uns vinte metros.

_Muita gente caiu?

_Foi a prova que derrubou mais duplas.

A quarta etapa não exigia velocidade, mas uma experiência que nem todos possuem: basquete. Um ou outro membro da dupla tinha de encestar uma bola num máximo de três arremessos. Neste, a braçadeira 13 ganhou tempo, pois Noel conhecia a matéria, enquanto outras eram desclassificadas ou se atrasavam.

A quinta fase era disputada numa mesa no meio da pista onde os concorrentes, assim que chegavam, sentavam-se para tomar um refrigerante e comer um volumoso sanduíche, preparado com determinada marca de maionese, uma das promotoras do evento. Tomar o refrigerante era fácil, naquela altura todos tinham sede, mas o tamanho daquele banquete, entre duas fatias de pão, assustava.

_Vire o gargalho na boca! – disse Noel, provando que entendia tudo sobre gincanas. - Mas deixe um restinho pra empurrar o sanduíche.

Uma moça de braçadeira 7 engasgou. O rapaz da 3 derrubou a garrafa de refrigerante. Um juiz de percurso se aproximou da mesa, avisando que ninguém podia se levantar antes de a dupla ter acabado a refeição.

Uma garota abanou a cabeça.

_Não posso. Comi um cachorro quente antes da prova. Desisto.

Noel já partira para as últimas mordidas, preocupado com Pimpa. Ela se perguntava: “Será que meu estomago há espaço pra tudo isso?” Fez o que Noel ensinou: engoliu o resto do sanduíche com o que sobrara do refrigerante.

_Pra frente, Pimpa, já estamos no primeiro escalão!

A derradeira etapa da gincana, depois de uma descida num escorregador, era uma corrida de *kart* com assentos duplos; uma volta completa pelo circuito. O casal que ponteava a gincana deu azar. O carro não partiu. Noel sabia que eram todos umas porcarias. Um pouquinho de precipitação e o motor afogava. A partida devia ser lenta e a aceleração, gradual. Pimpa, sentada ao seu lado, só podia torcer; nada entendia de *karts*.

_Estamos em quarto lugar! – disse ela.

_Veja um parando! Passamos pra terceiro!

_Não pode andar mais depressa?

_Ainda não. Vou esperar essa joça esquentar. É assim.

Noel estava mesmo usando a cabeça. A partir da metade do circuito, o *kart* começou a desenvolver maior velocidade. Numa curva, ultrapassou o segundo colocado, passando a disputar de perto a primeira posição.

Pimpa, naquele momento, não se lembrava de nenhum dos maus momentos vividos quando de sua chegada à capital. Queria apenas que a dupla 13 vencesse. Ouviu o alarido do público. Parte da torcida estava com ela. O helicóptero voava baixo sobre o parque. O homem do bonezinho vermelho erguia uma bandeira quadriculada pronto para anunciar o vencedor da gincana. Ao lado dele, torcendo, uma figura conhecida de Pimpa: a companheira gorducha do pensionato, vibrando, agitava a oncinha no ar.

_Vai dar a 13 na cabeça! – garantiu Noel, pisando fundo no acelerador – O caneco é nosso, Pimpa!

O *kart* da dupla 13, quase em cima da faixa, ganhou a ponta. A bandeirada foi em cima da ultrapassagem. O lance sensacional fez o público gritar de emoção. Quando Noel brecou, ele e sua colega de dupla viram-se cercados pelas cores festivas da propaganda da gincana. Pimpa recebeu logo dois beijos, um de Marina e outro mais seco, de Lila.

_Pimpa, vencemos!

_Você venceu, eu só comi muito depressa aquele sanduíche.

_Na corrida de sacos, você foi melhor que eu!

Marina, que se sentia a feliz responsável pela grande alegria de Pimpa, abraçava e beijava a dupla sem parar. Se felicidade engordasse, acabara de ganhar mais alguns quilos.

_Vamos receber o troféu. – disse Noel, levando Pimpa pelo braço até a mesa do homem de bonezinho vermelho.

_Mais um pra sua coleção!

_Não, este gostaria que ficasse com você.

Ao aproximar-se do diretor da prova, Pimpa estacou. Fincando os pés no chão e muito pálida, avisou Marina e Noel:

_Vou fugir. Não me acompanhem.

_O que está dizendo? – Espantou-se Noel.

_Ela seguiu você.

_Quem?

À mesa dos troféus, com o bote pronto, lá estava a bruxa com seu *tailleur* de sempre. Pimpa sentiu na espinha a frieza pontuda daquele olhar através dos óculos de aros de tartaruga. Passou por baixo da corda, como se fosse apanhar algo que caíra e misturou-se com os espectadores. A multidão continuava junto à pista, aguardando novas provas. Em seu atropelo, Pimpa, empurrando pessoas – a maioria, jovens com camisas vistosas – pedindo licença, dando cotoveladas, afastava-se lentamente. Como não conhecia o parque, seu esforço era confuso e sem rumo. Parecia-lhe estar nadando contra uma correnteza. Teve de lutar como uma leoa pra poder atingir um espaço vazio. Pôde então correr por uma comprida alameda, onde um casal de namorados, desinteressados da gincana, passeavam. Só muito mais tarde, parou pra ver se a perseguiam. Não viu mais a bruxa. Dirigiu-se então a um ponto de ônibus. Lembrou-se aí que juntamente com Lila, sua bolsa ficara com Marina. Nem para a passagem tinha dinheiro. Depois do corpo a corpo para atrasar a massa de espectadores, teria ainda de marchar alguns quilômetros, hesitando entre ruas e avenidas.

Ao chegar ao pensionato, exausta, suada e com os pés em brasa, Pimpa já encontrou Marina à sua espera. Abraçaram-se.

_Você veio a pé daquela lonjura?

_Vim. Não levei a bolsa.

_Tudo bem. Ela está no quarto comigo.

_E a Lila?

_Miando, muito preocupada com a mamãe. Pensei que você não encontraria essa rua.

Depois de beijar a oncinha, Pimpa, em seu quarto, sentada na cama, já sem os sapatos, falou a Marina do susto que levara ao ver a assistente social e da força que fizera pra romper a multidão.

_Viu a cara dela, Marina?

_Vi. Mas assim que você passou por baixo da corda, ela sumiu também. Noel disse que ela o deve ter seguido, no fusca preto, desde a casa dele.

_Só pode ter isso. Que pena! Tinha ficado de ver o filme!

_Se ficou combinado, vamos. Com ou sem bruxa por perto.

_Você iria comigo? – admirou-se Pimpa, alegre.

_E o que eu tenho pra fazer nesse pensionato?

_Com você por perto, vou me sentir bem mais protegida, gordinha. Ah, como me doem os pés!

Marina usou as bochechas inteiras pra fabricar um sorriso imenso.

_Desculpe por tudo, Pimpa. A idéia da gincana foi toda minha.

_E foi ótima! Graças a ela, reencontrei Noel!

_O simpático sardentinho!

_E graças a ela, eu e ele nos tornamos campeões!

HÁ CORAÇÃO CAPAZ DE AGÜENTAR MAIS ISTO?

Na manhã seguinte, Pimpa e Marina, logo depois do café, foram se vestir pra visitar Noel. A gorducha usava mais chique de seu incrementado guarda-roupa e estava muito cheirosa.

_Marina, esse perfume!

_O que tem ele? Gosta?

_É o perfume que a bruxa usava na casa de Noel e no parquinho!

_É Joy, um perfume caríssimo!

_Estranho, não? Como uma assistente social, que ganha pouco, pode comprar?

_Deve ser imitação.

_Acho que não. Meu olfato é dos melhores. E o de Lila, também. E ela também reconheceu o perfume.

Diante do pensionato, Pimpa e Marina apanharam um táxi. Lila, nas mãos de sua dona, estava doida pra rever a família de Noel, onde fora tão bem tratada. O reencontro foi o que esperava: uma festa!

_Pimpa, meu amor! – exclamou dona Berenice, abraçando ao mesmo tempo a garota e o felino de pelúcia.

_Trouxe uma amiga minha, Marina. Estamos num pensionato.

_Que gatona! Entrem, a família está indócil!

Assim que Pimpa pisou na sala, foi atacada por Pauleco, Tuta e Beto. Alegria pra eles, não existia sem barulho. Só de mil abraços, eles perceberam que ela viera acompanhada. Marina também gostava de farra. Como uma velha amiga, abraçou os três, dizendo logo estar apaixonada pelo caçula.

Noel, já preparando o projetor, largou tudo.

_Pimpa, como você se livrou daquela mulher?

_Sei lá! Apenas fui empurrando todo mundo e depois corri. O mais chato foi voltar a pé pra casa.

Dona Berenice mostrava-se revoltada.

_Aquela mulher, outra vez! Ah, mas eu vou falar com o juiz! Isso não é justo! Parece um caso pessoal! Vou lá e faço um escarcéu! Vocês vão ver!

_Pimpa – anunciou Noel – Tem aí aquela geléia que você gosta.

_Vamos deixar a geléia pra depois. Primeiro o filme. Estou ansiosa. Ele saiu bom?

_Ainda não vimos – disse dona Berenice – A estréia de gala é agora, especial para as visitas. Quer que eu feche a janela, Noel?

_Pode fechar, mãe. Pimpa e Marina, sentem-se na primeira fila!

_Vai passar o filme na parede? – perguntou a gorducha, sentando-se muito a vontade.

_O que está pensando? Que sou um amador mixuruca? Tenho o equipamento completo. Vou exibir na tela.

Antes de projetar seu curta-metragem, o cineasta não perdeu a oportunidade de fazer uma preleção sobre cinema e em particular sobre o manejo correto duma Super 8. Dona Berenice, de pé junto à porta, ouvia o filho, vaidosa. Marina, atenta, fez diversas perguntas pra desvendar um pouco do mundo mágico do cinema. Quem sabe pudesse tornar-se uma cineasta? Tempo, na vida vazia que levava, tinha até demais. A pobre menina rica fixou os olhos na telinha.

O curta começava com uma "geral" do ônibus, lembrava-se Pimpa. Depois, vinha o close de Lila, que se abria para um plano mais amplo, focalizando a oncinha nos braços de sua dona. Que belo sorriso de Pimpa, estreando como atriz! Em seguida, dona Aurora, recostada na poltrona bastante reclinada, num sono que talvez já fosse a morte. O "Sempre Alerta" do escoteiro. O homem de boné que gingou no ritmo da música. O tímido que escondeu o rosto. A molecota do laço de fita, mostrando a língua para a câmera. O chiclete de bola do garoto. O *big close* de uma careca. O bebê dormindo com a chupeta na boca. Um "ator" mordendo uma laranja. Ah, o casal que ficou dançando no estreito corredor do ônibus! E aquela mulher não queria "trabalhar" no filme, virando o rosto de um lado para outro e depois se escondendo no espaldar da poltrona dianteira. Era baixa, encorpada, vestia *tailleur* e usava óculos e...

_Noel, veja essa mulher! É ela! – exclamou Pimpa.

_Ela quem? – espantou-se Noel.

_A assistente social! – gritou Pauleco, lembrando-se da manhã da fuga de Pimpa.

_Impossível! – retrucou Noel. – Pimpa ainda não tinha passado pelo juizado.

_Volte esse pedaço. – disse Pauleco. – É ela, sim.

_Mas ela ainda não conhecia Pimpa. Não pode ser.

_Volte o filme, mano.

Noel fez retroceder um trecho do filme, convicto de que Pimpa e o irmão se enganavam. Retornou um bom pedaço: desde o estouro do chiclete de bola.

_Atenção! – pediu Pimpa. – Ela vai aparecer agora!

Novamente, agora no mais absoluto silêncio, todos viram a mulher de *tailleur* escuro e óculos de aros de tartaruga, tentando fugir com meneios de cabeça do foco da Super 8. Sua cabeça desapareceu, por fim, atrás da poltrona dianteira.

_É a mulher que vi no Ibirapuera ao lado do diretor da prova! – garantiu também Marina.

Novo retrocesso do filme.

_Agora vou parar a projeção bem em cima dela. Vejam melhor. Eu não posso dizer nada, porque só a vi no ônibus.

Pimpa, Pauleco e Marina tinham a mesma certeza: era a assistente social.

_Acho que ela tinha um motivo especial pra não ser filmada. – disse Pimpa.

_Que motivo?

_Pra mim é um mistério, mas ela já estava me perseguindo antes da morte da minha mãe.

_Você não a viu na estação rodoviária de Serra Azul? – perguntou dona Berenice.

_Estava tão preocupada com doença de mamãe, que não prestei atenção em ninguém.

Olhando para o fotograma fixo na tela, a mulher de *tailleur* escondendo o rosto, todos viam o enigma, mas não viam a solução.

_Vai ver, ela estava no ônibus por mera coincidência. – disse Marina.

_Seria coincidência demais. – retrucou Noel.

Dona Berenice abriu as janelas. A sessão de cinema chegara ao fim e ninguém pensava em aplaudir.

_Isso tudo é muito estranho. – disse a mãe do cineasta – Mas o juiz vai ter de dar explicações. É a única pessoa que pode fazer isso. Agora, vamos à geléia e não se toca mais no assunto.

A geléia estava ótima, mas não o suficiente para que se esquecessem da misteriosa personagem do filme de Noel.

PIMPA PROCURA "TIO" LEONEL

PIMPA PROCURA TIO LEONEL

Tendo chegado do interior, desejo falar-lhe. Telefone, por favor, para 255-5255. Chamar a senhorita Marina.

Depois de redigirem muitos anúncios, Pimpa e Marina, decidiram-se pela publicação deste. Era mais seguro usar o apelido conhecido por seu tio que o nome verdadeiro. No juizado ela era Maria Paula e era assim que a bruxa perfumada a conhecia. Pimpa era só para aqueles que a queriam bem. Referindo-se à chegada do interior, não mencionava a cidade nem se referia à morte de dona Aurora. Também não afirmava que aquele era o número de sua residência. Quem ligasse, falaria com Marina.

_E eu atendendo, saberei apurar quem está falando, se é "tio" Leonel ou gente do juizado.

_Não vá dizer que moro no pensionato!

_De jeito nenhum! Só se eu for ameaçada com ferro em brasa!

Pimpa abraçou Marina. Estavam na saleta do pensionato, onde havia um velho piano. Dona Noêmia, noite alta, ia pra lá e tocava tangos e boletos. Pela manhã, encontrava-se sobre o piano um cálice de vermute. Mas só fazia isso nas férias, quando as pensionistas voltavam pra suas casas.

No dia da publicação do anúncio, Pimpa e Marina não saíram nem por um momento do pensionato. E se o telefone tocava, a gorducha corria pra atender. A cada toque, multiplicavam-se as esperanças de Pimpa, porém, seu "tio" não ligou.

_Amanhã completa uma semana que estou aqui e vence o prazo que dona Noêmia me deu.

_Vou convencê-la a renovar o prazo. Com o pensionato vazio, ela não pode se dar ao luxo de mandar ninguém embora. Além disso, os tangos e boleros a deixam mais humana. Não ouviu o piano até de madrugada?

Dois dias após a publicação do anúncio, Pimpa e Marina foram ao jornal pra renová-lo. A gorducha fez questão de pagar a inserção, pois o dinheiro de Pimpa estava acabando.

_Pode ser que "tio" Leonel não esteja na cidade ou não more mais aqui.

_Pode ser, sim.

_Ou então, talvez já até morrido.

_Não, Pimpa, não pense nisso. Talvez ele não leia o anúncio, mas está vivo sim, aqui ou em outro lugar. Não sente?

_Sinto. – confirmou Pimpa. – Está vivo e é boa pessoa. Do contrário não pagaria a internação de dona Regina. Gosto de imaginá-lo como dono dum grande coração.

_E é assim que ele é, aposto! O que me diz de um *cheeseburger*?

_Marina, quer engordar ainda mais?

_Ah, quer que eu vá à lanchonete só pra ver você comer? Leve a Lila, ela precisa de ar fresco.

Marina, de fato, comeu apenas um *cheeseburger*, sem falar de um cachorro quente e um sanduíche elevador com três fatias de pão, formando dois compartimentos alimentícios. Uma loucura!

Quando as duas voltavam ao pensionato, Pimpa teve a impressão de que Lila, inquieta, arranhava-lhe o braço como se quisesse fugir. Teve de segurá-la com força. Ao entrar com Marina, as duas deram com dona Noêmia na sala.

_Pimpa, visita pra você.

_Quem é?

_Está aí na saleta.

O primeiro anúncio teria afinal dado certo? "Tio" Leonel certamente descobrira o endereço, partindo do número de telefone e estava ali pra pôr um ponto final em tudo. Pimpa e Marina foram para a saleta.

Mas, junto ao piano, de pé, com o mesmo *tailleur*, os mesmos óculos e o mesmo perfume, estava a bruxa perfumada.

_Vim buscá-la. - disse simplesmente.

_Como a descobriu aqui? – perguntou Marina, indignada.

A assistente social olhou para a mesa redonda da sala onde estava o jornal com o anúncio demarcado com lápis vermelho.

_Quem lhe disse que meu apelido é Pimpa? – admirou-se a garota.

A assistente social, que não esperava a pergunta, venceu sua hesitação apertando um braço de Pimpa com mão de ferro. Parecia com muita pressa de arrancá-la de lá.

Dona Noêmia aproximou-se.

_Não sabia que estava sendo procurada pelo juizado. – disse, zangada – Espero que isso não me complique.

Marina não queria abandonar a amiga naquele mau momento.

_Vou com ela ao juizado.

_Não! – replicou a assistente.

_E por que não? – insistiu Marina.

_Não é necessário, menino! – respondeu a bruxa.

Pensando na fuga, Pimpa disse:

_Vou buscar minhas coisas no quarto.

_Já apanhei tudo. – informou dona Noêmia, mostrando num canto, sua sacola com as roupas.

Marina, que entendera o plano de Pimpa, procurou em seu rosto, os sintomas daquela decepção.

_Vamos de táxi? – perguntou Pimpa, achando mais fácil escapar enquanto esperassem.

_Vamos no meu carro.

Pimpa não se lembrava de ter visto o fusca preto nas redondezas. A bruxa tivera a precaução de deixá-lo distante.

_Espero que explique ao juiz que não tive culpa de nada. – disse dona Noêmia. – Ela me enganou. Mas em todo caso, vou anotar seu nome.

Pimpa e Marina, apesar da tensão, ficaram curiosas por saber como a fera se chamava. Enquanto a dona do pensionato procurava um lápis, a assistente social, embaraçada com a pergunta, pareceu inventar um nome.

_Gertrudes. – respondeu e sem mais informações, levando Pimpa pelo braço em direção à porta.

Pimpa, com a sacola, a bolsa e Lila, foi arrastada sem tempo nem de despedir de Marina.

Chegaram à rua.

_Não precisa apertar tanto meu braço!

_Sei o que faço, fujona! – retrucou Gertrudes.

Andaram uns 100 metros e numa rua lateral, pararam diante do fusca preto. A bruxa empurrou Pimpa pra dentro do carro, fez a volta pela frente, muito arisca e sentou-se na direção.

_Vamos pro juizado? – perguntou a prisioneira. A assistente social não respondeu, pondo o fusca em movimento. Logo além, Pimpa repetia a pergunta:_É para o juizado que estamos indo? – Novamente não obteve resposta.

O QUE FAZ PIMPA NUMA PASSEATA FEMINISTA?

Durante algum tempo, Pimpa permaneceu calada, dando a entender que se conformava com o acontecido. Mas, agressiva, não tirava os olhos da motorista. Pensava como uma pessoa encarregada de lidar com menores poderia ser tão rude. Pimpa estava sendo tratada como uma pequena delinqüente.

_Você conhece Serra Azul? – perguntou Pimpa.

_Não. – respondeu Gertrudes, depois de engolir, com saliva, uma passa.

_Então, o que fazia naquele ônibus?

Não houve pausa, mas houve espanto.

_Que ônibus?

_Naquele que minha mãe morreu. Você estava lá.

A assistente social procurou apagar do rosto a grande surpresa que a pergunta lhe causara.

_Está enganada. Deve ter me confundido com alguém.

_Um filme não se engana, minha senhora.

_Filme?

_Não se lembra que um rapaz filmou os passageiros? Pois bem. Eu vi esse filme outro dia. E você estava lá. Eu não estou enganada. Foi fazer o quê em Serra Azul?

A bruxa pisou ainda mais no acelerador. O vento que passou a circular pelo carro levou às narinas de Pimpa o perfume que a mulher usara das outras vezes. Uma delícia!

_Você vai ter todas as explicações. – disse Gertrudes.

_Mas você estava no ônibus.

_Pare de fazer perguntas!

Pimpa não conhecia a cidade, mas teve a impressão de que o carro se afastava do Centro. Nada do que via pela janela parecia-se com as ruas próximas do juizado. E por que a velocidade nervosa que a assistente social imprimia ao fusca? "O que foi, pintada?" O felino, mais preocupado que Pimpa, já não olhava para a bruxa; voltara os olhos para a rua. Numa parada, num sinal vermelho, quase saltou pra fora do carro.

Com o carro parado, Lila disse qualquer coisa no ouvido de Pimpa. Gertrudes deve ter captado algumas palavras. Pôs o carro em movimento antes de abrir o sinal verde. E começou a desobedecer aos sinais.

No final da avenida, Gertrudes foi parando atrás de um opala, este obediente ao semáforo. A bruxa ficou irritada, querendo colocar seu fusca preto entre dois carros, tirando de um e de outro. Pimpa e Lila observavam tudo, fingindo que dormiam. Quando não deu mais e ela teve de brecar pra não bater, Pimpa abriu a porta do fusca e saiu, levando a bolsa e a oncinha. A sacola, deixou no assento. Começou a correr em sentido contrário à direção do trânsito. Com o sinal verde já aberto, a bruxa poderia deixar a vassoura no meio da rua e persegui-la a pé? Pra prevenir-se dessa hipótese absurda, Pimpa saiu ziguezagueando entre os veículos. Não era campeã de gincanas?

Julgava-se já livre de Gertrudes quando viu o fusca preto na direção oposta, tendo feito a conversão pela esquerda. Era como se a bruxa voasse com a vassoura em sua direção. A avenida até cheirava àquele perfume caro.

Pimpa ficou desorientada por alguns momentos. Preferiu esperar pra ver que rumo a vassoura de Gertrudes tomaria. Contornando a primeira ilha, vinha vindo lentamente, quase parando. Se brecasse o carro na lateral, a assistente poderia agarrá-la. Mas Pimpa não esperou por isso; atravessou a rua, colocando-se na direção oposta de trânsito. Voltou a correr, olhando, às cegas pra trás. Mas não foi longe, não pôde ir. O que era isso? Em Serra Azul, jamais vira nada igual.

Centenas de mulheres, carregando cartazes, ocupavam todos os cantos da avenida. Pimpa procurou ler o que diziam os cartazes. Leu: **“DIREITOS IGUAIS PARA A MULHER!” “SOMOS OU NÃO SOMOS FILHAS DE DEUS?” “POR QUE O HOMEM GANHA MAIS QUE A MULHER?”** Ouviu transeuntes dizerem que se tratava de uma passeata de feministas. Pimpa temeu que depois que a passeata acabasse a perseguição da bruxa recomeçasse. Ela e Lila pertenciam ao sexo feminino; nada de anormal, portanto, que aderissem ao movimento.

_Vamos, pintada. Lá no meinho, quem vai nos ver da rua?

Pimpa, com a bolsa e a oncinha, misturou-se entre as feministas. Andar naquele ritmo arrastado era um desafio, mas a única preocupação da garota era estar sempre cercada de mulheres, principalmente as altas. Faltava-lhe, no entanto, a indignação que todas as feministas ostentavam. Pra que não destoasse delas, começou a participar do coro.

HOMEM É NOSSO IRMÃO

NÃO É NOSSO PATRÃO!

Uma mulher de bastante idade, que levava um crachá no peito onde se lia **“MOVIMENTO FEMINISTA DA ZONA NORTE”**, aproximou-se de Pimpa, entusiasmada.

_Muito bem, menina! Você já tem idade suficiente pra lutar por nossos direitos! Caminhe na frente pra servir de exemplo!

Não era uma sugestão, mas uma resolução. Delicadamente pega pelo braço, Pimpa foi levada à primeira fila das manifestantes, o que a obrigou a abrir os olhos. Lançando olhares à esquerda e à direita, procurava ver se o fusca preto estava por lá. Estava sim, não um, mas vários, porém todos dirigidos por homens que sem exceção achavam graça da passeata feminina.

Uma voz masculina ressoou na avenida:

_Vão pra casa! Está na hora de fazerem a comida!

A reação das mulheres foi imediata. Puseram-se a gritar insultos ao engraçadinho, enquanto algumas, saindo de seus lugares, esmurraram e deram pontapés em seu carro.

Após o incidente, a mulher do crachá, líder do movimento assoprou fortemente um apito pra que as manifestantes continuassem a passeata sem responder a provocações. Outra vez começou o coro.

HOMEM É NOSSO IRMÃO

NÃO É NOSSO PATRÃO!

Lila era a única participante da passeata que não cantava, mas estava menos tensa. A bruxa já devia estar longe. Pimpa repetia incansavelmente o refrão das feministas, já pensando no depois. Estava livre, porém continuava sozinha no mundo.

As mulheres da passeata provavam ao menos que a resistência de suas pernas equiparava-se à dos homens. Andaram quilômetros com a mesma disposição e indignação. A líder, depois de alguns quarteirões, marchou ao lado de Pimpa, sorrindo-lhe às vezes.

_Seu pai sabe que está aqui? – perguntou-lhe.

_Meu pai já morreu. – respondeu Pimpa. – Mas já tinha abandonado minha mãe e eu.

_São todos iguais. – disse a líder, lamentando.

Quando a passeata chegou a uma praça, a líder deu três apitos e as manifestantes começaram a se dispersar. Pimpa pensou em contar sua história a uma delas, mas não teve tempo. Em poucos minutos, só ela e Lila restavam no logradouro.

“Com fome, pintada? Claro que está! Eu estou morrendo. Lá na esquina tem um boteco. Vamos comer um sanduíche?” Um miado quis dizer: “Vamos!”

AGORA SIM! DONA REGINA RECUPERA A MEMÓRIA

Pimpa discou do boteco para o Lar São Leopoldo.

_Dr. Alfredo, por favor.

Um instante depois:

_É ele, pode falar.

_Aqui é Maria Paula, a menina que esteve visitando dona Regina Castelo.

_Ah, sim! Estava esperando seu telefonema.

_Houve alguma coisa?

_Sim! Dona Regina recuperou a memória.

Pimpa que merecia uma boa notícia.

_Posso ir vê-la agora, doutor?

_Não, ela deixou o sanatório.

_Meu "tio" veio buscá-la?

_Ninguém veio buscá-la. Pediu que lhe devolvêssemos parte do adiantamento e mudou-se. Foi morar numa casa onde têm conhecidos.

_Deixou algum endereço?

_Deixou. Rua das Acácias, 21.

Pimpa abriu a bolsa; o dinheiro que sua mãe trouxera de Serra Azul estava mesmo chegando ao fim. A maior parte fora gasta no pensionato. Mas ainda possuía o bastante pra mais algumas viagens de táxi; felizmente Dona Regina recuperara a memória e lhe diria onde encontrar "tio" Leonel.

O motorista não sabia onde era a rua das Acácias. Consultou o guia. A viagem foi longa e ansiosa. Pimpa acreditava que seu sofrimento estivesse no fim. Chegaram ao bairro que dona Regina morava, todo de casas baixas e desbotadas. Mas o número 21 da rua das acácias era enorme, uma espécie de casarão antigo todo recortado de janelas. O táxi parou diante de um portão escancarado.

Pimpa pagou a viagem e foi entrando. Viu uma mulher usando um turbante feito com uma toalha verde.

_Por favor, dona Regina?

_A que saiu do hospício?

_Acho que é essa, sim.

_É na última porta à esquerda.

Pimpa atravessou um vasto pátio, onde crianças de ambos os sexos brincavam. Os quartos, com suas janelas abertas, exalavam cheiros de comidas diversas, a maioria junto com rádios ligados. Observada por um homem que se apoiava em muletas, a garota da oncinha parou diante de uma porta apenas encostada. Deu duas pancadinhas com a mão fechada. Nenhuma resposta.

_Dona Regina! – chamou.

Silêncio absoluto.

"Devo empurrar a porta e entrar?" perguntou-se Pimpa. Era o que Lila faria, com as narinas dilatadas, sentindo um cheiro que o olfato da garota não captava. Entrou. A escuridão era igual ao a de um cinema pra quem vem da luz do dia. Um passo e um tropeção numa cadeira. Apesar de nada ver, sentia que o quarto tinha espaço pra uma cama e quase mais nada. Dona Regina estaria dormindo? Não ouvia nenhuma respiração.

Agora os olhos já se habituavam ao escuro: uma cama, um armário, uma cadeira. Surpresa! Havia gente, uma mulher na cama.

_Dona Regina, sou eu, Maria Paula, a filha de dona Aurora. Estive com a senhora no Lar São Leopoldo.

O silêncio continuou, agora com algo de infinito.

Pimpa aproximou-se da cama, bastaram dois passos, lembrava-se bem dela no sanatório. Era dona Regina, sem aquele ar alheio da amnésia. Seus olhos e sua expressão se concentravam num ponto que por algum motivo a aterrorizara. Como um curta-metragem de Noel, que ao projetá-lo, tivesse avançado a imagem.

_A senhora está dormindo?

Quem sabe sofrera um mal súbito e ainda haveria tempo pra salvá-la? Pimpa sacudiu o corpo de dona Regina. Sentiu um contato úmido. Olhou para as mãos. Aquilo era sangue? Bem que Lila, antes de entrarem, dilatara as narinas. Pimpa apertou o interruptor de luz. Sim, era sangue! Se gritou, nem ela própria ouviu. Tornou a aproximar-se da cama. O vestido de dona Regina era só uma mancha vermelha.

Pimpa ficou parada a olhar. Passos foram ouvidos lá de fora. Viu a chaleira com água sobre um fogareiro apagado. Mergulhou a mão na água e depois a enxugou num trapo que encontrou no chão. Tornou a ouvir passos. Fechou a porta e girou a chave, não querendo ser encontrada lá dentro.

Batidas na porta.

_Dona Regina, a sopa que a senhora pediu está pronta.

Pimpa e Lila nem respiravam. A mulher, no pátio, tornou a bater e depois foi se afastando. A chave girou no buraco da fechadura. A garota abriu dois palmos de porta e expiou pra fora. Um número menor de crianças ainda brincava. O homem das muletas não estava lá.

"Agora, Lila, vamos!"

Sem olhar pra trás ou para os lados, Pimpa atravessou o pátio até o portão. Chegava à rua quando ouviu uma voz: a mulher do turbante de toalha.

_Falou com a velha?

_Bati na porta, mas ninguém atendeu.

_Quer que eu bata? Esses velhos têm sono profundo.

_Não, tudo bem. Volto amanhã.

Pimpa percorreu muitos e muitos quarteirões no mesmo passo apressado. Não fora suicídio; uma pessoa que pretende se matar não pede um prato de sopa. Além disso, não vira arma nenhuma.

Fora assassinato, sim. Mas quem teria interesse em matar uma pobre moradora de cortiço? E por quê? "Preciso chorar." Disse à Lila "Mas não quero chamar a atenção de ninguém." "Encoste meu corpo de pelúcia em seus olhos e chore." Respondeu a oncinha. "Quem me vir molhada, vai pensar que fiz xixi."

DONA BERENICE E NOEL NO JUIZADO

Mãe e filho esperaram pelo juiz cerca de meia hora na mesma sala onde haviam estado com Pimpa.

_Assim que encontrar aquela mulher aqui, vou lhe dar uma sova! – prometia dona Berenice.

_Controle-se, mãe. Ela deve ser influente. Pode complicar ainda mais a vida de Pimpa.

_Acho que não vou conseguir me controlar, não!

Um contínuo informou que o juiz já podia recebê-los. Assim que entraram no gabinete, o meritíssimo perguntou:

_Como vai a mocinha?

_Maria Paula não está mais conosco. – disse Berenice.

_Voltou pro interior?

_Não.

_Fugiu?

_Sim. – confirmou a mãe de Noel, irritada. – Quando aquela assistente social foi buscá-la!

_Que assistente social? – perguntou o juiz.

_Uma mulher baixa e entroncada, de óculos. Ela trabalha aqui com o senhor, não?

Resposta imediata:

_Não sei que assistente é essa!

_Não seria aquela que o senhor mandou procurar dona Regina, a especializada em encontrar pessoas?

O juiz pegou um interfone e pediu a alguém que fosse até lá. Nenhuma palavra durante a espera. Noel continuou com medo que sua mãe triturasse a bruxa assim que esta entrasse.

Quem entrou foi uma jovem loira, com ainda mais sardas que Noel.

_A moça que foi procurar dona Regina é essa.

_Não é ela, não. – admitiu Noel, aliviado.

_Dona Glória é a encarregada do caso. Alguma assistente social foi procurar Maria Paula Ribeiro, em algum lugar? – perguntou-lhe o diretor.

_Não senhor, doutor.

Noel deu mais uma informação.

_Ela anda num fusca preto.

A assistente Glória retrucou:

_Apenas uma das nossas assistentes tem um fusca preto.

_Ela apresentou-se em sua casa, dizendo-se assistente social? – perguntou o juiz à dona Berenice.

Dona Berenice e Noel, em parceria, contaram tudo o que acontecera à Pimpa desde a visita ao juizado. Aquela mulher perseguira a garota num parque de diversões e depois numa gincana no Ibirapuera. Sempre como se Maria Paula fosse uma delinqüente.

_Mas o mais esquisito não é nem isso. – disse Noel.

_Não? O que ela fez de mais grave?

_Vou falar de um filme que fiz no ônibus. Filmei os passageiros e mandei revelar. Outro dia, Pimpa esteve em casa e vimos todos juntos o curta. Sabe quem viajava naquele ônibus, doutor?

_Não posso adivinhar.

_A tal mulher de óculos.

O juiz e a assistente Glória se entreolharam. "Que mentiroso!"

_Mas naquela ocasião, com a mãe da garota viva, não haveria motivo pra essa mulher, que se diz assistente social, perseguir Maria Paula! Não faz sentido! Não há credibilidade nessa história. Chego a pensar que a garota inventou essa assistente pra justificar suas fugas.

_É o que está parecendo. – concordou a assistente Glória.

_Certos menores, dona Berenice, têm uma imaginação enorme. Inventam cada coisa! Até nós, com nossa experiência, comumente somos enganados. – explicou a autoridade.

_O senhor que dizer que essa mulher não existe?

_Calma, estou supondo isso.

_Mas meu irmão viu a mulher! Estava em casa quando ela chegou! E Pauleco não é de dizer mentiras. Mamãe, fale pra ele quem é o Pauleco.

O juiz levantou-se com seu tempo esgotado.

_Vocês sabem onde a menina está agora?

_Num pensionato. – disse Noel.

_Então tragam-na aqui. Tenho uma boa notícia pra ela: Dona Regina foi encontrada. Está numa casa de saúde. Certamente irá ajudar Maria Paula a encontrar o parente. – E concluiu com firmeza. – Quero mais informações

sobre a assistente social do fusca preto. Se a menina inventou essa personagem e a fita de cinema, eu e dona Glória descobriremos. Bom dia!

Na rua:

_Você sabe onde é o pensionato, filho?

_Não sei o número, mas descubro.

_Amanhã, logo cedo, vá buscá-la. Levaremos Pimpa ao juiz. Ele não está acreditando muito na história da assistente social.

Ao chegarem em casa, dona Berenice e Noel tiveram um surpresa: Marina estava lá, aflita, à espera dos dois. Pauleco dera-lhe um copo d'água com açúcar pra acalmá-la.

_Pimpa não veio? – foi perguntando Noel.

_Ela foi apanhada.

_O quê?

_Hoje na pensão. A assistente social apareceu por lá e levou-a ao juizado. Estou morrendo de pena.

_Mas nós estamos voltando do juizado. – disse dona Berenice. – e o juiz não sabe de nada disso. Tanto que pediu que levássemos Pimpa pra falar com ele. Noel ia amanhã buscá-la no pensionato.

_O juiz até duvida que exista a tal mulher. Pensou que Pimpa a inventou pra escapar do juizado. – acrescentou o cineasta.

_Mas eu a vi bem de perto, dessa vez. É a mesma mulher do filme. A dona do pensionato perguntou o nome dela. Chama-se Gertrudes.

_Ela disse que ia levar Pimpa ao juizado?

_Disse.

_Não estou entendo mais nada! – comentou dona Berenice, sentando-se. – Agora eu é que quero uma água com açúcar!

_Vamos voltar ao juizado! – decidiu Noel.

_Não posso. – retrucou a mãe dele. – Tenho um emprego, sabia? Ainda preciso visitar algumas freguesas. Mas amanhã cedo iremos.

_Posso ir também? – perguntou Marina.

_Não só pode como deve, Marina! – disse Noel. – Afinal, você esteve no pensionato e viu tudo como foi. Esteja aqui amanhã às oito.

INTERVALO PRA TODOS TOMAREM ÁGUA COM AÇÚCAR

....

....

....

....

A VOLTA AO JUIZADO: E AGORA, SENHOR JUIZ?

Ao chegarem ao juizado, dona Berenice, Noel e Mariana não tiveram paciência pra esperar o juiz. Foram entrando, atropeladamente.

_Senhor juiz, ela está aqui, não está? – perguntou Berenice.

O juiz tomava café; pousou a xícara no pires, surpreso com a invasão e com a pergunta.

_Aqui? Aqui, não.

_Conte tudo, Marina. – ordenou a mãe de Noel.

_A assistente social apareceu ontem no pensionato e levou Pimpa à força. Eu estava com ela. Vi tudo.

_Nenhuma menina passou por aqui no dia de ontem. Fale sobre essa assistente, menina. Mostrou alguma identidade?

_Não mostrou nada, não.

_Estava sozinha?

_Estava. Veio num carro que deixou longe do pensionato.

_Mas ela disse seu nome à dona do pensionato. – Lembrou-se dona Berenice. – Como é mesmo, Marina?

_Gertrudes.

A assistente Glória entrava no gabinete e ouviu a informação.

_Não temos nenhuma funcionária com esse nome.

O juiz sentia-se em xeque, repetindo o nome "Gertrudes" várias vezes.

_Isso está ficando feio. – admitiu – Ontem fiz vários telefonemas e posso garantir que nenhuma instituição social que se ocupa com menores, está à procura de alguma menina chamada Maria Paula Ribeiro. O caso está com jeito de seqüestro.

_Seqüestro!? – espantou-se dona Berenice. – Seqüestrarem uma pobre órfã? Por quê?

_Não sei. – disse o juiz. – Mas sei que daqui por diante é com a polícia. O caso fugiu da minha alçada.

_A polícia vai ter dificuldade pra localizar a tal mulher e a menina. – ponderou a assistente Glória.

_Talvez não. – disse o juiz. – Vocês têm o filme do ônibus?

_Temos. – respondeu Noel, ansioso por dar um sentido prático ao seu trabalho artístico.

_Então tragam. Ele vai ajudar a polícia a identificar essa tal de Gertrudes. Vou telefonar ao delegado.

Pauleco abriu a porta pra Noel e sua mãe que chegavam.

_Exibiram o filme pro juiz? – perguntou o menino.

Noel respondeu com outra pergunta.

_Que filme?

_O filme que você fez no ônibus, ué!

_Não levamos o filme.

_Sei que não levaram. – disse Pauleco. – Mas mandaram buscar!

Noel e dona Berenice entreolharam-se. Seria preciso mais água com açúcar?

_Nós mandamos buscar? – perguntou Noel, fazendo uma careta de dor.

_Não mandaram?

_Não mandamos nada. O juiz quer ver o filme, mas nós...

_Então quem era aquele rapazinho fardado?

_Não sabemos de nenhum rapazinho fardado! – retrucou o cineasta. – Explique isso, que não estamos entendendo!

Pauleco tinha pouco a dizer:

_Meia hora depois que vocês saíram, a campainha tocou. Era um rapazinho vestindo uma farda de *office-boy*. Disse que vocês mandaram buscar o filme. Até frisou, o filme do ônibus. Entreguei o rolo e ele foi embora.

Noel só não chorou porque sua mãe o abraçou pra confortá-lo. Ele substituiu as lágrimas por um comentário.

_Isso prova, mãe, que Pimpa está nas mãos de uma quadrilha. Por que, não sei. Mas está. E o chato disso é que agora, sem o filme, a polícia vai pensar que nós também estamos no embrulho.

UM CAPÍTULO COM UMA EX-ATRIZ E MUITOS CACHORROS

Pimpa entrou num ônibus com Lila, novamente sem conhecer o itinerário do veículo. Sua intenção era afastar-se bastante, em qualquer direção, do cortiço de dona Regina. Não pensava em nada, apenas na cena de sangue naquele quarto escuro. Os olhos continuavam a ver a cama onde jazia assassinada a única pessoa que poderia tê-la ajudado a encontrar "tio" Leonel. Quando o ônibus chegou ao fim da linha, desceu com poucos passageiros. Estava numa pracinha, parecida com as das cidades do interior.

Sentou-se num banco de mármore. Abriu a bolsa e contou o dinheiro. "Estou nos últimos cruzeiros, Lila. Agora não tenho dinheiro pra um pensionato como o de dona Noêmia e não dá mais pra apanhar táxi. Creio que nem pra voltar pra Serra Azul, dá. Vou àquele bar, lá em frente, comprar um sanduíche de mortadela e depois pensarei no que fazer."

Pimpa comprou o sanduíche e foi voltando ao banco. Comia devagar, pra que não acabasse logo. Um cão vira-lata seguiu a garota, provavelmente com mais fome que ela. Novamente sentada, teve pena do animal e deu um pedaço da refeição. "Deve estar tão perdido quanto eu." Pensou Pimpa. "Mas nada posso fazer por ele."

Uma senhora baixa, vestida à antiga, com um penteado que lembrava velhas fotografias de mulheres em dias de festa, surgiu na praça e parou perto de Pimpa e do cachorro. Tinha uma cara engraçada que a garota teve a impressão de já ter visto.

_Esse cachorro é seu? – perguntou.

_Não. – respondeu Pimpa. – Acho que não tem dono. Está aqui porque lhe dei um pedaço do meu sanduíche de mortadela. E ele continua com fome. Veja os olhos dele!

_Gosta de cachorros?

_Gosto muito de bichos. Tenho uma. – mostrou Lila. – E pra mim, ela tem vida e fala.

_Os animais são melhores que as pessoas. Principalmente os cães. - disse a mulher. – Tenho trinta e três.

_Tem trinta e três o quê?

_Trinta e três cachorros. Moram comigo em casa. Foram todos recolhidos na rua. Comigo eles tem comida, banho e vacinas. Quando alguém se interessa por um deles, vendo ou dou. Vivo pros meus cães.

_A senhora mora longe daqui?

_Moro naquela ruazinha ali. – apontou – Estava fazendo meu passeio de todas as tardes.

_Por que não leva esse pra sua casa? Um a mais ou a menos não lhe daria mais trabalho.

_Gostaria. O coitadinho está tão magro! Vamos ver se ele me acompanha.

A senhora de rosto engraçado afastou-se alguns passou e chamou o vira-lata, mas ele preferiu ficar perto de Pimpa, na esperança que ela lhe desse algo mais pra comer.

_Se a senhora segurar minha bolsa e minha onça, posso carregar o cachorro nos braços. - sugeriu Pimpa. – Ele não deve ter forças nem pra morder.

_Me acompanhe, então. – disse a mulher.

Depois de ficar com os braços livres, Pimpa apanhou o cachorro sem dificuldade. Durante o trajeto, duas pessoas, um senhor idoso e um guarda de trânsito, cumprimentaram a protetora de cães vadios.

_Ainda tem muita gente que me conhece. – disse ela.

_A senhora mora nesse bairro há muito tempo?

_Moro, mas em qualquer bairro sempre há pessoas que se lembram de mim.

Ao chegarem a uma casa pintada com um cor de rosa que já fora vermelho, a mulher de cara engraçada abriu a porta da rua com uma enorme chave.

_Entrem depressa. – ordenou à Pimpa. – Para que os cachorros não saiam!

Pimpa entrou com o novo hóspede dos braços e logo se viu numa pequena sala, cercada de cachorros de todos os tamanhos e cores, todos latindo, mas sem agressividade.

_O quê eu faço? – perguntou a garota.

_Não o largue ainda. Nos primeiros momentos, eles sentem muito assustados. Vamos lá pro quintal do fundo. Depois de comer e beber leite, então os mais novos começam a se acomodar.

Pimpa levou o cachorro pro quintal, onde, isolado dos outros, a senhora “da qual, muitos ainda se lembravam”, deu-lhe uma boa quantidade de comida.

_Nunca vi fome igual! – admirou-se Pimpa.

_Amanhã eu dou nele um grande banho no tanque e peço pro rapaz da farmácia vir aplicar uma vacina tríplice. Até hoje, nenhum dos meus cães nunca apanhou nenhuma doença grave. Tem um veterinário que vem uma vez por mês. Vamos tomar café?

Andando entre os cães, que ainda latiam, Pimpa voltou para a sala enquanto a dona da casa fazia o café. Com tantos cachorros, não era um ambiente muito ordeiro. Apesar de não faltar comida, os cães pareciam interessados em comer os móveis.

Mas o que mais chamou a atenção de Pimpa foram os troféus. Sobre um móvel, havia uns vinte, de formas e tamanhos bem variados. Quem teria recebido aqueles prêmios? Algum parente da velha de cara engraçada? Pimpa um deles e leu no pedestal uma legenda gravada:

"MARTA VIDAL

A melhor comediante do ano – 1957"

Num bronze em forma de papagaio, o ano mais recente: ***"1965"***. Agora Pimpa também lembrava: quando pequena vira Marta Vidal na televisão! Era a atriz cômica preferida de sua mãe!

A dona da casa voltou com duas xícaras de café.

_A senhora é Marta Vidal? – perguntou Pimpa.

_Sou. - respondeu a protetora dos cães, triunfante.

_Minha mãe adorava a senhora e eu mesma a via muito pela televisão.

_Estou afastada do vídeo há oito anos. – disse a ex-atriz. – Às vezes ainda me chamam pra fazer pontas, pequenos papéis. Mas nada de contrato. Então, sua mãe gostava do meu trabalho?

_Marta Vidal era um ídolo pra ela.

_Quem me viu trabalhar, não me esquece. Modéstia à parte, mas é verdade. Pena que neste país não se dê emprego aos velhos. Apesar de todos os prêmios que você vê, lhe negam emprego.

_Mamãe sempre perguntava: Onde será que anda Marta Vidal? E agora estou aqui com ela.

_Sua mãe morreu?

_Morreu no ônibus, quando vínhamos de Serra Azul, procurar um "tio" meu.

_E você achou ele?

_Não achei, estou sozinho no mundo. E ainda tem o juiz que quer me internar.

_Coitadinha! Tome o café e me conte tudo. Tem pra onde ir?

_Não, dona Marta.

_Você está com fome? Nem precisa responder. Quem come um sanduichinho daqueles, ainda dividindo com um cachorro, está com fome, sim. Vou lhe dar um prato de comida.

_Dona Marta, por favor, não quero dar trabalho!

_Ora, menina! Você é a única visita que eu recebi nos últimos anos!

_Tudo bem então, mas quero lhe pagar de alguma forma. Que tal eu fazer uma boa faxina na sua casa?

_Seria uma boa ajuda. As diaristas me cobram os olhos da cara por causa dos cachorros. Isso aqui está bem precisando mesmo de uma boa limpeza. Você, que bem de fora, deve estar sentindo um cheiro um pouco forte.

A refeição que a ex-atriz serviu à Pimpa não se comparava à do pensionato, por exemplo, mas a garota, faminta como estava, achou tudo maravilhoso. Depois, enquanto Lila recebia lambidinhas dos cães, as duas começaram uma faxina como a casa há muito não via.

À noite, Marta Vidal foi buscar dois grossos álbuns.

_São recortes. – disse a ex-atriz, sentando-se ao de Pimpa. – Veja quantos retratos meus nos jornais! Minha vida de atriz está toda nestes álbuns, desde que entrei pro teatro há mais de trinta anos. Aqui estou, moça ainda, ao microfone de uma emissora. Aqui é durante uma filmagem, estou vestida de menina. Fiz filmes também. Essa aqui sou eu, toda chique, recebendo um dos troféus. Você não calcula a saudade que essas fotos me dão. Cada uma delas tem sua história. Fui uma verdadeira rainha dos palcos e estúdios.

Ao chegar ao segundo álbum, os olhos de Pimpa já se fechavam. Lila há tempos já dormia.

_Continue, dona Marta.

_Não, vamos dormir. Estamos ambas cansadas. Amanhã lhe mostro o outro álbum.

_A senhora me deixa morar aqui? – perguntou Pimpa, entre dois bocejos.

_Se recolho cães, como não vou recolher também uma menina sozinha no mundo? Vai dormir no meu quarto. O resto da casa pertence à cachorrada.

Havia no quarto de Marta Vidal uma cama de casa, onde ambas dormiriam e uma cômoda com uma televisão em cima.

_Você não se incomoda se eu assistir alguns programas na TV? Deixo o som bem baixinho.

Pimpa deitou na cama e encosto a cabeça no travesseiro. A ex-atriz ligou a TV e acendeu um cigarro. A última coisa que disse à sua hóspede era que fumava um único cigarro, todas as noites, antes de dormir.

A garota dormiu e sonhou com um homem muito bonito e simpático vinha a seu encontro, sorrindo, com os braços abertos. Não precisou dizer que era "tio" Leonel. No sonho, ele também a procurava por toda a parte. "Titio! Titio!" Ao acordar, ainda sentia os braços do homem simpático.

A televisão estava ligada e Lila, ao lado de Pimpa, fitou os olhos nela: ia para o ar o derradeiro telejornal da noite. O noticiário político terminava. Começavam as notícias.

A primeira imagem agiu na garota como um choque elétrico. Reconheceu o cortiço. Em seguida, o quarto de dona Regina. O corpo desta sendo retirado numa padiola. No portão, a mulher de turbante de toalha falando com um repórter. Aquela tarde, dona Regina recebera duas visitas. A de um homem alto e forte de meia idade e uma hora depois, a de uma menina que trazia nas mãos um bicho de pelúcia. A menina, ao sair, dissera-lhes que não entrara no quarto da vítima, mas alguns garotos que brincavam no pátio viram-na entrar. A reportagem terminava com o inquilino das muletas, que confirmava a informação.

Pimpa ergueu o corpo e olhou pra Marta Vidal, disposta a contar-lhe tudo, caso a alusão ao bicho de pelúcia lhe suscitasse qualquer suspeita. A ex-atriz, deitada numa posição cômoda, dormia. Levantou-se, então, e desligou o aparelho, sabendo que depois da reportagem, ela e Lila não conseguiriam mais fechar os olhos.

A HISTÓRIA DO ROUBO DO FILME

Como Noel e sua mãe esperavam, o juiz ouviu com descrença a história do garoto fardado que caíra do espaço pra apanhar o filme rodado no ônibus, a única prova material indiscutível da existência de Gertrudes. Noel era cineasta; pra ele não seria difícil inventar isso.

_A farda desse menino trazia algum emblema ou iniciais?

_Meu irmão não notou.

O juiz, que lia um jornal, mostrou-o aos visitantes.

_Coisa muito pior aconteceu ontem. Regina Castelo, aquela mulher que Maria Paula procurava, foi assassinada.

_Assassinada!?

_Num cortiço pra onde se mudou. Vários golpes com algum instrumento contundente. Não se sabe quem a matou, mas sabe-se que ela recebeu, em horários diferentes, duas visitas. A de um homem alto e forte e de uma menina... Que levava nas mãos um bicho de pelúcia.

_Pimpa! – espantou-se dona Berenice. – Só pode ser ela!

O juiz prosseguiu:

_Liguei pro diretor do sanatório. Ele informou que dera o novo endereço de dona Regina a Maria Paula. Não há dúvidas, portanto. Foi ela que esteve no cortiço.

_O senhor não está pensando que Pimpa matou a pessoa que poderia ajudá-la, está?

_Não estou pensando. Essa tarefa é da polícia. Mas me respondam: Se a menina foi seqüestrada por essa tal de Gertrudes, como apareceu no cortiço de dona Regina?

Noel e dona Berenice deixaram o juizado sem resposta. Ao descerem do ônibus, perto de sua casa, foram a uma banca de jornais. Se Pimpa tinha escapado da bruxa, concluía o cineasta, logo apareceria. Um fusca estacionou próximo da banca. Um fusca e dirigido por uma mulher. Mas era branco. Noel colocou os jornais debaixo do braço e seguiu pra casa ao lado da mãe.

No dia seguinte, após o café:

Meu ~~querido~~ caro Noel

Aqui é a Pimpa. A bruxa apareceu no pensionato e eu fugi dela, outra vez, num sinal vermelho, em uma avenida. Não fosse o susto, teria sido até bacana. Corri e me escondi numa passeata de feministas. Tive até de cantar. Noel, há essa hora você já deve saber que dona Regina foi assassinada. Eu estive lá, o diretor do Lar São Leopoldo me deu o endereço. Quando cheguei, ela estava deitada na cama, morta. Assisti à reportagem na televisão. Falaram que viram uma menina com um bichinho de pelúcia. Mas eu prefiro ir presa a me desfazer da Lila só pra afastar suspeitas.

Noel, agora estou na casa de uma senhora muito boa. Imagine que ela tem trinta e quatro cachorros! Ela já foi famosa, tem dois álbuns de recortes de jornais.

Venha me ver, no endereço abaixo. Mas cuidado. Não se deixe seguir por nenhum fusca preto! Olhe de todos os lados. Um beijo pra dona Berenice e pra todos. E outro de Lila. (psiu: ela não gosta de cachorros!)

PS: A bruxa chama-se Gertrudes. Falei a ela do filme do ônibus. Acha que fiz errado?

Pimpa envelopou a carta e foi a uma agência dos correios das proximidades. Os selos de Marta Vidal eram antigos, do tempo que respondia aos fãs. Na volta, comprou um jornal onde leu uma notícia do crime, mas não o levou pra casa; enfiou-o numa lata de lixo. O jornal também se referia à menina do bicho de pelúcia, última pessoa a ver a vítima.

Para não pensar muito no que acontecera e para que o tempo passasse depressa, trazendo Noel, Pimpa decidiu trabalhar com afinco o dia inteiro. Sugeriu a Marta que dessem banho em todos os cachorros. Enquanto banhavam os cães, Marta contava a história de cada um, como haviam sido recolhidos, informando também os nomes deles, retirado de grandes personalidades do rádio do passado.

_Esse é o Chico Carretel. Aquele é o Nhô Totico. O compridinho é o Vassourinha. O baixinho é o Nino Nelo. Aquele que está sempre fazendo graça é o Zé Fidélis.

_A senhora nunca confunde os nomes?

_Pra mim, cada um tem sua personalidade.

_Que nome vai dar ao que encontramos ontem?

_Se fosse fêmea, daria seu apelido: Pimpa. Mas como é macho, vamos chamar de Pimpão. O que acha?

_Pra mim está ótimo. Pimpão!

À tarde, Pimpa e Marta Vidal ainda estavam no tanque, onde já haviam dado em metade dos cachorros. Resolveram deixar a outra metade pro dia seguinte. Foi bom, Lila já estava enciumada e reagia quando os cães a lambiam. "Cuidado!" Advertiu-lhe Pimpa. "Se descobrirem que você é de pelúcia, estraçalham você!"

Na manhã seguinte, Pimpa ainda estava no tanque dando banho nos cachorros quando Noel chegou. Marta Vidal, que fora abrir a porta, já sabia que ela esperava o rapaz.

_Gosta de cachorros? – perguntou a ex-atriz.

_Pretendo fazer um curta-metragem sobre cães. Não tenho ainda nenhuma idéia, mas é um dos meus planos.

_Vá entrando então, garotão, Pimpa está lá no tanque. Vou fazer um cafezinho.

Pimpa, que usava um avental ensopado e cheio de espuma, arrancou-o pra dar um abraço apertado em Noel.

_Puxa vida, a gente sempre se encontrando!

_Sua carta chegou em casa há menos de uma hora. Não deixe essa belezinha tremendo no tanque. Eu ajudo a acabar o banho. Vista o avental.

Enquanto esfregavam e enxaguavam o cachorro, um branquinho chamado Cornélio Pires, iam trocando as novidades.

_Pimpa, você sabe que não existe nenhuma assistente social chamada Gertrudes?

_Ah, você sabia que esse era o nome dela?

_Marina nos disse e ela foi comigo e mamãe ao juizado. Ajudou bastante.

_Então não existe mesmo nenhuma Gertrudes?

_Não, Pimpa e quanto à pergunta que você me fez na carta, se agiu mal em falar do filme para a bruxa, você errou, sim.

_O que ela fez?

_Enquanto eu e mamãe íamos ao juizado, um rapazinho fardado, tipo *office-boy*, passou em casa e pediu o filme em meu nome. Pauleco, acreditando nele, deu. Assim, a polícia já não pode identificar quem é a tal da Gertrudes.

_E agora?

_Agora o juiz está duvidando que exista mesmo alguma Gertrudes. Diz que parece invenção nossa. Uma garota que foge por toda a parte e um sardentinho que tem uma super8.... Dois suspeitíssimos!

Pimpa começou a enxugar Cornélio Pires com uma toalha grossa.

_E o crime, Noel? Acha que podem pensar que matei dona Regina? Viram um homem alto e forte entrar antes de mim no quarto dela.

Noel, no lugar de responder à pergunta, fez uma advertência:

_Já não é o juizado que deve assustá-la. Estão querendo agarrar você. A bruxa perfumada e o homem alto e forte que matou dona Regina.

_Por quê?

_O próprio juiz falou na possibilidade de seqüestro.

_Mas quem pagaria meu resgate? Só tenho um parente, mesmo assim desaparecido.

Quase enxuto, Cornélio Pires foi solto ao sol do quintal. Noel pensava numa resposta à pergunta de Pimpa. Custou, mas achou uma.

_Acho que estão confundindo você com alguma outra garota. Não pode ser outra coisa.

Marta Vidal chamou os dois pro café. Certamente não perdeu a oportunidade para mostrar os troféus a Noel. Ele disse que sua mãe, dona Berenice, lembrava-se dela, sim e que sempre dizia: comediante era aquela!

_Mas já sei onde fazer o meu curta sobre cachorros! Aqui. Este será o cenário. E como a senhora vai aparecer, quem sabe posso vendê-lo para a televisão. Meu primeiro trabalho comercial!

A ex-atriz agradeceu a idéia com um abraço e um beijo.

À porta, ao se despedirem, Pimpa, feliz com o encontro e feliz com o adeus, tornou a advertir:

_Veja se não tem nenhum fusca preto por aí.

Noel deu uma olhada pra rua; passavam um corcel e um Fiat, enquanto um fusca branco, dirigido por uma mulher, encostava-se ao meio-fio.

_O caminho está livre. – disse o cineasta com um sorriso. Depois de uma breve hesitação, beijou o rosto de Pimpa.

A BRUXA PERFUMADA ATACA OUTRA VEZ

No dia seguinte à visita de Noel, às dez horas da manhã, tocaram a campainha da casa de Marta Vidal. A ex-comediante foi atender, abrindo cautelosamente a porta pra que nenhum cachorro fugisse. Viu uma mulher encorpada, de *tailleur* escuro, usando óculos de aros de tartaruga.

_Sou do Juizado de Menores. Vim buscar Maria Paula.

_Que Maria Paula? – representou Marta.

_Ora, sei que ela está aí. E a senhora vai me permitir entrar. Essa menina matou uma mulher.

_O quê? Matou uma mulher?

Gertrudes empurrou a porta e entrou com a decisão de sempre. Marta protestou contra a invasão e alguns cachorros começaram a latir. Na cozinha, onde lavava louça, Pimpa ouviu tudo. Sua primeira preocupação foi pegar Lila. Mas teve a impressão que de que ela é que saltou pros seus braços.

_Quem foi que ela matou? – perguntava Marta Vidal na sala.

_A senhora vai saber pelos jornais. Onde ela está?

Não havia desta vez nenhuma janela pra Pimpa saltar, como na casa de dona Berenice, nem um palácio dos espelhos, onde se esconder como no Parquinho da Viúva. Numa inspiração desesperada, gritou pros cães:

_Ladrão! Ladrão! Ladrão!

Outra cena que o cineasta Noel filmaria com o maior prazer. Pimpa, com Lila nos braços, aparecendo na sala da casa de Martas, acompanhada de um mundo de cães, latindo e mostrando os dentes. Apontou para a bruxa:

_Pega! Pega! Pega!

Nhô Totico foi o primeiro a obedecer; aproximou-se da invasora, bastante ameaçador. Atrás dele, seguiram Chico Carretel e Zé Fidélis. A própria Marta nunca vira seus inquilinos tão zangados. Pimpão, que a garota encontrara na praça, logo participou do ataque, quem sabe por gratidão.

A bruxa ficou saracoteando pra evitar os cães, enquanto bradava para a dona da casa:

_Tire esses bichos daqui!

Nos seus saracoteios e recuos, Gertrudes derrubou um vaso sem flores sobre a mesa e logo se viu encurralada num canto da sala por diversos daqueles cachorros de nomes famosos do rádio. Vassourinha, o pretinho, já mordia a perna da dita assistente social.

Era a oportunidade que Pimpa queria.

_Vamos nós, Lila!

Meia dúzia de passos e Pimpa alcançou a rua sem pensar na bolsa, onde restavam seus últimos cruzeiros. O que fez foi correr, correr e correr. Chegou à esquina correndo e correndo, atravessou a rua.

Foi aí que um carrão luxuoso, dirigido por motorista e com um senhor idoso no banco traseiro, atropelou a fugitiva numa brecada tardia.

UM CASTELO DAS HISTÓRIAS DE FADAS

Pimpa acordou. Viajava num carro muito confortável, tendo ao lado um senhor muito simpático e bem vestido.

Nem precisou procurar por Lila. Ela estava sobre suas pernas.

_Estamos levando você pra um hospital. – disse o cavalheiro ao seu lado.

Pimpa apalpou seus braços e pernas.

_Acho que não fraturei nada. Apenas machuquei um pouco as mãos.

_Está sentindo alguma dor?

_Foi só um tombinho. Estou ótima.

_Então eu levo você pra casa.

Pimpa teve vergonha de dizer que não tinha casa.

_Pode me deixar em qualquer lugar.

O homem pegou na mão de Pimpa.

_Veja, está sangrando. Isso precisa de um curativo. Vou levá-la pra minha casa. Foi meu motorista que atropelou você. Tenho obrigação de fazer alguma coisa.

_A culpa foi minha, eu que atravessei correndo e sem olhar.

_Depois do curativo, ele deixa você onde quiser.

"Outra vez alguém cai do céu pra me ajudar!" Pensou Pimpa. Olhou pela janela traseira do automóvel: nenhum fusca. Respirou, aliviada. A bruxa com sua vassoura perdera a pista. Afundou no assento gostoso do carro e fechou os olhos pra sentir melhor aquela maciez.

O automóvel de luxo entrou numa verdadeira mansão com um enorme portão de entrada e muitos jardins de frente. O motorista abriu a porta do carro para que seu patrão e Pimpa descessem. Cercada de árvores, a casa era coisa pra Noel filmar: Rasteira e bonita, com entradas em forma de arcos. Lila gostou de tanto verde. Era o que ela e Lila mereciam: um bom lugar pra descansar. O destino lhes concedera um intervalo.

A residência por dentro também era linda, embora com poucos móveis. O homem caído do céu fez Pimpa sentar-se num sofá, voltando logo em seguida com um remédio vermelho, gaze e esparadrapo.

_Não se assuste. – disse ele brincado. – Sou formado em medicina, apesar de nunca ter exercido a profissão.

_O senhor mora nessa casa tão grande, sozinho? – perguntou Pimpa.

_Com o motorista, que é também meu mordomo e meu copeiro e a mulher dele, que é minha cozinheira. Sou um solteirão. Me dê a mãozinha. Veja, já nem está saindo mais muito sangue. Acho que foi só um susto, mesmo. Como é seu nome, menina?

Maria Paula talvez já estivesse com seu nome nos jornais.

_Pimpa. – respondeu.

_Eu me chamo Júlio. Ficou bem assim? Curativo pequeno. Dá até pra lavar a mão.

_Obrigada, doutor. Agora, acho que já posso ir.

_Na hora do lanche? Se não tiver pressa, gostaria que me fizesse companhia. Edna, a cozinheira, faz uma geléia de cereja que eu considero uma verdadeira obra de arte.

_Adoro geléia, Dr. Júlio!

_Geléia não é pra adorar, é pra comer.

Na copa, um amplo prosseguimento da cozinha, Edna, de avental branquíssimo, serviu o lanche para o patrão e a visitante. Dr. Júlio falara da geléia, mas havia também queijo, goiabada, manteiga, leite, café e um pão que estourava de fresco.

Foi uma refeição super agradável. Além de saborosa, muito a vontade, pois o dono da casa, com seus cabelos esbranquiçados, parecia um avô camarada, desses que preferem entender os jovens a dar conselhos. Mais de uma vez conseguiu fazer Pimpa rir, contando casos engraçados de sua mocidade.

Terminado o lanche, Pimpa levantou-se. Ela e o Dr. Júlio encaminharam-se para a porta. O motorista estava por lá pra levá-la onde quisesse ir. Esse *onde* é que era o problema: estava sem roupa e sem dinheiro.

_Até qualquer dia. – disse Pimpa.

_Pra onde vai agora?

_Pra casa. – mentiu, muito mal.

Dr. Júlio apertou a mão de Pimpa, suavemente.

_Diga a verdade, sou seu amigo.

_Não tenho casa. – disse ela, achando que confessar sempre dói menos que mentir.

_Ah, está fugindo! Nessa idade? Seus pais te maltratam? Quer que eu fale com eles?

A dolorosa história de Pimpa era fácil de ser resumida.

_Meu pai morreu há alguns anos. E minha mãe num ônibus, quando vínhamos pra cá de Serra Azul, à procura de um parente que até hoje não encontrei.

_Você disse que não tem casa. Onde tem vivido desde a morte de sua mãe? Na rua?

_Encontrei umas pessoas boas que me deram de comer e dormir. Mas não pude ficar com elas por causa de uma mulher que se diz assistente social e quer me levar não sei pra onde. Eu estava fugindo dela quando seu carro me atropelou.

_Você acha que essa mulher, que a persegue, não é assistente social?

_Noel, um rapaz que conheci no ônibus em que minha mãe morreu, afirma que ela quer me seqüestrar. Agora, por que, não sei.

Interessado e ainda segurando a mão de Pimpa, Dr. Júlio perguntou:

_E esse seu parente? Não sabe mesmo onde encontrá-lo? Como se chama?

_Leonel. – disse Pimpa. – Leonel não sei de quê. Só o vi uma única vez, quando era pequena. Pus até um anúncio no jornal, chamando por ele, mas quem apareceu, em seu lugar, foi aquela mulher.

_Se ele está vivo, mais cedo ou mais tarde, aparecerá. – ponderou o Dr. Júlio. – Acho que posso ajudá-la a encontrá-lo, Pimpa. Ainda não pensei como. Mas deve haver um jeito. E aqui, garanto, a tal mulher, a assistente social, não vai perturbá-la.

Pimpa fez Dr. Júlio libertar sua mão pra abraçá-lo. Lila ficou entre os dois, espremida, fungando.

_O senhor é muito bom!

_Venha, vou lhe mostrar seu quarto. Será minha hóspede até que encontremos seu tio. Apenas deve ter algum cuidado. Não saia de casa por nada.

Dr. Júlio abriu a porta de um quarto amplo e também com poucos móveis. Havia lá uma cama tão limpa e tão bem arrumada que Pimpa teve vontade de dormir.

_Vou escrever uma carta pro meu amigo Noel. – disse ela.

_Tem papel e envelope naquela gaveta. Eu mesmo a levo ao correio.

-Meu caro Noel-

Gertrudes apareceu de novo e eu tive de sair da casa de dona Marta. Ela deve ter seguido você. Quando atravessei a rua, correndo feito doida, fui atropelada. Mas não estou no hospital, não. Estou na casa do homem cujo motorista estava guiando. Não precisa se preocupar. Apenas machuquei um pouco a mão. Esse Dr. Júlio é uma pessoa com jeito de santo. Contei tudo a ele, menos sobre o assassinato de dona Regina e ele ficou de me ajudar a encontrar "tio"Leonel. E me garantiu que aqui, a Gertrudes não entra. Você precisava ver que mansão é essa, Noel. Parece coisa de filme!

Venha me ver, mas cuidado. Acho que a bruxa não está mais usando o fusca preto. O carro que eu vi diante da casa de dona Morta era branco.

Eu e Lila lhe mandamos beijos.

Pimpa enfiou a carta no envelope e foi procurar o Dr. Júlio. Encontrou-o no jardim conversando com o mordomo e sua mulher.

_Amanhã ou depois seu amigo recebe. – disse Dr. Júlio.

Voltando ao quarto, Pimpa deitou-se na cama e dormiu algumas horas. Sonhou que morava, feliz, num castelo no meio da floresta. Havia encontrado seu tio, que era bom, porém usava máscara. Ela passeava com Lila pela mata, no sonho transformada em uma onça de verdade. Tudo como nos contos de fadas. Viu um cavaleiro aproximar-se.

"Sou o príncipe Noel." – disse ele.- "Um Príncipe Encantado. Vamos passear na floresta, Princesa Pimpa?"

E lá foram eles, montados no mesmo cavalo, ambos com cara de final feliz. Mas subitamente, sentiram um perfume forte. Era o que Gertrudes usava. A onda de perfume coincidiu com uma gargalhada. Os dois olharam pro alto: a bruxa perfumada, no azul do céu, cavalgava sua vassoura, emitindo sons diabólicos. Iniciava um vôo rasante sobre ela e Noel, quando acordou.

_Graças a Deus estou aqui em segurança! – disse.

Ainda sentindo o perfume da bruxa, Pimpa lembrou-se de Marina que também o usava. A boa gorducha havia ido com Noel e dona Berenice ao juizado. Precisava agradecer a gentileza. Lembrou-se do telefone do pensionato e foi para a grande sala, telefonar. Discou os sete números, ansiosa para ouvir a voz da amiga. Não conseguiu, porém, concluir a ligação.

_O telefone está com defeito.

Pimpa voltou-se e viu um homem alto e forte ao seu lado, o mordomo-motorista.

_Será que consertam logo?

Ele não soube responder, mas sua mulher, a cozinheira, que passava, disse:

_Às vezes o telefone fica dias inteiros assim.

Pimpa voltou pro quarto e ficou lá, sem fazer nada, até que Edna apareceu à noitinha, pra informar que o jantar estava servido.

_Pus a carta no correio. – Disse Dr. Júlio ao vê-la. – Pediu ao seu amigo pra visitá-la?

_Pedi, sim.

_Ele será muito bem recebido. – garantiu o dono da casa. – Vamos ver agora o que esta competente cozinheira preparou. O aroma promete, não acha?

Pimpa sentou-se à mesa e de garfo em punho, começou a comer.

_Será que o telefone já está funcionando? – perguntou.

_Houve um grande desarranjo no tronco. – disse Dr. Júlio. Que tal o feijão branco?

_Uma gostosura.

_Pode repetir quantas vezes quiser.

Depois do jantar, Dr. Júlio levou Pimpa a um salão onde havia uma mesa de bilhar e outra de pingue-pongue.

_O senhor costuma jogar?

_Sou mestre nesses jogos.

_Joga com quem?

_Com quem aparece. Pegue uma raquete. Vamos jogar um pouco. Aposto que você gosta de um tênis de mesa.

Pimpa e Dr. Júlio jogaram algumas partidas. Ele não pareceu tão bom pra quem se dizia mestre. Parecia um tanto inseguro, distraído. Depois foram pro *living* assistir televisão. O mordomo serviu refrigerante pra Pimpa e conhaque ao dono da casa. Pimpa se satisfez com a primeira garrafa, mas Dr. Júlio bebia um cálice atrás do outro.

_O que devemos fazer pra encontrar meu tio? – perguntou Pimpa. – O senhor já pensou em algum plano?

_Se pensei...? Não, ainda não, mas vou pensar.

_O que seria melhor?

_Onze horas. – disse Dr. Júlio, olhando pro relógio. – Acho que está precisando de uma boa noite de sono. E eu também.

Pimpa recolheu-se ao quarto. Queria que o tempo passasse depressa pra poder rever Noel. Quando estava na casa de Marta Vidal, escreveu-lhe num dia e no outro, recebia sua visita. Entrou debaixo dos lençóis, fechando os olhos pra atrair o sono. Ouviu um ruído de motor de carro e do portão que s abria. Mesmo com sono, Dr. Júlio resolvera dar um passeio.

A MENINA PASSEIA PELOS JARDINS DO CASTELO

Pimpa saltou da cama cedo, tomou banho e antes de ir à copa para o café da manhã, correu pro telefone. Começou a discar, nervosamente, pro pensionato.

_Continua com defeito. – disse Edna, surgindo do nada. – Não quer café com leite?

Pimpa dirigiu-se à copa. Uma grande xícara fumegante a aguardava. Enquanto esperava esfriar, puxou conversa com Edna, uma senhora de uns cinqüenta anos, com cara de estrangeira, assim como o marido. Fez uma porção de perguntas sobre o trabalho, que imaginava ser muito cansativo devido ao tamanho da casa.

A cozinheira respondeu por monossílabos, evitando olhar a menina, quem sabe por acanhamento. E na única vez que fixou os olhos nela, pareceu tão comovida e embaraçada que saiu às pressas da copa. "Dr. Júlio deve ter lhe contado minha história." Considerou Pimpa. Pensou em procurá-la, dizer-lhe que sofrera, sim, mas que tudo estava bem agora, quando ouviu vozes, dela e do marido, no jardim. Tomou o resto do café com leite e foi fazer um passeio pela casa.

Pimpa passou por uma piscina e num canto, junto ao muro, viu os dois criados discutindo. O mordomo, com a enxada nas mãos, abria um buraco com a cara batida de sono. Edna falava e chorava ao mesmo tempo. Quando

viram a menina, ele parou de cavar e ela enxugou as lágrimas no avental. A discussão despertara curiosidade em Pimpa, que chegara no fim dela. Edna voltou à copa, logo seguida pelo marido.

A passos lentos, examinando tudo atentamente, demorando a apreciar as flores do jardim, Pimpa chegou ao portão. Lá chegando, teve uma idéia: "Se o telefone está com defeito, por que não ligar pra Marina dum orelhão?" deveria haver algum lá perto. Estava sem dinheiro, mas podia verificar. Foi abrir o portão: estava fechado.

O mordomo apareceu, correndo.

_Aonde quer ir?

_Queria ver se tem algum orelhão por aqui por perto. Preciso telefonar.

_O patrão não quer que você saia. – retrucou o mordomo. – São ordens.

_Mas tem algum orelhão por aí?

_Não sei! – disse ele, voltando pra casa.

Pimpa achou o procedimento do mordomo um tanto rude. Quem sabe agia assim devido á discussão que tivera com a mulher. Mas que era um bruto, isso logo se via. Apesar de tê-la atropelado, nem lhe pediu desculpas ou lhe dirigiu um único sorriso.

Sempre tentando preencher o tempo, à espera de Noel, foi ao fundo do jardim, ver o buraco que o estúpido estivera fazendo. Era fundo. Por que estragar o jardim naquele ponto?

O que havia de mais aconchegante na parte externa da casa, era um pequeno alpendre com um banco verde, desses que existem no interior das praças públicas. Pimpa sentou-se com Lila sob uma sombra cheia e morna, como se quisesse ver o tempo passar. De repente, teve a impressão de estar sendo observada pelas treliças do alpendre. Voltou-se e viu, do seu lado, uma moça vestindo um conjunto esportivo de blusa, short e tênis. Surpreendida pela garota, que a pressentiu tão depressa, deu um passo pra trás.

Pimpa, desejosa de falar com alguém, pois os empregados pareciam mudos, lançou um:

_Olá!

_Bom dia! – respondeu a moça.

Pimpa levantou-se, contornou a treliça e ficou diante dela.

_Estou passando uns dias aqui. – disse. – Veio visitar o Dr. Júlio?

_Vim, mas vou voltar mais tarde. Ele está dormindo.

_Você é parente dele?

_Sobrinha.

_Direi a ele que esteve aqui. Como seu nome?

_Meu nome? Marlene.

Pimpa tentou acompanhar a moça até o portão, mas ela parecia com uma terrível pressa. Mesmo assim seguiu a certa distância. Perto da piscina, Marlene encontrou-se com o mordomo que estava com as chaves. Enquanto andavam lado a lado, conversavam coisas. Logo, Edna também veio juntar-se aos dois.

Pimpa escondeu-se atrás de uma árvore. Desconfiou que a discussão entre marido e mulher prolongava-se agora na presença da sobrinha do Dr. Júlio. Qual seria o motivo?

Depois de mais uma volta pela piscina e jardins, Pimpa voltou pro interior da casa. Aí, sim, rompeu-se a monção da manhã: o telefone tocou!

Avançou em sua direção, mas o mordomo chegou antes e o atendeu. Pimpa ficou a espera que ele desligasse pra poder discar o número de Marina.

_Era da Telesp. - informou o mordomo à Pimpa. – Estão avisando que o telefone só voltará a funcionar depois de amanhã.

Pimpa retornou ao seu quarto e largou-se na cama. O tempo talvez escoasse mais depressa na posição horizontal.

Dali a pouco, Edna veio chamá-la pro almoço. Ia pedir ao Dr. Júlio que a levasse até um orelhão pra telefonar. Seus amigos precisavam saber onde ela estava. Sentou-se na copa, vendo na mesa apenas um jogo de pratos.

_Dr. Júlio ainda não levantou?

_Foi almoçar na cidade.

_Será que ele volta logo?

_Não sei.

Pimpa perdeu a fome; Noel dera-lhe um bolo e o Dr. Júlio saíra. Ia ser muito enfadonho passar o resto da tarde sozinha. Já não havia mais que o ver no castelo da princesa. Só faltava a garagem. Partiu pra dar a milésima volta pelo jardim. Ao entrar por uma das veredas, encontrou Edna.

_Marlene esteve aqui, não?

_Marlene? Que Marlene?

_A sobrinha do Dr. Júlio.

_Ah, sim. Você quer alguma coisa?

_Não, obrigada. – disse Pimpa, certa de que Edna não estava disposta a conversar. Ela e o marido preferiam espiar a distância.

Caminhou até a garagem. Quantos carros teria um milionário? A porta estava abaixada. Havia, porém, uma janelinha ao lado. Teve de se pôr na ponta dos pés pra poder espiar. Dr. Júlio saíra com o grande, o do atropelamento. O que estava lá era um fusca branco.

A GAVETA

Pimpa esperou por Noel o dia inteiro. A carta teria se extraviado ou ele, muito ocupado, adiara a visita pro dia seguinte? Dr. Júlio também não apareceu. No fim da tarde, um novo passeio pelo jardim; o mordomo voltara a cavar o buraco. Sua esperança era de que, depois do jantar, o dono da casa, a levasse até um orelhão pra telefonar.

Levantou-se na copa à espera de seu salvador. Edna pôs um prato e talheres diante dela.

_Dr. Júlio não vai jantar?

_Não.

_Ele está aqui em casa?

Edna hesitou, mas seu marido, que Pimpa não viu entrar, respondeu por ela.

_Não, não está.

Pimpa ficou irritada; por que Dr. Júlio, sabendo de suas aflições, deixava-a tanto tempo sozinha? E por que aqueles dois empregados tratavam-na como se fosse uma intrusa? Mas não havia a quem se queixar – além de Lila, é claro. Foi pro quarto e deitou-se na cama sem nem mesmo tirar os sapatos.

A certa altura da noite, ouviu vozes. Teve a impressão de que o casal voltava a discutir, agora em outro idioma. Mas o bate-boca não se prolongou.

Por que Noel não viera? O que poderia fazer pra passar o tempo? Abriu a gaveta de uma cômoda. Estava vazia. Será que haveria naqueles móveis algum livro ou revista pra ela se distrair?

Na cômoda encontrou peças de roupas brancas de mulher. Se era um quarto de hóspedes, esses, ao saírem, não levariam tudo?

"É feio, não é, Lila? Mexer nas coisas alheias..." disse Pimpa. Então por que Dr. Júlio não aparecia pra papearem?

Abriu o guarda roupa, que parecia uma caixa de perfume. Havia uma dúzia de cabides com elegantes roupas femininas. Imaginou que talvez fossem de Marlene, a sobrinha do doutor. Ela devia passar temporadas naquela casa; talvez lhe desagradasse ver uma estranha, uma menina fugida, ocupando seu aposento, daí a frieza do encontro. O guarda-roupa tinha três gavetas. Nada na primeira, nada na segunda. A terceira tinha três caixas de madeira fina, de tamanhos diferentes.

Bateram à porta. Pimpa fechou as gavetas e o guarda roupa. Foi atender. Edna entrou com um copo num pires.

_É um refrigerante muito gostoso.

_Dr. Júlio voltou?

_Ele telefonou dizendo que vai chegar tarde.

Pimpa colocou o refrigerante sobre a mesa, fechou a porta e voltou a deixar sua curiosidade expandir-se. Na primeira caixa da última gaveta, havia algumas fotos.

Marlene num *close*, diria Noel. Assim, estática, a fisionomia lhe parecia ligeiramente familiar. A sobrinha do Dr. Júlio, na piscina da mansão. E na terceira, ela e o tio, abraçados, como numa atitude romântica. Pareciam namorados, tendo ao fundo uma montanha coberta de neve. A foto devia ser antiga porque os cabelos do Dr. Júlio ainda não estavam brancos, embora ela, Marlene, parecesse jovem quanto naquela manhã.

Na segunda caixa, havia apenas contas, muitas contas. Grandes somas e deduções em cruzeiros. Pimpa olhou pra elas sem grande interesse. Abriu a terceira caixa, bem maior que as outras. Nela estava um par de óculos de aros de tartaruga e uma peruca.

Lila deu um salto no quarto e começou a miar. A garota aspirou profundamente o perfume do guarda-roupa. Era o mesmo, sim, que Marina usava, o mesmo de Gertrudes. Reabriu a primeira caixa. Levou o close de Marlene para a mesa. Apanhou a esferográfica com que redigira a carta e desenhou a peruca; teve de enfiá-la em sua própria cabeça, olhar-se no espelho e então pegar a caneta. O resultado a convenceu: Marlene era Gertrudes, a

bruxa perfumada. A assistente social calçava sapatos sem saltos e engordava bastante com muito pano sob o *tailleur*. E não devia ser nem Marlene nem sobrinha do Dr. Júlio, como atestava a foto romântica.

Apesar do susto da revelação, Pimpa acrescentou novos detalhes à sua perigosa conclusão: o fusca branco, na garagem, que talvez já tivesse sido preto pra confundir Noel, a carta, que com certeza não devia ter sido postada no correio e... A voz de Edna dizendo *"Ele telefonou dizendo que vai chegar tarde...* Mas o telefone, segundo a informação da Telesp, não permaneceria mudo até dali a dois dias?

Mas o pior de tudo, uma lembrança que era um pesadelo, era o mordomo alto e forte (como o homem que assassinara dona Regina) abrindo um buraco no jardim, com certeza sua sepultura.

Cambaleando de pavor, Pimpa sentiu uma sede terrível. Olhou o copo de refrigerante que Edna deixara: *"É um refrigerante muito gostoso...*" Preparação pra que não estranhasse o gosto? Poderia ser narcótico ou já o veneno. Foi até a janela, abriu-a e despejou o líquido sobre a grama do jardim.

Já deitada, sem força nas pernas, só restava a Pimpa perguntar-se – por quê? Por que aquela gente pretendia matá-la? Que interesse sua morte poderia representar para aquelas pessoas? O que lhe parecia certo, no entanto, era que não desejavam que encontra-se "tio" Leonel. Mas também aqui cabia um por quê...

UM MILHÃO DE SEGUNDOS DE ESPERA

Havia um relógio no quarto, um pequeno despertador na cômoda, que Pimpa só notou quando começou o tempo pro dia seguinte. Sentada na cama com Lila apertada em seus braços, esperava amanhecer, quando faria sua tentativa de fuga. Às vezes, pensava que aquele tique-taque era de seu próprio coração. Esse estado febril dava-lhe sede, mas se saísse pra beber água poderia ser vista e eles saberiam que rejeitara o refrigerante.

Lá pelas tantas à espera juntou-se uma angústia ainda pior: o medo de que eles fossem ao quarto confirmar o efeito da droga que deveriam ter adicionado ao refrigerante. Pimpa levantou-se a foi à janela. A noite estava muito escura e não se ouvia nenhum rumor na rua. E ela, pra se agarrar à única esperança, necessitava da participação dos transeuntes e de gente que passasse de carro. Saltar pro jardim, naquele negrume e tentar escalar o portão, proeza pra atletas, só mesmo se fossem ao quarto pra matá-la. Mais sensato seria esperar até de manhã.

Às três e meia da madrugada, Pimpa ouviu passos lentos e arrastados no corredor. Aproximou-se da janela; pularia o jardim num salto de quase dois metros, se tentassem entrar.

Os passos pararam diante da porta do quarto; se alguém espiasse pelo buraco da fechadura, talvez visse, apesar da chave, o quarto vazio. Pimpa não apagara a luz, porque tudo ficava mais apavorante na escuridão, mas porque era mais lógico que continuasse acesa. Tendo tomado narcótico ou veneno, nenhuma pessoa teria tempo ou sequer motivo pra desligar a luz. Depois de algum tempo, os passos foram se afastando.

Soando o último tique e o último taque do milhão, a noite acabou e as cores do amanhecer apareceram na janela. Pimpa sentou-se no peitoril.

OS MUROS DO CASTELO

Pimpa passou as pernas pelo lado exterior da janela, escorregou o que pôde e caiu com os dois pés sobre a grama. Sem fazer o menor ruído, ligeira, dirigiu-se pro portão. Ninguém a viu, estava segura disso. Mas olhando o portão como quem pretende transpor um obstáculo, estudou a disposição e desenho de suas barras, onde deveria se agarrar e depois apoiar os pés. Concluiu depressa, como já suspeitava, que não seria capaz. Foi circulando junto ao muro; na manhã anterior vira um depósito-lavanderia perto da garagem, com uma precária porta movediça. Lá que o mordomo devia guardar sua enxada. Chegando lá, fez a porta correr e embora o ambiente ainda estivesse escuro, encontrou à primeira vista o que procurava: uma escada.

Pimpa pôde ver luz elétrica pela janela da copa. Edna e seu marido já estavam acordados; teriam algum trabalho especial pra fazer muito cedo aquela manhã? Não se deteve, foi levar a escada na direção do muro. Sua intenção era escalá-lo e se não conseguisse passar a escada pro outro lado, saltaria correndo pela rua. Ao chegar ao muro, já tão cansada quanto nervosa, encostou a escada. Colocava, quase vitoriosa, o pé no primeiro degrau quando...

_Desça daí, menina!

O mordomo vinha correndo pelo jardim. Pimpa percebeu que se subisse mais alguns degraus, o assassino de dona Regina teria tempo de alcançá-la ou derrubar a escada. Fez o que pôde: correu pro interior do jardim, ao mesmo tempo em que Edna também apareceu em cena.

Pimpa, já perseguida pela cozinheira, foi para a piscina. Mais veloz que Edna, contornou-a duas vezes. O mordomo logo saiu pra fazer o cerco; ia ser agarrada. Pra evitar suas mãos poderosas, Pimpa precipitou-se sobre a mulher. Bastou um único e decidido empurrão e Edna caiu na piscina.

_Me salve, Klaus! – berrou – Me tire daqui!

O mordomo ficou hesitante, olhando a piscina onde Edna engolia água e afundava. Enquanto isso Pimpa corria na direção da escada. Não pôde, porém, correr livremente por muito tempo. Vestindo pijama, com cara de quem acabara de sair da cama, a bruxa surgiu entre a piscina e o alpendre com os braços abertos:

_Aqui você não passa! – gritou.

Pimpa olhou para a piscina onde Klaus, mergulhando e jogando água pra fora, tentava salvar a mulher. Diminuiu a velocidade das pernas, como que para se entregar, mas passou os braços abertos de Marlene-Gertrudes, tomando a direção da escada. A falsa assistente social, em lugar de persegui-la, correu pro portão, pensando que Pimpa tentaria escapar por lá. Não chegara a ver a escada.

Enquanto Pimpa subia os degraus, viu o Dr. Júlio, de bermudas, saindo da casa com um molho de chaves nas mãos. Sentada sobre o muro entendeu que com a rua deserta, naquela hora da manhã, seria agarrada naquele mesmo quarteirão. Dr. Júlio já abria o portão pra detê-la assim que saltasse do muro. De um lado da estava Marlene e de outro, na rua, o Dr. Júlio. Pimpa levou um susto e quase largou Lila ao ver que a bruxa subia os degraus pra puxá-la pela perna. Isso aconteceria se ficasse ali. Pra escapar dela, levantou-se e começou passo a passo a andar sobre o muro, equilibrando-se com os braços esticados. Andava e gritava.

Um vendedor de frutas, passando pela rua, parou com sua carroça pra observar a cena. Um tintureiro, que levava um mundo de cabides nos braços, também parou.

Marlene atingiu o alto do muro, mas sem a elasticidade de Pimpa nem sua convivência com felinos, não conseguiu andar sobre ele. Ficou sentada, com medo de prosseguir.

Andando sobre o muro, já sem receio de perder o equilíbrio, Pimpa gritava pra chamar a atenção de mais pessoas. Uma mulher que passava com uma enorme trouxa de roupa na cabeça, parou. Um carteiro interrompeu seu serviço e lá ficou. Um homem que ia abrir um bar, não o abriu e aproximou-se do muro, fazendo perguntas. Um bêbado maltrapilho, do outro lado da rua, lançava insultos ao Dr. Júlio, sempre com os braços abertos pra impedir a fuga de Pimpa.

Pimpa viu o mordomo, todo molhado, aparecer no jardim. Ele começou a subir a escada. Ia fazer o que Marlene não atreveu: andar sobre o muro, segurar a menina e levá-la de volta pro interior da casa. Sentindo esse perigo, Pimpa, caminhando até o extremo do muro, prosseguiu na sua gritaria, dizendo agora ao público que se formava, que aquelas pessoas queriam matá-la.

Já havia um público, sim, pois um grupo de alunos de escola, cerca de vinte, uniformizados, pararam, aplaudindo o esforço de Pimpa pra escapar de seus perseguidores. E os aplausos ampliaram-se quando o mordomo, de pé sobre o muro, ensopado daquele jeito tentava hesitantemente aproximar-se da garota com o braço estendido. Subitamente ele escorregou e se ajoelhou, o que lhe valeu uma enorme vaia.

Dentro do jardim, Edna, tão molhada quanto o marido e desesperada com os insucessos da manhã, suplicava-lhe que descesse do muro. Klaus impressionava-se mais com a crescente assistência da rua do que com os protestos da cozinheira. Alguns carros paravam e seus passageiros desciam pra acompanhar o espetáculo. Alguém dizia que já tinham chamado a polícia. Pimpa apontava pro mordomo.

_Esse homem matou uma mulher! – gritava – E ia me matar também!

Klaus fez um último esforço pra andar sobre o muro, mas tornou a perder o equilíbrio. Desta vez, quando despencou pra rua, enquanto a mulher, gritando também e totalmente descontrolada, já no portão, dizia que todos eles, ela inclusive, “estavam fazendo uma coisa muito feia!”

Ainda no muro, sentada, mais com os olhos na rua do que em Pimpa, vendo inchar o aglomerado humano, agora engrossado pelos pedreiros de uma obra, os negociantes do quarteirão, os moradores de um edifício e um padre, a bruxa gritou pro Dr. Júlio:

_Leonel, meu amor, vamos fugir! Leonel!

Pimpa ouvira bem? Dr. Júlio era Leonel, seu “tio”? Então entendeu que sempre procurara o homem que pretendia matá-la. Lila, tão surpresa quanto sua dona, cairia do muro se não fosse segura por uma pata.

Apesar do pedido de Marlene, que na repetição se tornara uma súplica, o Dr. Júlio, isto é, Leonel, continuava em seu posto, com os braços abertos e olhos cobiçosos à espera de quando Pimpa saltasse ou caísse do muro. Apenas desceu os braços já com outro intento, quando dois carros da polícia surgiram com suas sirenes.

_Leonel, a polícia!

Leonel foi o primeiro a tentar fugir, mas foi agarrado pelos populares. Edna não reagiu; parecia querer ser presa. E Klaus e Marlene já desceram do muro amparadas pelos policiais, que os levaram pros veículos sem que pusessem os pés no chão.

OS PORQUÊS, UM A UM AFINAL

Ao chegarem à delegacia, Edna foi a primeira a falar, "dar o serviço" como se diz na gíria policial: Klaus matara Regina Castelo no cortiço e naquela manhã, mataria a garota Maria Paula Ribeiro e a enterraria na cova do jardim. Ela, à última hora, rebelara-se contra o plano e discutira muito com o marido para que o abandonassem, mas concordara à noite em levar pra menina um refrigerante com narcótico, o que facilitaria a tarefa. O que não entendia era como um narcótico tão poderoso não fizera efeito. (Aqui uma risada da oncinha.)

Klaus, com um passado sujo, de conhecimento do patrão, Leonel Malheiros, disse que foi obrigado a fazer o que fez. Se se negasse, os dois, ele e Edna, perderiam seus empregos e ainda teriam complicações com a polícia. Em seguida, confirmou: matara Regina Castelo, ex-empregada de Leonel e mataria a menina logo ao amanhecer.

Gertrudes ou Marlene, cujo nome verdadeiro era Patrícia, naturalmente nunca fora assistente social. Disse ser noiva de Leonel há muitos anos e que o estava acompanhando naquela aventura até o fim.

Diante do bando, Pimpa cravou os olhos em Leonel e disse:

_Então o senhor é o meu "tio"?

_Sou primo de seu pai. – respondeu o ex-doutor Júlio, agora sem aquele branco nos cabelos e o ar de santo velhinho.

_Mas por que queria me matar?

_Não sabe mesmo?

_Não.

A essa altura, chegavam à delegacia o juiz de menores e a assistente Glória. Em seguida, avisados por um telefonema ao pensionato, surgiam juntos, Noel, dona Berenice e Marina.

Leonel, sentado, procurava manter-se calmo; era a hora da verdade.

_Quando seu pai abandonou dona Aurora, meteu-se numa pequena indústria e enriqueceu. Eu e Patrícia fomos trabalhar com ele. Seu receio era de que sua mãe soubesse da fortuna e fizesse exigências. Não queria dividir o que ganhara.

_O mundo está cheio de gente assim. – comentou o delegado.

_Mas... Ele tinha uma filha no interior e não desejava que a menina passasse necessidades. – disse Leonel. – Por meu intermédio, passou a mandar uma mesada à mulher, mas proibiu-me de dar notícias suas. Como dona Aurora precisaria de um endereço pra poder se comunicar, em caso de doença ou problemas graves, demos o de Regina Castelo. Ela havia sido minha empregada e além de apresentar a vantagem de não conhecer o pai de Pimpa, ainda era meio pancada. E assim foi até a morte do primo Evandro.

A calma de Leonel era apenas aparente; quis um copo d'água e depois fumar um cigarro.

_Continue. – pediu-lhe o advogado.

_Quando Evandro morreu, eu já era seu sócio minoritário. O que ganhei, empreguei na compra de uma casa muito cara. Levava vida de rico sem ter dinheiro. Isso não é nada bom.

Nesse ponto, Leonel fez outra parada, querendo lembrar-se do lance seguinte. Patrícia socorreu-o.

_Então chegou à Regina uma carta de dona Aurora dizendo que estava muito mal de saúde. A própria letra dela já indicada isso. Ela já sabia que o marido morrera, mas da fortuna, nada. Tivemos, digo, eu tive a idéia de visitá-la no interior. Iria como uma amiga seu marido, que lhe levaria algum dinheirinho, o único que ele deixara.

_Entendi. – disse o delegado. – Uma boa pessoa, disposta a ajudar, pra que ela nunca pensasse em requerer dinheiro nenhum.

_Não cheguei a falar com ela. – prosseguiu a bruxa. – Naquele dia, depois de se desfazer da casa, dona Aurora mudou-se com a filha para a capital. Tomei o mesmo ônibus em que elas viajaram e assisti sua morte.

_Por que não permitiu que eu a filmasse? – perguntou Noel, sem licença do delegado.

_Porque pretendia procurá-la aqui em São Paulo, sempre com a intenção de que ela não se inteirasse da fortuna do marido, deixada no espólio. Mas sua morte, no ônibus, deu-me outra idéia. Já que metade do problema fora resolvido pelo destino, podíamos nos encarregar de resolver a outra parte. Uma coincidência vinha nos ajudar. – acrescentou Gertrudes-Marlene-Patrícia. – A amnésia de Regina. Ela sabia onde Leonel morava, que era o que Pimpa desejava saber. Assim, Leonel internou-a no Lar São Leopoldo.

Pimpa, sentada perto do delegado, mexeu-se antes de fazer uma pergunta.

_E quanto ao nome de t... Leonel? Se eu soubesse, seria fácil encontrá-lo na lista telefônica.

Leonel tinha a resposta, para o que parecia ser um furo no seu plano.

_Eu sabia que Aurora não lembrava do meu sobrenome. Sei disso porque ela perguntou isso numa das cartas dirigidas à Regina. Sem o meu sobrenome e o endereço, você nunca iria me encontrar, Pimpa.

A "doce" noiva de Leonel de retomou a palavra. Dava-lhe algum prazer falar de seu belo trabalho.

_Depois do enterro de dona Aurora, ao qual estive presente á distância, Pimpa foi levada ao juizado. Se ela tivesse ficado sob a responsabilidade do juiz, teríamos desistido do plano. Mas quando ela foi levada à casa de dona Berenice, pude pô-lo em prática. A idéia era apresentar-se como assistente social e levar a menina pra nossa casa, onde seria assassinada.

_O resto, vocês sabem. – disse Leonel pra apressar o assunto. – A menina escapou da casa de Berenice, escapou do Parquinho da Viúva, do pensionato e quase escapa da casa da mulher dos cachorros, também. Aí, porém, seria mais difícil. Klaus estava perto, no Galaxie.

_Por que não a matou nessa ocasião com o carro? – perguntou a autoridade.

_Eu precisava conversar com Pimpa, saber se tinha alguma informação importante pra mim mesmo. E havia alguma coisa que tivesse contado a outras pessoas. E depois, um atropelamento fatal criaria problemas imediatos. Seria precipitação, não acham? Tudo ia bem. Regina, a única que poderia ter dado informações a meu respeito, já era carta fora do baralho.

_O quanto ao filme desse moleque, que nos deu um grande susto, já não havia mais o que temer. – disse Gertrudes-Marlene-Patrícia. – Mandamos um *office-boy* buscá-lo na casa dele e o destruímos.

_E depois pintaram o fusca de branco. – acrescentou Noel com ódio, imaginando sua obra-prima no fogo.

_Exatamente. – confirmou a bruxa da vassoura.

O delegado procurou ainda uma falha no plano de Leonel, achando tudo bem encaixadinho demais.

_Com a morte de dona Aurora e de Maria Paula, você seria o único herdeiro de seu primo, mas... Há sempre um mas.

_E qual é o seu, doutor?

_Enquanto a menina estivesse desaparecida, vocês não receberiam herança nenhuma. A justiça nada lhe entregaria sem uma prova cabal de sua morte. E como fazer isso? Mostrando o corpo no jardim?

Os olhos de todos se fixaram em Leonel Malheiros, à espera que ele admitisse seu erro. Uma das peças não se encaixava naquele jogo.

Leonel ainda sabia sorrir.

_Ela deixou uma trouxinha de roupas no carro de Patrícia. Íamos bordar seu nome em algumas. Passados alguns dias, o corpo seria retirado da cova provisória e encontrado em algum terreno baldio. Eu mesmo poderia ajudar a identificá-la. Imaginem quantas coisas más poderiam acontecer a uma garota perdida numa grande metrópole...

Concluído o depoimento, todos se levantaram. Pimpa e Lila puseram-se bem perto da bruxa, que por sinal ainda usava aquele perfume.

_Ái! – gritou ela, logo olhando pra mão. – Quem me arranhou?

Pimpa escondeu a oncinha nas costas sabendo muito bem que fora a autora do arranhão. É difícil controlar um felino.

E FORAM FELIZES POR MUITOS E MUITOS ANOS...

Pimpa não recebeu sua herança, evidentemente, o que só aconteceria na maioridade. Porém, teria direito á uma substancial mesada. A mansão de Leonel ficou com a justiça, pra ser leiloada; nem se tivesse direito á ela, Pimpa jamais tornaria a pisar lá. Preferia morar com dona Berenice e seus filhos, contribuindo com o pagamento das despesas.

Claro que logo que se desembaraçou de tudo, Pimpa foi, com Marina, até as pessoas que a tinham ajudado e levou-lhes presentes. Dona Carolina, Hugo Cassini e todo o pessoal do Parquinho da Viúva fizeram uma festa de verdade pra ela. Dona Noêmia, a dona do pensionato, pediu-lhe desculpas por ter duvidado de sua honestidade. E a Marta Vidal, a ex-atriz chorou o tempo todo ao revê-la enquanto a cachorrada saltava ao redor dela, especialmente Pimpão, que Pimpa pegou pra si. Pimpa levou comida para a cachorrada, prometendo repetir o banquete todos os meses.

Noel que soubera na delegacia e lera nos jornais todos os lances da fuga de Pimpa do castelo do falso doutor Júlio e da bruxa perfumada, lamentava.

_Puxa! Se eu estivesse lá com uma Super 8, vendo você andar sobre o muro, perseguida daquela maneira, faria o maior *travelling* da paróquia!

_*Travelling?* O que é isso?

_É uma grande tomada em movimento. Um *take* com muita ação. Linguagem técnica, sabe?

Beto, o caçula, apareceu com a Super 8, querendo seguir as pegadas do irmão. Assestou a filmadora.

_Dê um beijo nela. – ordenou ao irmão. – Eu filmo.

Noel ruborizou-se, hesitante. Era diretor, não ator.

_Você é bobo, Beto, não tem filme na maquina...

FIM